


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

JOICE ELIETE BOTER ZINGARELLI

**A REVISTA CRIANÇA FALA AOS
PROFESSORES: IMAGENS DE CRIANÇA E A
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**



ARARAQUARA
2016
JOICE ELIETE BOTER ZINGARELLI

ZINGARELLI, JOICE ELIETE BOTER
A REVISTA CRIANÇA FALA AOS PROFESSORES: IMAGENS
DE CRIANÇA E A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR / JOICE ELIETE
BOTER ZINGARELLI – 2016
130 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Prof.^a Dr.^a Alessandra Arce Hai

1. Educação Infantil. 2. Criança. 3. Educação pré-
escolar. 4. Revista Criança. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A REVISTA CRIANÇA FALA AOS PROFESSORES: IMAGENS DE CRIANÇA E A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista- UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Arce Hai

ARARAQUARA
2016

Joice Eliete Boter Zingarelli

A REVISTA CRIANÇA FALA AOS PROFESSORES: IMAGENS DE CRIANÇA E A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista- UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Arce Hai

Data da defesa: 24/02/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a Dr.^a Alessandra Arce Hai (PPGE/UFSCar)

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Paula Ramos (PPGE/UNESP)

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina G. Fernandes (PPGE/UFSCar).

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Michele Varotto (PPGE/UFSCar).

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Vera Tereza Valdemarim (PPGE/UNESP).

Membro Suplente: Prof.^a Dr.^a Janaína Cassiano Silva.

Membro Suplente: Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva UFSCar

Membro Suplente: Prof.^a Dr.^a Renata M. Moschen Nascente UFSCar.

Local: Universidade Estadual Paulista- UNESP/ Araraquara
Faculdade de Ciências e Letras

Dedico esse trabalho a meu marido Thiago que além de crer, entendeu os momentos de
fraqueza e ausência.
Em especial as minhas pequenas e amadas filhas Thaís e Theodora.

AGRADECIMENTOS

De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!
Fernando Sabino

Novamente estou envolta em um grande desafio: transformar em poucas palavras a gratidão que sinto por todos que me ajudaram direta ou indiretamente na realização desse trabalho de doutoramento. Em especial:

À minha querida orientadora Alessandra Arce Hai que com zelo, paciência e conhecimentos sempre esteve pronta a me ajudar, incentivar e orientar meus estudos.

Agradeço também meus pais que na simplicidade que possuem sempre valorizaram a educação. Obrigada Jorge e Sueli por me oferecerem a oportunidade de estudar e sempre estavam presentes valorizando cada etapa pela qual passei.

À minha irmã Jayne pela cumplicidade e amizade.

Aos amigos de longe e aos de perto que se orgulhavam a cada etapa ultrapassada e apoiavam a continuidade desse caminhar. Aos companheiros de turma que compartilharam angústias, indecisões e sucessos.

Agradeço ainda a Prefeitura Municipal de Araraquara que autorizou os momentos de estudos através de dispensa de parte da jornada de trabalho e os amiguinhos de trabalho que acompanharam essa trajetória, obrigada: Ana Cláudia, Cláudia, Daniel e Rita.

Não posso deixar de agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCLAR, pelas contribuições dadas nas disciplinas e nas rodas de conversa.

À coordenação e aos funcionários Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCLAR, que prontamente forneciam auxílio e esclareciam dúvidas.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Especialmente quero agradecer a meu marido Thiago pelo companheirismo nas horas difíceis nesse último ano. Agradeço pela sua crença que tudo daria certo. Obrigada!

Como agradecer a dois pequeninos bebês na execução de um estudo? Há muito a agradecer. Devo e quero agradecer a cada olhar, cada sorriso, cada gesto que aprenderam, enquanto eu sentada envolta entre livros e papéis espiava vocês crescerem. Obrigada minhas pequenas Thaís e Theodora por tanto amor!

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
colhidos no mais íntimo de mim...

Suas palavras
seriam as mais simples do mundo,
porém não sei que luz as iluminaria
que terias de fechar teus olhos para as ouvir...

Sim! Uma luz que viria de dentro delas,
como essa que acende inesperadas cores
nas lanternas chinesas de papel!

Trago-te palavras, apenas... e que estão escritas
do lado de fora do papel... Não sei, eu nunca soube o que dizer-te
e este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento
da poesia...

como
uma pobre lanterna que incendiou!

Mario Quintana

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo as publicações da Revista Criança. As edições analisadas compreendem os anos de 1986 a 2002, do número 15 ao número 37. Inicialmente realizamos a observação da materialidade e da organização das publicações, com uma descrição das revistas, evidenciando a diagramação e a organização dos artigos, ou seja, fizemos um mapeamento da publicação. Além disso, realizamos uma análise das capas e dos artigos da revista observando as alterações que ocorreram em cada edição. Objetivamos apresentar e analisar uma seleção de 121 textos e de imagens de sugestões de atividades com o objetivo de observar que tipo de relação entre docente e criança era sugerida, a forma como a criança foi concebida e de que forma o professor é estimulado a vê-la através dos artigos selecionados da Revista Criança. Conclui-se ao final dos três capítulos que foi constituída uma imagem de criança estereotipada e dessa forma, procuramos problematizar a imagem de criança que a publicação da Revista Criança construiu em suas edições. Esperamos que o estudo desses materiais contribua para a (re) construção e o entendimento de como a história do atendimento a crianças menores de seis anos influencia a história da Educação Infantil no país.

PALAVRAS CHAVE: Educação Infantil, Criança, Educação pré-escolar, Revista Criança.

ABSTRACT

This work has as object of study publications of magazine *Revista Criança*. The analyzed issues include the years from 1986 to 2002, from number 15 to number 37. Initially, we perform the observation of publication's materiality and organization, with a description of the magazines, showing the layout and organization of articles, ie, we made a mapping of publication. In addition, we conducted an analysis of magazine's covers and articles, noting the changes that have occurred in each issue. We aim to present and analyze a 121 texts and activity suggestions' images selection in order to observe what kind of relationship between teacher and child was suggested how the child was conceived, and how the teacher is encouraged to see it through the selected articles from *Revista Criança*. The conclusion at the end of the three chapters consisted of a child stereotyped and we seek to problematize the child image that the publication of the *Revista Criança* built in its editions. We hope that the study of these materials contribute to the (re) construction and understanding of how the history of children's care under six years influences the country's education history.

KEYWORDS: Early Childhood Education, Child, Preschool Education, *Revista Criança*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Número de produções acadêmicas no Brasil de acordo com o Banco de Dados da CAPES	16
Tabela 2	Trabalhos com o enfoque diferente do proposto	17

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Organização das tiragens da Revista Criança.	26
Quadro 2	Organização dos anos de publicação da Revista Criança.	28
Quadro 3	Organização do órgão responsável pela publicação da Revista Criança.	30
Quadro 4	Organização dos artigos analisados da publicação da Revista Criança.	31
Quadro 5	Organização dos documentos oficiais do Ministério da educação.	80
Quadro 6	Organização por autores com as respectivas temáticas dos artigos e título dos textos	86
Quadro 7	Organização das seções Sua Carta, nossa resposta.	93

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Avaliando a Revista Criança	28
Figura 2	Capa Revista Criança nº 15	44
Figura 3	Capa Revista Criança nº 16	45
Figura 4	Capa Revista Criança nº 17	46
Figura 5	Capa Revista Criança nº 18	47
Figura 6	Capa Revista Criança nº 19	48
Figura 7	Capa Revista Criança nº 20	49
Figura 8	Capa Revista Criança nº 21	50
Figura 9	Capa Revista Criança nº 22	51
Figura 10	Capa Revista Criança nº 24	52
Figura 11	Capa Revista Criança nº 23	53
Figura 12	Capa Revista Criança nº 25	54
Figura 13	Capa Revista Criança nº 26	55
Figura 14	Capa Revista Criança nº 27	56
Figura 15	Capa Revista Criança nº 28	57
Figura 16	Capa Revista Criança nº 29	58
Figura 17	Capa Revista Criança nº 30	59
Figura 18	Capa Revista Criança nº 31	60
Figura 19	Capa Revista Criança nº 32	61
Figura 20	Capa Revista Criança nº 33	62
Figura 21	Capa Revista Criança nº 34	63
Figura 22	Capa Revista Criança nº 35	64
Figura 23	Capa Revista Criança nº 36	65
Figura 24	Capa Revista Criança nº 37	66
Figura 25	História em quadrinhos Revista número 15	70
Figura 26	História em quadrinhos Revista número 16	71
Figura 27	História em quadrinhos Revista número 17	72
Figura 28	História em quadrinhos Revista número 18	73
Figura 29	História em quadrinhos Revista número 19	74
Figura 30	História em quadrinhos Revista número 21	75
Figura 31	História em quadrinhos Revista número 22	75
Figura 32	História em quadrinhos Revista número 23	75

Figura 33	História em quadrinhos Revista Edição Extra	77
Figura 34	Modelo de atividade 1.	97
Figura 35	Modelo de atividade 2.	98
Figura 36	Modelo de atividade 3	100
Figura 37	Modelo de atividade 4	100
Figura 38	Modelo de atividade 5	101
Figura 39	Modelo de atividade 6	102
Figura 40	Modelo de atividade 7	103
Figura 41	Modelo de atividade 8	104
Figura 42	Modelo de atividade 9	105
Figura 43	Modelo de atividade 10	106
Figura 44	Modelo de atividade 11	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPQ	Conselho Nacional De Desenvolvimento Científico E Tecnológico
COEPRE	Coordenação de Educação Pré-Escolar
FAE	Fundação De Assistência Ao Estudante
GIPS	Grupo Interdisciplinar De Pesquisa Da Subjetividade
INFOC	Grupo De Pesquisa Sobre Infância, Formação E Cultura
ISESP	Instituto Singularidades De São Paulo De Pedagogia
LDB	Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional
MEC	Mistério Da Educação
MOVA	Movimento De Alfabetização De Jovens E Adultos
NIMESC	Núcleo Interdisciplinar De Memória, Subjetividade E Cultura.
OMEP	Organização Mundial De Educação Pré-Escolar
PUC/RJ	Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro
REVISTA CRIANÇANEI	Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil
REVISTA CRIANÇA	Revista Criança
UFMG	Universidade Federal De Minas Gerais
UNESA	Universidade Estácio De Sá
UNESCO	Organização Das Nações Unidas Para A Educação, A Ciência E A Cultura.
UNESP/ARARAQUARA	Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” – Campus Araraquara

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 MATERIALIDADE E ORGANIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA CRIANÇA.	21
3 APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS CAPAS DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA CRIANÇA.	42
3.1 As capas da Revista	43
3.1.1 Publicação número 15	43
3.1.2 Publicação número 16	45
3.1.3 Publicação número 17	46
3.1.4 Publicação número 18	47
3.1.5 Publicação número 19	48
3.1.6 Publicação número 20	49
3.1.7 Publicação número 21	50
3.1.8 Publicação número 22	51
3.1. 9 Publicação número 23	52
3.1.10 Publicação número 24	53
3.1. 11 Publicação número 25	54
3.1. 12 Publicação número 26	55
3.1. 13 Publicação número 27	56
3.1. 14 Publicação número 28	57
3.1. 15 Publicação número 29	58
3.1. 16 Publicação número 30	59
3.1. 17 Publicação número 31	60
3.1. 18 Publicação número 32	61
3.1. 19 Publicação número 33	62
3.1. 20 Publicação número 34	63
3.1. 21 Publicação número 35	64
3.1.22 Publicação número 36	65
3.1. 23 Publicação número 37	66
3.2 As histórias em quadrinhos.	69
3.2.1 Publicações número 15:	69
3.2.2 Publicação número 16:	71

3.2.3 Publicação número 17:	72
3.2.4 Publicação número 18:	73
3.2.5 Publicação número 19:	74
3.2.6 Publicação número 21:	75
3.2.7 Publicação número 22:	75
3.2.8 Publicação número 23:	76
3.2.9 Publicação Extra	77
3.3 Algumas conclusões	77
4- A CRIANÇA NOS ARTIGOS DA REVISTA CRIANÇA	85
4.1 Apresentação dos artigos publicados do número 15 ao número 37 da Revista Criança.	85
4.2. Algumas Conclusões	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
BIBLIOGRAFIA	125

1 INTRODUÇÃO

A proposição desta pesquisa de doutoramento é resultado da inquietação que se originou nos trabalhos de pesquisa de mestrado realizado na Universidade Federal de São Carlos/UFSCar com a temática: “A ampliação do ensino fundamental de nove anos na escola pública e na escola privada: a experiência de Araraquara”, através da qual me deparei com publicações diversas sobre as concepções de infância e desenvolvimento infantil no transcorrer da história da educação de crianças menores de seis anos.

O gosto pelos estudos referentes ao desenvolvimento do sentimento, das concepções de infância e desenvolvimento infantil permeou minha história enquanto estudante e enquanto profissional da educação. A ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos de duração com inserção das crianças de seis anos fomentou questionamentos acerca do atendimento oferecido nas escolas públicas e privadas de Araraquara-SP e o trabalho de mestrado foi organizado, evidenciando a concepção de ensino e de aprendizagem do município para crianças de seis anos das escolas públicas e das escolas privadas.

Após a conclusão do curso de mestrado em contato com o grupo de pesquisa em História da Educação e Educação Infantil, coordenado pela minha orientadora, entrei em contato com a área de História da Educação. Em especial passei a integrar um dos eixos do grupo que se dedica a investigar a história do atendimento a crianças menores de cinco anos no Brasil. O trabalho com periódicos educacionais tem sido um dos caminhos utilizados para as investigações realizadas no grupo, e foi a partir dos estudos e discussões que chegamos à escolha da Revista Criança, que foi uma publicação destinada à formação de profissionais que atuam com crianças pequenas e também como instrumento de disseminação da política nacional de educação infantil no período de 1982 a 2007.

Para este trabalho optamos por analisar as publicações do período de 1986 a 2002, período que a educação Infantil no Brasil começa a ser pensada e alguns avanços podem ser notados, como por exemplo, definição da modalidade como primeira etapa da educação básica antecedendo o ensino fundamental e o ensino médio. O período anterior de publicação da revista já foi analisado em trabalho de mestrado escrito por Arce (1987). Nesse período a revista encontrou-se organicamente ligada ao MOBREAL, constituindo-se em veículo de divulgação dos preceitos pedagógicos construídos por essa instituição.

A hipótese inicial dessa pesquisa é de que há no decorrer da publicação da Revista a partir da constituição do que seria a relação a ser travada entre a professora e seus alunos a construção de uma determinada imagem de criança. Assim nosso objetivo de pesquisa configura-se no compreender, apreender e analisar a imagem de criança apresentada e veiculada pela Revista Criança. Para tanto optamos no corpo da Revista por analisar o conjunto das capas, bem como histórias em quadrinhos contidas em alguns números da Revista. Agregando possibilidades a esse material trabalhamos também com artigos voltados para amparar o trabalho pedagógico a ser realizado pelo professor de Educação Infantil junto a seus alunos. Acreditamos que esses dois materiais nos possibilitaram explicitar uma determinada imagem de criança veiculada pelo periódico construída a partir da relação travada no ato do trabalho pedagógico em sala de aula.

Com a intenção de averiguar se já haviam sido realizadas pesquisas com esse caráter, fizemos um levantamento das produções que abordam publicação da Revista Criança no Banco de Teses e Dissertações da CAPES; PPGE/UFSCar; Biblioteca Digital da UNICAMP; e acervo digital da Biblioteca Nacional. Para realização da busca dos trabalhos foram utilizados os seguintes descritores: Revista Criança e Educação Infantil

TEMÁTICA	MESTRADO	DOCTORADO	TOTAL
Revista Criança	03	01	04
Educação Infantil	84	25	109
TOTAL	87	26	113

Tabela 01: Número de produções acadêmicas no Brasil de acordo com o Banco de Dados da CAPES. **FONTE:** Dados de pesquisa bibliográfica organizados pela pesquisadora

Dentre os trabalhos levantados, observamos que os descritores referentes à Educação Infantil não revelaram estudos referentes à publicação. Já no que concerne o descritor Revista Criança, encontramos quatro trabalhos com enfoque diferente do qual nos propusemos. São eles:

Autor	Título	Instituição	Ano	Nível	Objetivo da pesquisa
Ana Maria Orlandi Tancredi de Carvalho	<i>Políticas Nacionais de Educação Infantil: Mobral, Educação Pré-escolar e Revista Criança.</i>	Universidade Estadual de Campinas	2006	Doutorado	A tese de doutoramento de Carvalho buscou investigar nas publicações da Revista Criança e nos documentos que antecederam sua publicação no período de 1982 a 1985 (edição 01-a 14) como o pensamento político do MEC foi divulgado durante a ditadura militar.
Clair Moron dos Santos Alcântara	<i>A presença da Psicologia na Educação Infantil: Análise das produções da Revista Criança/MEC</i>	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	2005	Mestrado	Essa dissertação analisou as publicações número 30 a 37 (1998-2005), visando verificar a presença do conhecimento psicológico nos artigos da publicação.
Jani Alves Da Silva	<i>Políticas Públicas Para A Educação Infantil Em Revistas Dirigidas: Uma Análise Da Revista Nova Escola E Revista Criança Na Década De 1990</i>	Universidade Estadual De Maringá	2006	Mestrado	O trabalho discute as políticas públicas para a Educação Infantil no período de 1990 a 2000 (edição 21 a 34). No conjunto de enunciações das revistas Nova Escola (Editora Abril) e Criança (MEC), procurando distinguir as categorias discursivas que compõem a trama de conceitos de: <i>Qualidade</i> , <i>a</i> , <i>descentralização</i> e <i>Focalização</i> .
Wanessa Gorri De Oliveira	<i>A Imprensa Pedagógica Como Fonte E Objeto Para Uma Escrita Da História Da Educação: Em Destaque A Prática Pedagógica Sugerida Ao Professor De Educação Infantil Pela Revista Criança (1996-2006)</i> Wanessa	Universidade Estadual De Maringá	2011	Mestrado	A dissertação de mestrado procurou analisar a Revista Criança do Professor de Educação Infantil, no intervalo entre os anos de 1996-2006, e o objetivo central foi observar se a mesma procurou balizar a prática Pedagógica do professor de Educação Infantil.

Tabela 02: Trabalhos com o enfoque diferente do proposto. **FONTE:** Dados de pesquisa bibliográfica organizados pela pesquisadora

Nessa tese ao fazermos a opção por trabalhar com um periódico educacional pouco explorado, como demonstrado acima, tomaremos como ponto principal o mapear. Na perspectiva do trabalho de publicações periódicas Catani (1994) destaca que, a realização de estudos que se centrem no mapeamento de temáticas ou mesmo da materialidade dessas publicações para evidenciar como o conhecimento pedagógico é divulgado para docentes, são significativos por possibilitarem que se estabeleçam relações sobre como o discurso da construção do conhecimento é realizado. Compreendemos ainda, pautados no trabalho de Catani, que os periódicos embora nos possibilitem esse mapear, essa aproximação com o processo de construção, apropriação e disseminação de conhecimentos, esses se constituem como intermediários entre as políticas e o trabalho docente:

(...) as revistas especializadas em educação, no Brasil e em outros países, de modo geral, constituem uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional enquanto fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico e o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas que emergem do espaço profissional. Por outro lado, acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida dessas revistas permite conhecer as lutas por legitimidade, que se travam no campo educacional. É possível analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam instaurar as práticas exemplares.
(CATANI, 1994, p.60)

A imprensa pedagógica, segundo Depaepe (2000), assim não nos apresenta apenas imagens idealizadas, por vezes seus editores e autores traduzem em suas páginas interpretações, metamorfoses sofridas por ideias, teorias em seu processo de apropriação e transcrição para que sejam 'utilizáveis' na prática escolar cotidiana. Forma-se um discurso sobre a prática para a prática que precisa ser adaptado para inserir-se nas salas de aula. Discurso esse que não é inocente, mas sim intencionalmente construído para atender demandas de grupos, indivíduos, políticas públicas, etc. Portanto, segundo Depaepe (2000), os periódicos constituem-se em um caminho para entrarmos no interior das escolas, espiarmos ainda que rapidamente, ainda que com as grades, de espiarmos algo que não mais existe.

Não perdemos de vista em nossas análises que o processo de divulgação e construção de saberes no campo educacional é permeado pelo que Depaepe (2000, p.

43-44) aponta como ‘paradoxo pedagógico’, onde os objetivos educacionais por vezes podem se chocar ou for à contramão dos resultados. Esse paradoxo nos dá a dimensão contraditória entre o pensar, o fazer e o produto da ação, ou seja, o resultado.

Portanto, quando olhamos, analisamos e descrevemos o corpus documental dessa tese, temos em mente que esse material traz um processo de apropriação complexo visando à construção de um discurso prático. Discurso esse a ser inserido na sala de aula pelo professor que já possui um discurso prático traduzido em uma prática. Esse material se chocará com uma escola não tão aberta quanto pode parecer ao ‘novo’, esse material irá encontrar certo conservadorismo. Conservadorismo esse, de acordo com Tyack & Cuban (1995), que marca a continuidade presente no interior das escolas para além das constantes tentativas de reformá-la em responder a demandas, ou melhor, a tentativa de solução de problemas que estão muitas vezes além das possibilidades dos bancos escolares.

Assim compreendemos que ao descrevermos, analisarmos e apresentarmos a imagem de infância divulgada nesse periódico a tomamos como um objetivo a ser atingido e, não como resultado sendo divulgado.

Para tanto, organizamos o trabalho em três capítulos e inicialmente foi realizado no capítulo 1: Materialidade e organização das publicações da Revista Criança na descrição geral da materialidade das revistas, evidenciando a diagramação e a organização dos artigos, ou seja, fizemos um mapeamento da publicação, pontuando os seguintes aspectos:

- Objetivo do periódico, no transcorrer dos anos;
- Periodicidade das publicações;
- Tipo de seções apresentadas em cada edição;
- Alterações no aspecto gráfico e no conteúdo dos artigos;
- Tiragem de cada publicação;
- Data da publicação de cada edição;
- Órgão responsável por cada edição;
- Temas abordados nas revistas;
- Levantamento das temáticas abordadas;
- Autores que escreveram mais de um artigo para a publicação;

No capítulo 2: Apresentação e organização das capas das publicações da Revista Criança. Apresentamos através das capas e histórias em quadrinhos presentes nas edições analisadas qual imagem de criança foi construída e divulgada aos docentes. Também observamos nessas imagens os seguintes itens:

- Design gráfico;
- Artigos selecionados como destaque;
- Tipo de imagens utilizadas;
- Fontes usadas;
- Apresentação do título.

No terceiro capítulo intitulado: A criança nos artigos da Revista Criança, objetivamos apresentar e analisar uma seleção de 121 textos e de imagens de sugestões de atividades com o objetivo de observar que tipo de relação entre docente e criança era sugerida, bem com a criança é concebida e de que forma o professor é estimulado a vê-la através dos artigos selecionados da Revista Criança.

Ao final dos três capítulos passamos a descrever nossas considerações finais acerca da análise das publicações e pontuamos com apoio na constituição e nos documentos da educação infantil que no período de 1986-2002 foi constituída uma imagem de criança estereotipada. Dessa forma, procuramos problematizar a imagem de criança que a publicação da Revista Criança construiu em suas edições e esperamos que o estudo desses materiais contribua para a (re) construção e o entendimento de como a história do atendimento a crianças menores de seis anos reflexão da história da Educação Infantil no país.

2 MATERIALIDADE E ORGANIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA CRIANÇA

Alguns estudiosos têm destacado a importância dos estudos da materialidade do de periódicos, utilizamos como referência os estudos de Denice Catani, que destaca as potencialidades dos estudos sobre periódicos educacionais ao mesmo tempo em que vêm desenvolvendo projetos de pesquisa dedicados à própria sistematização de fontes necessárias a tais estudos. No texto: “Ensaio sobre produção e circulação dos saberes pedagógicos”, a autora chama a atenção para os processos de produção e circulação dos saberes pedagógicos, destacando que “uma história da gênese das proposições, saberes e práticas relativos à escola precisa ser acompanhada de uma análise dos mecanismos de circulação nacional e internacional dessas produções.” (CATANI, 1994).

Portanto, privilegiar as Revistas Pedagógicas como fonte primordial da investigação deveu-se à percepção desse material como particularmente interessante no que diz respeito ao fornecimento de indicações sobre a circulação do discurso educacional especializado. Dessa forma, passamos a analisar a materialidade das publicações da Revista Criança.

A Revista Criança constitui-se como publicação destinada à formação de profissionais que atuam com crianças pequenas e também como instrumento de disseminação da política nacional de educação infantil. A publicação foi distribuída gratuitamente para profissionais vinculados as escolas públicas ou privadas sem fins lucrativos, conveniadas ao poder público. O Ministério da Educação encaminhava as revistas para as secretarias de educação que por sua vez eram responsáveis por encaminhá-las as unidades educativas de Educação Infantil.

As publicações da Revista Criança tiveram início no ano de 1982 (publicação 01) e findaram-se no ano de 2007 (publicação 45). Passando por momentos distintos da política educacional brasileira. Vale mencionar que na publicação número 01 foi justificado a escolha do título da publicação e conseqüentemente anunciado seu objetivo: “Ao pensarmos no nome Criança, estamos não só valorizando o dinamismo e as relações infantis, mas revelando a séria intenção de contribuirmos para a melhoria do trabalho do monitor com os nossos pré-escolares, através desta publicação.” (REVISTA CRIANÇA. São Paulo: **Sessão Apresentação**, ed. nº 01, p.01, maio/junho de 1982). Na edição nº 15 o objetivo anunciado é retomado, porém, não perde sua intenção inicial de auxiliar o monitor/docente: “A proposta da Revista Criança é

estimular o debate e a análise de alguns temas relativos ao trabalho na pré-escola, bem como dar sugestões de atividades, jogos ou materiais que podem ser feitos com as crianças.” (REVISTA CRIANÇA. São Paulo: **Sessão Recado ao Professor**, ed. nº 15, p. 01, agosto de 1986). Para fins deste estudo realizamos a análise das publicações do número 15 ao número 37.

A partir do recorte temporal ao qual se destina este estudo, passamos a analisar 22 publicações no aspecto geral de sua edição, observando as seguintes características de sua diagramação:

- **Formato:** As edições analisadas apresentam formato aproximadamente de 20x27 cm,
- **Número geral de páginas:** o número de páginas das publicações variou de 17 a 45 páginas.
- **Tipo de impressão:** as publicações somente apresentaram uso de cores na capa e contracapa. No interior mantiveram-se letras, fotos e desenhos em escala de cinza.
- **Tipo de papel:** o papel utilizado foi simples: Offset até a publicação número 30, posteriormente usou-se um papel de melhor qualidade, do tipo Couchê.

As revistas apresentaram seções permanentes, sendo as seguintes:

- **Sua carta, nossa resposta**, nesta seção um determinado autor responde dúvidas de docentes, através de sugestões de trabalho com as crianças;
- **Pré-escolar em ação** é um espaço voltado para relatos de trabalhos na intenção de socializar ações desenvolvidas na atuação com as crianças;
- **Brinquedos e brincadeiras**, nesta seção uma coletânea de atividades sugeridas para uso em aula é desenvolvida com a temática: brinquedos e brincadeiras. É realizada uma explicação detalhada do material a ser utilizado, bem como a preparação do espaço para o desenvolvimento da atividade, inclusive com consignas prontas que o educador deveria utilizar;
- **Mãos à obra**, na qual os procedimentos de confecção de materiais são detalhados como, por exemplo, confecção de brinquedos, bonecos, instrumentos musicais (até a publicação número 23 e com o nome de **Criança Sugere** nas edições número 26, 27 e 28 são retomadas

sugestões de atividades). Vale destacar que há uma publicação denominada de Publicação Extra que reúne vários jogos apresentados na seção Mãos à obra, porém não há o registro da data de publicação desta edição.

Além das seções permanentes as publicações apresentam aproximadamente três artigos por edição com temas variados, mas voltados para auxiliar a atuação do educador da Educação Infantil.

A publicação de número 20 foi organizada de maneira diferente das edições anteriores. Nela é apresentada uma coletânea de artigos que foram utilizados no Projeto de Capacitação à Distância voltado para professores da pré-escola no município do Rio de Janeiro em 1987. A capacitação foi realizada com o objetivo de incentivar uma reflexão sistemática sobre os problemas vivenciados na prática educativa. Foram apresentados dezenove artigos com autores com mais de um artigo, sendo eles:

- **Pré-escola: (re) começando o trabalho**, Sônia Kramer;
- **Vencer os preconceitos: um desafio no dia-a-dia do professor**, Solange Jobim e Souza;
- **Adaptação da Criança**, Solange Jobim e Souza e Silvia Graciosa Botelho;
- **Reflexão de uma professora sobre a utilização do tema integrado**, Márcia Fonseca Alvim Hudson Cadinha;
- **Por que trabalho diversificado?** Yara Prado Maia de Faria;
- **Existe algum “jeitinho” para se criar atividades?** Anna Maria Gonçalves Weigel;
- **Você acredita?** Criar e dramatizar a partir de um só material, Anna Maria Gonçalves Weigel;
- **Conquistando o mundo da fala**, Solange Jobim e Souza;
- **A escola e a linguagem da criança**, Sônia Kramer,
- **Alfabetização: iniciando uma conversa com os professores**, Solange Jobim e Souza;
- **Alfabetização: refletindo sobre a prática**, Solange Jobim e Souza;
- **Livros de histórias- sempre importantes**, Letícia Braga Santoro;

- **Ilustrações e imagens... devaneio de crianças e adultos**, Letícia Braga Santoro;
- **Música: - ih! De novo? Ou –Ah! Que bom!** Anna Maria Gonçalves Weigel;
- **Conversando um pouco sobre artes plásticas**, Ana Elizabeth Saraiva Malaspina;
- **Exercícios mimeografados: usá-los ou não na pré-escola?** Sônia Kramer;
- **Uma criança está agressiva: o que fazer?** Sônia Kramer;
- **A criança descobrindo seu corpo e suas funções**, Márcia Fonseca Alvim Hudson Cadinha;
- **Vamos avaliar?** Silvia Maria Graciosa Botelho.

A partir da publicação de número 21 há uma nova mudança à revista passa a ser elaborada através de um tema central, dessa forma um artigo é apresentado e as seções permanentes da publicação apresentam sugestões dentro do tema abordado. As seções da revista foram modificadas e ficaram da seguinte forma:

- **Variiedades**, na contracapa da revista com sugestões de jogos e histórias em quadrinhos, todos relacionados aos artigos constantes da publicação;
- **Entrevistas**, com diversos estudiosos com temas variados;
- **Brinquedos e brincadeiras**, sugestões de brincadeiras;
- **Mãos à obra são** apresentadas experiências de ciências;
- **Sugestões de livros infantis**, uma sinopse de dois a três livros infantis é apresentada como sugestão para a leitura com as crianças.

As publicações continuam com outros artigos, além do artigo central com temas variados, porém destinados a auxiliar a ação educativa.

Na publicação de número 22 novamente a revista é modificada, agora somente com a inserção de uma nova seção denominada **Espaço aberto** com a participação de educadores relatando suas experiências.

A edição de número 23 novamente apresenta novidades, a revista que era editada pela FAE (Fundação de Assistência ao Estudante) passa a ser elaborada em parceria do

MEC com a OMEP (Organização Mundial para Educação Pré-Escolar). As seções permanentes não são mais apresentadas e novamente coloca-se uma coletânea de artigos que versam sobre variados aspectos pedagógicos. São eles:

- **Rua que te quero criança**, Sebastião Rocha;
- **A evolução da auto-expressão da criança**, Ana Rosa de Oliveira Beal;
- **Promovendo o desenvolvimento da criança**, Maria Elena Girade Correa;
- **CRECHE Obstáculos que estimulam**, Maria Lúcia Thissen;
- **Riscos... rabiscos; e colagem**, Cláudia Mércia Ramos Batista;
- **O resgate social da criança na pré-escola**, Maria Helena Novaes Mira;
- **Recado ao educador da pré-escola pública**, Rita de Cássia R. Soares Dória;
- **Brincando e aprendendo matemática**, Edvirges Rodrigues Liberado Ruiz;
- **‘Momentos’**, Ana Rosa Beal;

Na edição de número 24 é realizada uma proposta de avaliação da publicação, na qual docentes poderiam enviar um questionário denominado “Avaliando a Revista”. O questionário era composto de 6 questões, nas quais os docentes deveriam responder sobre:

- Número de Revista Criança que já leu;
- Temas para artigos como, questões sociais da infância, relatos de experiências, orientações de conduta, etc.;
- Assuntos referentes às diversas áreas do conhecimento que os docentes gostariam que fossem publicados, como por exemplo, desenvolvimento cognitivo, agressividade, brincar, matemática, etc.;
- Participação ou não do docente em treinamentos, nos quais foram utilizados artigos da revista;
- Qual artigo mais gostou da edição 24;
- Sugestões para próximos números.

Na publicação de número 26 a Revista Criança é reformulada mais uma vez, mas agora atendendo as sugestões dos 350 docentes que enviaram o questionário de

avaliação. As alterações recorrentes foram de acordo com uma carta ao professor, as seguintes:

- Inclusão de uma seção com informativo de eventos, congressos, cursos e livros (agenda);
- Inclusão de um espaço para correspondência com leitores;
- Manutenção de seções permanentes:
- Relatos de experiência;

As alterações foram no conteúdo da publicação e no aspecto gráfico. Nota-se que a quantidade dos tipos de letras utilizados foi reduzida, bem com a disposição do texto ficou mais cuidadosa. As fotografias utilizadas nos artigos e seções têm referência clara com tema abordado.

Na publicação de número 36 uma nova seção é adicionada a revista com artigos variados sobre um mesmo tema: Seção Caleidoscópio.

As tiragens das publicações não mantiveram um padrão no número de publicações:

Edição	Tiragem
Publicação número 15	60 mil exemplares
Publicação número 16	60 mil exemplares
Publicação número 17	60 mil exemplares
Publicação número 18	66 mil exemplares
Publicação número 19	66 mil exemplares
Publicação número 20	45 mil exemplares
Publicação número 21	45 mil exemplares
Publicação número 22	45 mil exemplares
Publicação número 23	45 mil exemplares
Publicação número 24	20 mil exemplares
Publicação número 25	40 mil exemplares
Publicação número 26	75 mil exemplares
Publicação número 27	75 mil exemplares
Publicação número 28	95 mil exemplares
Publicação número 29	120 mil exemplares
Publicação número 30	120 mil exemplares
Publicação número 31	130 mil exemplares
Publicação número 32	120 mil exemplares
Publicação número 33	120 mil exemplares

Publicação número 34	150 mil exemplares
Publicação número 35	150 mil exemplares
Publicação número 36	150 mil exemplares
Publicação número 37	150 mil exemplares

QUADRO 1: Organização das tiragens da Revista Criança. **Fonte:** Dados da pesquisa organizados pela pesquisadora. Revista Criança. 1986-2002.

Nota-se que a periodicidade das edições não obedecia a uma ordem comum e de acordo com cada período/ responsabilidade técnica eram publicados um determinado número de revistas, variando de uma publicação ao ano a três publicações. As publicações da Revista Criança de número 23 a número 30 não apresentaram o mês de sua publicação, somente o ano.

Dentre as tiragens destacamos que na publicação número 24 houve uma redução para 20 mil exemplares, tal publicação foi feita no ano de 1993 momento em que a responsabilidade da publicação da revista era do MEC em parceria com OMEP, parceria que se finalizou na edição número 25. Outro ponto que nos chama a atenção é que justamente na edição 24 foi proposta aos leitores que realizarem uma avaliação da revista, respondendo a um questionário.

AVALIANDO A REVISTA CRIANÇA

Para continuar recebendo a Revista Criança, preencha o questionário abaixo e informe seu nome e endereço completo.

Nome: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade _____ UF _____

Escolaridade (completa): 1º Grau 2º Grau Superior

Função: Professor Diretor Coordenador Outro

Tempo de serviço na área educacional (em anos)

1 - Quantos números da Revista Criança você já teve oportunidade de ler?

2 - Na sua opinião, a Revista Criança deve publicar, preferencialmente, artigos que tratem de (Marque com um X, no quadrinho):

Aspectos teóricos do desenvolvimento infantil

Fundamentos da prática pedagógica na educação infantil

Orientações para a conduta do professor

Relatos de experiências

Sugestões de atividades

Sugestões para confecção de material didático

Questões sociais da infância no Brasil!

Outros. Especificar _____

Dobre aqui

3 - Assuntos que você mais gostaria que fossem abordados na Revista:

Socialização da criança Matemática

Afetividade Língua Portuguesa

Desenvolvimento cognitivo Ciências

O brincar e a criança Artes Plásticas

Sexualidade Infantil Música

Agressividade Dança

4 - Você já participou de treinamentos ou reuniões de estudo em que foi utilizado algum artigo da Revista Criança? SIM NÃO

5 - Qual o artigo de que você mais gostou neste número (24) da Revista?

6 - Escreva suas sugestões para os próximos números (quanto a temas, seções, formato, linguagem, profundidade no tratamento dos temas, tamanho dos artigos, ilustrações, etc):

FIGURA 1: Avaliando a Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 24, 1993.

As publicações de número 15 a 37 foram publicadas nos seguintes anos:

Número da publicação	Mês/ Ano da publicação
Revista número 15	Agosto de 1986
Revista número 16	Outubro de 1986
Revista número 17	Maio de 1988
Revista número 18	Novembro de 1988
Revista número 19	Dezembro de 1988
Revista número 20	Janeiro 1989
Revista número 21	Dezembro de 1990

Revista número 22	Dezembro de 1990
Revista número 23	1992
Revista número 24	1993
Revista número 25	1993
Revista número 26	1994
Revista número 27	1994
Revista número 28	1995
Revista número 29	1996
Revista número 30	1997
Revista número 31	Novembro 1998
Revista número 32	Junho de 1999
Revista número 33	Dezembro de 1999
Revista número 34	Dezembro de 2000
Revista número 35	Dezembro de 2001
Revista número 36	Junho de 2002
Revista número 37	Novembro de 2002

QUADRO 2: Organização dos anos de publicação da Revista Criança. Fonte: Dados da pesquisa organizados pela pesquisadora. Revista Criança 1986-2002.

Nos anos de 1987, 1991 não constam publicações da Revista e não constam explicações nas publicações que sequeles dos motivos da pausa de um ano entre uma publicação e outra. Um fato que destacamos é a alteração do órgão responsável pela publicação após o intervalo das publicações, o que é possível notar no quadro a seguir:

Ano	Número de publicações	Órgão responsável pela publicação
1986	02	MEC/ COEPRE
1987	Não foram encontradas publicações	
1988	03	MEC/FAE
1989	01	MEC/FAE
1990	02	MEC/FAE
1991	Não foram encontradas publicações	
1992	01	MEC/OMEP
1993	02	MEC/OMEP
1994	02	MEC
1995	01	MEC
1996	01	MEC/UNESCO
1997	01	MEC/UNESCO
1998	01	MEC/UNESCO
1999	02	MEC/UNESCO
2000	01	MEC
2001	01	MEC
2002	02	MEC/UNESCO

QUADRO 3: Organização do órgão responsável pela publicação da Revista Criança.
Fonte: Dados da pesquisa organizados pela pesquisadora. Revista Criança 1986-2002.

Os temas tratados nas publicações do período de 1986 a 2002 dizem respeito a assuntos variados que não são interligados em todas as seções e serão tratados no capítulo subsequente, no qual apresentaremos os temas e as capas das publicações.

Desta forma, prosseguimos com a apresentação dos artigos para reflexão docente e /ou relatos de experiências. Encontramos artigos e/ou relatos de experiência nas seguintes seções: Entrevista, Caleidoscópio, Artigos, Relatos, Sua Carta, nossa resposta, Espaço aberto, Pré-escolar em ação, Projetos e Língua, Ciência e Arte.

Edição	Seção	Autores	Título publicado
Edição número 15	Artigos	Márcia Fonseca Alvin Hudson Cadinha	Fantasia da criança sobre sexualidade
	Artigos	Rosana Sordi	Criança epilética. Vamos conhecê-la?
	Artigos	Solange Jobim Souza	Como avaliar na pré-escola?
	Sua carta, nossa resposta.	Eike Maria Francisca Servaes	As crianças devem criar suas próprias fantasias de dramatização.
Edição número 16:	Artigos	Maria Lúcia Thiessen/ Ana Rosa Beal	O projeto
	Artigos	Rosana Aragão	A criança e seu meio social.
	Artigos	Maria Fonseca Alvin Hudson Cadinha/ Regina Fátima Teixeira	A criança e a escrita- algumas questões.
	Artigos	Letícia Braga Santoro	Em busca da criatividade.
	Sua carta, nossa resposta.	Silvia M. G. Botelho	Não há título. (responde a uma questão de leitor referente a histórias infantis).
	Pré-escolar em ação	Vitória Líbia Barreto de Faria	Não há título (relata a experiência de uma associação com a pedagogia Freinet, através das ações docentes).
Edição número 17	Artigos	Silvia Maria Graciosa Botelho	Meninos e meninas: como devem ser?
	Artigos	Ana Elizabeth Saraiva Malaspina	Artes plásticas: use e abuse.
	Artigos	Regina Fátima Teixeira	Brincando com as palavras, descobrindo a escrita.
Edição número 18	Artigos	Vitória Líbia Barreto de Faria	Que pré-escola é esta?
	Artigos	Solange Jobim e Souza	A pré-escola hoje: transformações e definições.

	Artigos	Letícia Braga Santoro	Arte/educação: uma luta por um ensino menos mecanizado.
	Sua pergunta: nossa resposta	Cristina de Mattos Manier	“Eu estou com medo!”
Edição número 19	Artigos	Fátima Regina Teixeira de Salles Dias/ Vitória Barreto de Faria	Como a criança constrói o conceito de número?
	Artigos	Rosana Miguel de Aragão Soares	Por que ciências naturais na pré-escola?
	Artigos	Solange Jobim e Souza	Entrando no tempo conquistando o espaço.
Edição número 20	Artigos	Sonia Kramer	Pré-escola: (re) começando o trabalho
	Artigos	Solange Jobim e Souza	Vencer os preconceitos: um desafio do dia-a-dia do professor.
	Artigos	Solange Jobim e Souza	Adaptação da criança
	Artigos	Maria Fonseca Alvin Hudson Cadinha	Reflexão de uma professora sobre o tema integrador.
	Artigos	Yara Prado Maia de Faria	Por que trabalho diversificado?
	Artigos	Ana Maria Gonçalves Weigel	Existe algum “jeitinho” para se criar atividades?
	Artigos	Ana Maria Gonçalves Weigel	Você acredita? Criar e diversificar a partir de um só material?
	Artigos	Solange Jobim e Souza	Conquistando o mundo da fala.
	Artigos	Sonia Kramer	A escola e a linguagem da criança
	Artigos	Solange Jobim e Souza	Alfabetização: iniciando uma conversa com os professores.
	Artigos	Solange Jobim e Souza	Alfabetização: refletindo sobre a prática.
	Artigos	Letícia Braga Santoro	Livros de história-sempre importantes!
	Artigos	Letícia Braga Santoro	Ilustrações e imagens... devaneio de crianças e adultos.
	Artigos	Ana Maria Gonçalves Weigel	Música: -Ih! De novo? Ou – Ah! Que bom!
Artigos	Ana Elizabeth Saraiva Malaspina	Conversando um pouco sobre artes plásticas.	

	Artigos	Sônia Kramer	Exercícios mimeografados: usá-los ou não na pré-escola?
	Artigos	Sônia Kramer	Uma criança está agressiva: o que fazer?
	Artigos	Maria Fonseca Alvin Hudson Cadinha	A criança descobrindo seu corpo e suas funções.
	Artigos	Silvia Maria Graciosa Botelho	Vamos avaliar?
Edição número 21	Artigos	Rosana Miguel de Aragão Soares	Brincando, explorando e descobrindo as ciências.
	Artigos	Silvia Maria Graciosa Botelho	Socialização um processo em constante mudança.
	Artigos	Letícia Lima Mont Alvão/ Simone Maria de Souza	Histórias... poesias... “o prazer na literatura infantil”
	Entrevista	Solange Jobim & Souza	Entrevista com crianças
Edição número 22	Artigos	Letícia Braga Santoro	Era uma vez...
	Artigos	Rosana Miguel de Aragão Soares	Ouvir nossos ritmos, (re) descobrir os movimentos do corpo.... Uma boa forma de entrar em contato com a criança.
	Espaço aberto	Equipe pré-escolar Uberlândia	Era uma vez... histórias contadas pelas crianças.
	Pré-escolar em ação	Alzira Maria Quiroa Mendoza Terezinha Coelho Piazarollo	Criança também faz história
Edição número 23	Artigos	Sebastião Rocha	Rua que te quero criança.
	Artigos	Ana Rosa de Oliveira Beal	A evolução da auto-expressão da criança.
	Artigos	Maria Helena Girade Corrêa	Promovendo o desenvolvimento da criança.
	Artigos	Maria Lúcia Thissen	CRECHE- Obstáculos que estimulam.
	Artigos	Claúdia Mércia Ramos Batista	Riscos... Rabiscos; e Colagem.
	Artigos	Maria Helena Novaes Mira	O resgate social da criança na pré-escola.
	Artigos	Edvirges Rodrigues Liberato Ruiz	Brincando e aprendendo matemática.
	Artigos	Rita de Cássia R. Soares Dória	Recado ao educador da pré-escola pública.
Edição	Artigos	Sérgio Roberto Kieling Franco	Criança de 0 a 6 anos

número 24	Artigos	Denise de Souza Fleith	Desenvolvimento da criatividade: um desafio para o professor.
	Artigos	Telma Weizs	Revendo a função pedagógica da Pré-escola
	Artigos	Andrea Triado/ Edna Alexandre Costa/ Desia Maria Fernades	Por que faz de conta?
	Artigos	Maria de Fátima Guerra e Souza	A observação sistemática no cotidiano da pré-escola.
Edição número 25	Artigos	Madalena Freire	O sentido dramático da aprendizagem.
	Artigos	Maria Lúcia Thissen	Falar é preciso.
	Artigos	Monique Deheinzelin	O discurso do anti-método.
	Artigos	Eunice Soriano de Alencar/ Angela Rodrigues Virgolim	O professor e o seu papel na formação do autoconceito.
	Artigos	Sandra Lucia Pacheco de A.C. Souza	Semana de alimentação.
	Artigos	Márcia Souto Maior Mourão Sá	A formação do educador para a Pré-escola: a chave do tamanho.
	Artigos	Maria M. de Lima Almeida	O professor e a capacitação.
	Artigos	Loretta Emiri	O menor na sociedade Yanomami.
	Artigos	Ana Maria Costa Souza	Avaliação na pré-escola.
Edição número 26	Artigos	Zilma de Moraes Ramos de Oliveira	Jogo de linguagem: pontos para uma reflexão a respeito do valor da interação social no desenvolvimento infantil.
	Artigos	Maria Terezinha Bellanda Galuch	O brinquedo e a formação do pensamento.
	Artigos	Marisa Maria Brito da Jusa Neves/ Sandra Francesa/ Elizabeth Tunes	A escrita vista como um processo evolutivo.
	Artigos	Leni Vieira Dornelas	Pressupostos para uma educação transformadora.
	Artigos	Fátima Regina Teixeira de Salles Dias	A teoria de Emilia Ferreiro: implicações pedagógicas e distorções no uso desse

			conhecimento.
	Artigos	Márcia M. Mamede	Conversando sobre grafismo Infantil.
Edição número 27	Artigos	Adriana Friedman	A criança na brinquedoteca.
	Artigos	Mayumi Watanabe de Souza Lima	A importância da Qualidade do espaço na educação das crianças.
	Artigos	Vital Didonet	A educação infantil na nova LDB.
	Artigos	Rosa Maria Maciel/ Maria Luiza do Canto Benedetti	Uma perspectiva para o ensino de matemática na Pré-escola.
Edição número 28	Artigos	Maria Victoria Paralta Espinosa	A questão da qualidade da educação infantil: a experiência do Chile.
	Artigos	Denise Barata	Caminhando com a arte na pré-escola
	Artigos	Fúlvvia Rosemberg	Mãe-berçário: Uma relação que se complica fácil.
	Entrevista	Antenor Napolini	A educação infantil: por que é importante?
Edição número 29	Artigos	Márcia Gomes Fernandes.	Orientação sexual na pré-escola.
	Artigos	Miguel Gonzales Arroyo	O significado da Infância
	Artigos	Sandra Francesca Conte de Almeida	Finalidades da Educação – das concepções tradicionais a uma concepção dialética.
	Artigos	Telma Weizs	Alfabetizar na pré-escola
Edição número 30	Artigos	Regina Scarpa Leite	Formação de professores: aquisição de conceitos ou competências?
	Artigos	Ana Maria Sanches	Uma terra de professoras orgulhosas do que fazem
	Artigos	Rosa Virginia Pantoni Maria Clotilde Rosseti Ferreira	Formação continuada do educador: desafios e conquistas.
	Entrevista	Ana Inoue Gisela Wajskop Silvia Pereira de Carvalho	Referencial Curricular nacional para a Educação Infantil
Edição	Artigos	Silvia Kawassaki Miyasaka	Um quintal, um olhar e bananas!

número 31	Artigos	Daniela Panutti Maria Virginia Gastaldi	Trabalhando a diversidade textual no pré
	Entrevista	Gisela Wajskop	O que é brincadeira?
Edição número 32	Artigos	Deborah Almada	Viver com arte
	Artigos	Monica Nogueira Camargo de Toledo	Um dinheiro, dois dinheiros, três dinheiros...
	Artigos	Rosana A. Dutoit	A interação de crianças diferentes como conteúdo da educação infantil.
	Entrevista	Lino Macedo	Criação e autoria de um ponto de vista Piagetiano
Edição número 33	Artigos	Izabel Galvão	Wallon e a criança: essa pessoa abrangente.
	Artigos	Gisela Wajskop	500 anos de Brasil: a formação continuada de professores... meta de qualidade!
	Artigos	Eliane de Araujo Lima	A educação na visão do letramento.
	Artigos	Beatriz Ferraz Fernanda Flores	Espaço atraente: espelho de valores.
	Artigos	Sueli Aparecida Pereira	Vida de inseto.
Edição número 34	Artigos	Marta Kohl de Oliveira	Vygotsky, vida e obra.
	Artigos	Maria Cristina Correia Figueira	A cultura profissional do educador de infância em Portugal.
	Artigos	Beatriz B. Gouveia	Língua, ciência e arte: uma prosa sobre seus ritmos na cadência da formação.
	Relato	Celinéia Pradela Ferreira	Projeto: quem são eles?
	Artigos	Stela Maris Lagos Oliveira, Eliane de Araújo Lima, Isaura Maria da Luz Silveira, Margareth D' Onófrío Magalhães.	Creches numa perspectiva educacional.
	Artigos	Gisela Wajskop Ana Amélia Inoue	Professores e professoras: a formação continuada neste grande país chamado Brasil.

Edição número 35	Artigos	Yves de La Taille	Autonomia e identidade
	Artigos	Délia Ladeia	Projeto identidade: o eu criança na educação infantil.
	Artigos	Monique Deheinzelin	Como as crianças pintam?
	Artigos	Fátima Regina Teixeira de Salles Dias Vitoria Líbia Barreto de Faria	A construção de uma proposta pedagógica.
	Artigos	Andréa da Cruz Lucas	O desafio da educação inclusiva.
	Artigos	Adriana Klisys	Debret, o Brasil e as crianças.
	Entrevista	Emilia Ferreira	Significado da escrita no mundo atual
	Projetos	Délia Ladeia	O eu criança na educação infantil
Edição número 36	Artigos	Aricélia Ribeiro do Nascimento	Registro reflexivo da prática pedagógica: uma possibilidade para a autoria de conhecimentos.
	Artigos	Ideli Ricchiero	O processo de Formação e a atuação da professora de educação Infantil.
	Artigos	Eugênia Augusta Gonzaga Fávero	Educação especial e inclusão
Edição número 37	Artigos	Alia Barros	Da casa para a escola: uma transição importante para a criança e sua família
	Artigos	Vitoria Líbia Barreto de Faria	Integração das instituições de Educação Infantil aos sistemas de ensino: conquistas e dificuldades.
	Caleidoscópio	Eugenio Tadeu Pereira	Brinquedos e Infância

QUADRO 4: Organização dos artigos analisados da publicação da Revista Criança. **Fonte:** Organizada pela autora.

Após o levantamento das seções que serão analisadas, foram destacados 121 textos e divididos em temáticas e organizados em ordem decrescente de acordo com sua recorrência:

- Desenvolvimento Infantil (21 textos),
- Função Docente (21 textos)
- Língua Escrita/ Alfabetização (14 textos),
- Função da Pré-escola (10 textos),

- Artes (09 textos),
- Literatura (07 textos),
- Creche/ família (05 textos)
- Brinquedos (04 textos),
- Conceitos Matemáticos (04 textos),
- Ciências Naturais (04 textos),
- Sexualidade (04 textos),
- Avaliação (03 textos),
- Educação Especial (03 textos),
- Legislação (03 textos).
- Linguagem Oral (03 textos),
- Projetos (03 textos),
- Agressividade (01 texto),
- Alimentação (01 texto),
- Música (01 texto),

Quanto à autoria dos artigos apresentados em cada edição, notamos que alguns autores apresentaram textos em diferentes publicações, os quais destacamos a seguir, juntamente com uma breve bibliografia dos mesmos, pois esses autores eram líderes de grupos de pesquisa estando de certa forma a frente da produção acadêmica e técnica voltada para educação de crianças menores de seis anos durante o período de publicação da revista. Cabe destacar que algumas publicações trouxeram as informações nos artigos, outras não, fizemos uma pesquisa para ampliar as informações a seguir:

- **Solange Jobim Souza** a autora escreveu 07 (sete) textos para publicação da Revista criança. Professora adjunta aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Trabalho voltado para área de Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: infância, juventude, linguagem, subjetividade, educação, cultura, memória social e epistemologia das ciências humanas. Coordenadora, o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade (GIPS) e responsável pela criação do Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura

(NIMESC), que integra os Departamentos de Psicologia e o Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, desenvolvendo atividades de pesquisa e extensão.

- **Letícia Braga Santoro** escreveu 05 textos para Revista Criança. É mestre em Educação pela UNESA. Atua como docente da Estácio de Sá ministrando a disciplina Conteúdo, metodologia e prática do ensino da Arte. Atua também como técnico em assuntos educacionais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca ministrando aulas de teatro de animação. Tem experiência na área de Educação e Arte, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, teatro de animação, Teatro do Oprimido, etc.
- **Gisela Wajskop** 04 de seus textos foram utilizados na publicação. Fez graduação em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1984), Mestrado em Educação em História, Política e Sociedade da Universidade Católica de São Paulo (1990) e doutorado em Educação da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de São Paulo (1996), em parceria com a Université Paris XIII / França. Foi professora da Universidade Católica de São Paulo (1985 a 1996). Professora e Diretora de cursos de Instituto Singularidades (ISESP) de São Paulo de Pedagogia, de 2001 a 2013. Atuou como membro da Reforma Curricular Nacional da Educação Básica (1996-2001). Ministério da Educação Staff 1996-2001, quando era o principal dos programas de educação infantil de 1998 a 2000. Trabalhou preparando fontes e materiais para a educação infantil. Supervisionou vários projetos de investigação na área da formação de professores, educação infantil e alfabetização. Faz parte do Comitê Editorial da "Pátio Educação Infantil"
- **Rosana Miguel de Aragão Soares** 04 textos de sua autoria. Possui pós-graduação em Educação Infantil pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação de Minas Gerais e foi Coordenadora Pedagógica do Centro Educacional Balão Mágico, em Lagoa Santa (MG).

- **Sonia Kramer** produziu 04 (quatro) textos. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação Jacobina (1975), Mestre (1981) e Doutora (1992) em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pós-doutorado na New York University. Atua como professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde também coordena o Curso de Especialização em Educação Infantil, o Curso de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e o grupo de pesquisa sobre Infância, Formação e Cultura (INFOC). Sua experiência na área de Educação concentra-se especialmente na educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental.
- **Vitória Líbia Barreto de Faria** 03 textos da autora foram publicados na Revista Criança. Realizou graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (1969) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1988). Atua como Consultora nos seguintes locais: Prefeitura Municipal de Contagem, Ministério da Educação, Prefeitura Municipal de Nova Lima. Também foi membro do corpo editorial da Editora de Conteúdos da Revista Criança. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil. Atuando principalmente nos seguintes temas: Criança, Educação, Pré-escolar.
- **Fátima Regina Teixeira de Salles** 02 textos de sua autoria foram usados na publicação estudada. Formou-se em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1976), fez especialização na área de Educação Infantil. Tem experiência como consultora, assessora pedagógica e em docência. Aposentou-se como técnica educacional da UFMG. Atua principalmente prestando consultorias, assessorias técnicas e ministrando cursos para o Ministério da Educação, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e escolas, na área de Educação Infantil, mais especificamente trabalhando a questão da elaboração e avaliação de Propostas Pedagógicas, Currículo, metodologias de trabalho e múltiplas linguagens.
- **Telma Weiz** 02 textos de sua autoria foram usados na publicação estudada. Fez seu doutorado sob a orientação da Dra. Emilia Ferreiro. É a coordenadora do

Curso de Especialização em Alfabetização no Instituto Superior de Educação Vera Cruz e professora do mestrado Escritura y Alfabetización na Universidade de La Plata, Argentina. É também autora de diversos livros referentes a letramento e alfabetização, destaca-se dentre eles: “O Diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem”, no qual a autora relata sua experiência em sala de aula como professora reflexiva.

As bibliografias foram extraídas da plataforma Lattes do CNPQ, porém três currículos não constam na base de dados utilizada, são das autoras: **Ana Rosa Beal** (02 textos) **Ana Maria Gonçalves Weigel** (03 textos), e **Silvia M. G. Botelho** (03 textos) para Revista Criança, (08 textos). Nas publicações da Revista Criança também não constam dados da formação das autoras.

Para este capítulo nos propomos destacar a materialidade de cada publicação e como estas foram organizadas no período de 1986 a 2002. Destacamos os momentos de mudanças gráficas, de conteúdo e distribuição. A análise dos artigos será efetuada nos capítulos seguintes.

3 APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS CAPAS DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA CRIANÇA

Após apresentarmos dados gerais da materialidade do periódico, nessa segunda sessão objetivamos captar por meio das capas e histórias em quadrinhos contidas nas revistas como uma determinada imagem da criança foi construída e era apresentada aos professores. Trabalharemos essencialmente com imagens. Imagens que em suas cores, formas, aparente ausência de movimento desvelam um processo de construção fruto de ação intencional dos que as produziram. Nóvoa (2000, p. 28) ao discutir o uso de imagens para o trabalho no campo da História da Educação nos convida a nos aproximarmos das imagens analisando-as não como coisas, mas como permeadas por relações. Relações que são travadas entre o produto e seu produtor, o produto e sua audiência. Neste sentido o processo de apropriação por parte da audiência ganha importância, pois é justamente nesse processo que visualizamos a interpretação, o uso atribuído ao apresentado. Mas, para que possamos ver a imagem enquanto uma relação travada entre produtor e audiência, precisamos também compreender que a imagem é uma expressão, Nóvoa (2000 p. 28). Expressão de algo direcionada para alguém. Expressão e relação tomadas como ponto de partida para analisarmos as imagens, segundo Nóvoa, nos abrem o caminho para enxergarmos as mesmas como pontos em uma grande rede de relações envolvendo o individual, coletivo, cultural, social, as memórias e a imaginação, (Nóvoa 2000, p. 29).

Neste sentido entendemos que a revista intencionalmente selecionava imagens e construía histórias voltadas para o professor de Educação Infantil, expressando uma imagem do ser criança, construída a partir da relação que se queria travar com o professor. Assim constituindo-se como veículo, as imagens aqui apresentadas expõem o início de uma relação podendo ser consideradas, na teia de relações estabelecida, materiais intermediários entre a produção acadêmica, política e a prática do professor. Adotando essa perspectiva vemos o conjunto do material como um caminho para entendermos esse processo de construção, mas jamais como algo que nos trará a certeza do que ocorria no interior das salas de aula, nem do processo de apropriação realizado pelo professor.

Analisamos as imagens aqui apresentadas a partir de um questionamento central: Qual imagem de criança queria-se construir com o uso dessas imagens pela revista nas capas e das imagens utilizadas nas histórias em quadrinhos?

Para tanto esse capítulo divide-se em três partes: na primeira parte apresentamos as capas das revistas; na segunda parte as histórias em quadrinhos e na terceira parte procedemos à conclusão.

3.1 As capas da Revista:

Neste item apresentamos as capas das revistas seguindo a ordem de publicação das mesmas. Procurando fornecer mais elementos ao leitor apresentamos as temáticas ou a temática central que compõem o volume ao qual a capa pertence.

3.1.1 Publicação número 15

Os temas trabalhados nessa edição foram: avaliação na pré-escola, criança epilética e fantasias da criança sobre sexualidade. A capa constitui-se de um conjunto de três fotografias de crianças. Uma fotografia maior e duas menores. Em ambas as fotos as crianças transmitem felicidade, movimento, concentração na ação realizada. Nota-se que o ponto de destaque da capa é a fotografia e o título da publicação que foi confeccionado com letras maiúsculas. A fonte utilizada na impressão da publicação, para o chamado de dois artigos da publicação foi pequena, portanto descreveremos as duas perguntas destacadas na capa. Vale mencionar que os números ao lado de cada chamada se referem ao número da página no qual se encontram os artigos destacados:

“Como responder às inúmeras perguntas das crianças sobre o nascimento dos bebês? Essas curiosidades precisam ser respondidas de acordo com o grau de desenvolvimento das crianças.”

“Professor, elabore você mesmo o instrumental de avaliação das suas crianças. Observe e anote sempre o comportamento de suas crianças durante o desenvolvimento das atividades.”

(REVISTA CRIANÇA. São Paulo: MEC, Ed. 15, agosto de 1986).

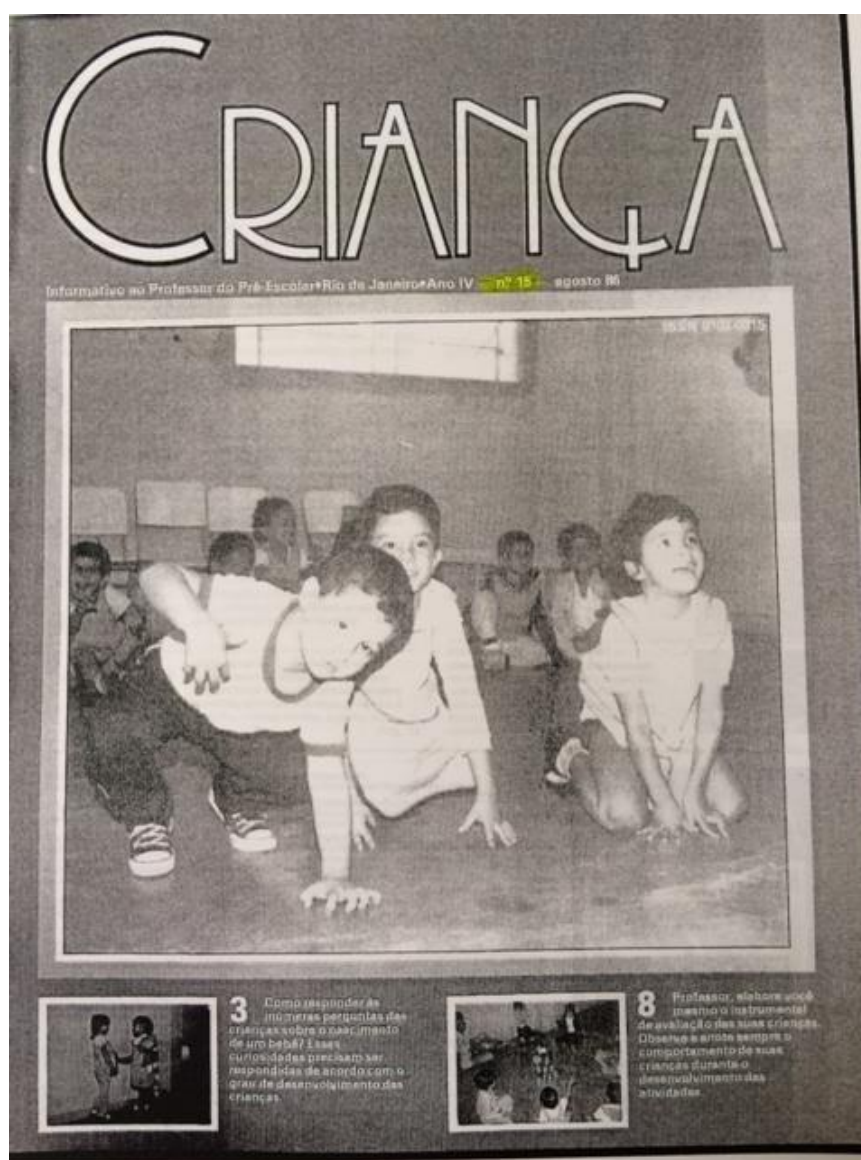


FIGURA 02: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 15, 1986.

3.1.2 Publicação número 16

O segundo número analisado da revista foi a de número 16, traz como tema o desenvolvimento do trabalho educativo por meio de projetos, a criança e o meio social, a criança e a escrita e como desenvolver a criatividade na pré-escola. Uma fotografia de uma criança brincando com galhos de plantas é utilizada como capa da edição e o título da publicação está escrito com letras maiúsculas. Ao lado da fotografia consta a chamada para os artigos abordados na revista: “A criança e o meio social”; “Em busca da criatividade” e “A criança e a escrita: algumas questões”.

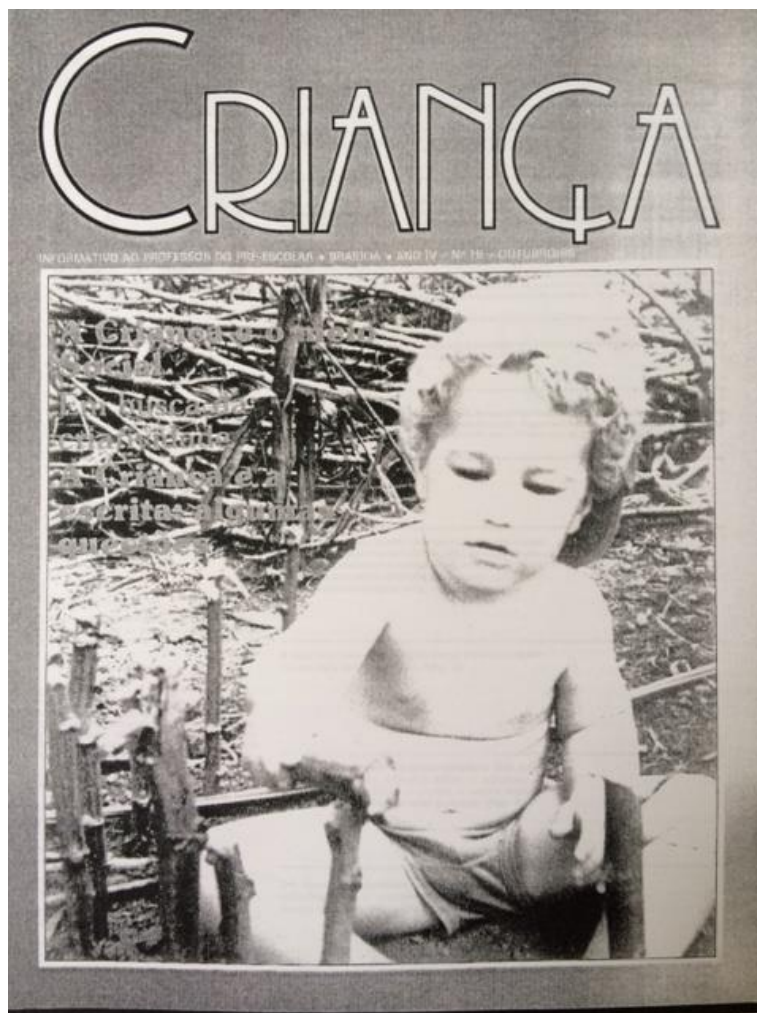


FIGURA 03: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 16, 1986.

3.1.3 Publicação número 17

Trabalho com poesias, confecção de jornal, artes plásticas, como trabalhar questões de gêneros com as crianças, atividades de percepção do som das palavras, foram os temas abordados na edição número 17. Para a capa desta edição foram novamente utilizadas três fotografias, uma maior e duas menores, novamente trazendo crianças em ação entretidas em suas atividades. Manteve-se o padrão de escrita do título e foram pontuados dois artigos da publicação, através de perguntas, as quais descrevemos para melhor visualização:

“Nós adultos, temos atitudes preconcebidas em relação aos papéis sociais que os homens e mulheres devem desempenhar. Como isso influencia a educação das crianças? ”;

“De que maneira as técnicas de desenho pintura, modelagem, recorte e colagem podem ser utilizadas na pré-escola de forma a desenvolver a criatividade nas crianças? Nesse artigo, discutiremos como trabalhar artes plásticas e sugeriremos algumas técnicas”.

(REVISTA CRIANÇA. São Paulo: MEC, Ed. 17, 1988).

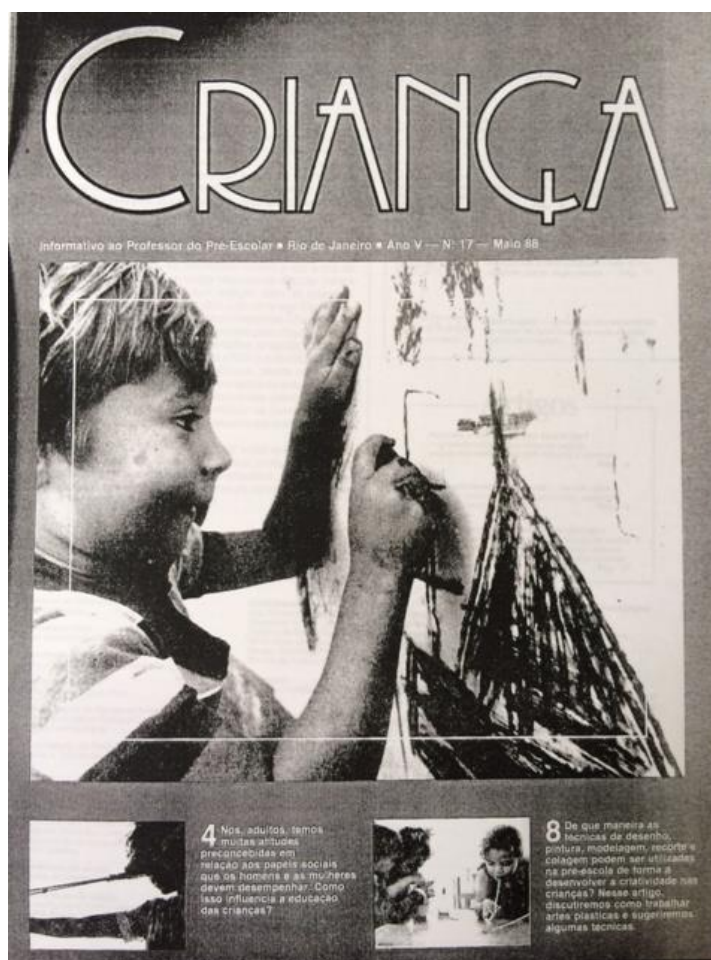


FIGURA 04: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 17, 1988.

3.1.4 Publicação número 18

A função da pré-escola, Objetivos da pré-escola e arte/educação, constituíram as temáticas para reflexão dos leitores da revista. Utilizou-se novamente três fotografias para a capa, desta vez uma das fotos traz uma criança com uma expressão facial de maior seriedade chamado nos artigos destacados para capa novamente será descrito:

“Nosso objetivo com esse artigo é provocar uma reflexão a respeito da função da pré-escola: que fatores políticos interferem nessa definição? Como a pré-escola se articula?”

“O artigo faz um rápido histórico da educação artística no Brasil e como a arte-educação pode contribuir na prática pedagógica do professor da pré-escola.”

(REVISTA CRIANÇA. São Paulo: MEC, Ed. 18, 1988).

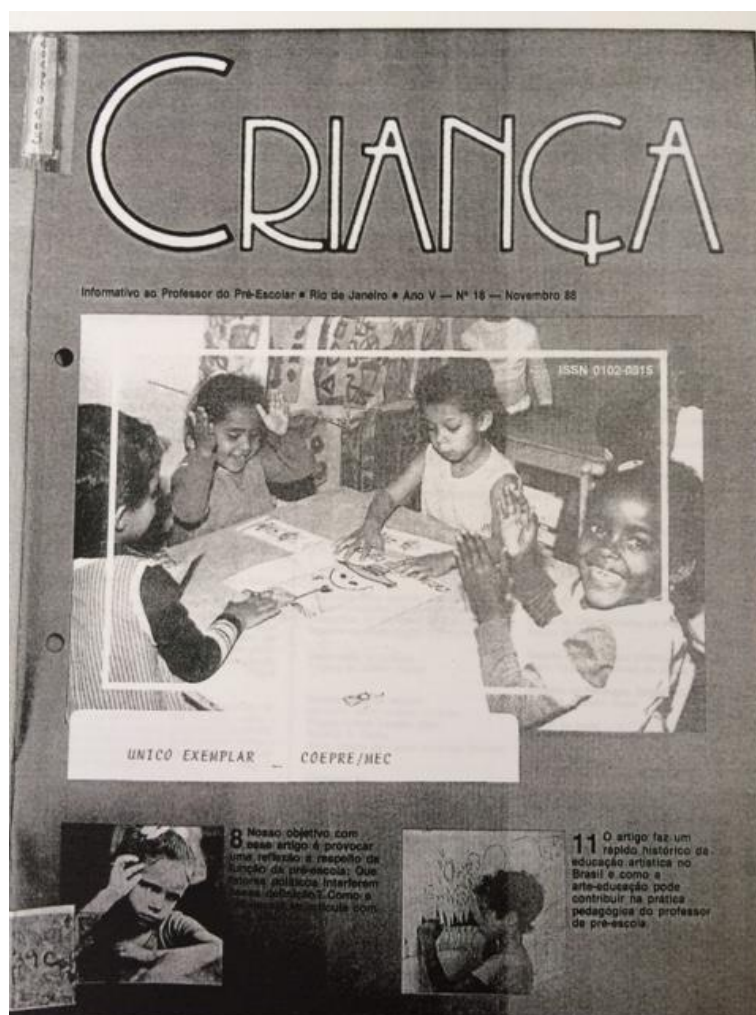


FIGURA 05: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 18, 1988.

3.1.5 Publicação número 19

Trabalho com questões matemáticas: conceito de número, noções de espaço e ciências naturais que foram destacados na capa. As temáticas referentes à: proposta de atividades, jogos e brincadeiras com números foram abordadas no interior da publicação. Mantem-se a capa com três fotografias, entretanto, cabe destacar que pela primeira vez um adulto e fotografado participando das atividades das crianças. Como todas as fotos até aqui apresentadas às crianças estão vestidas com roupas simples e, possuem feições que não pertencem às esperadas em propagandas ou capas de revistas. Ou seja, de uma criança branca, olhos claros aparência estereotipada do que seria o angelical.

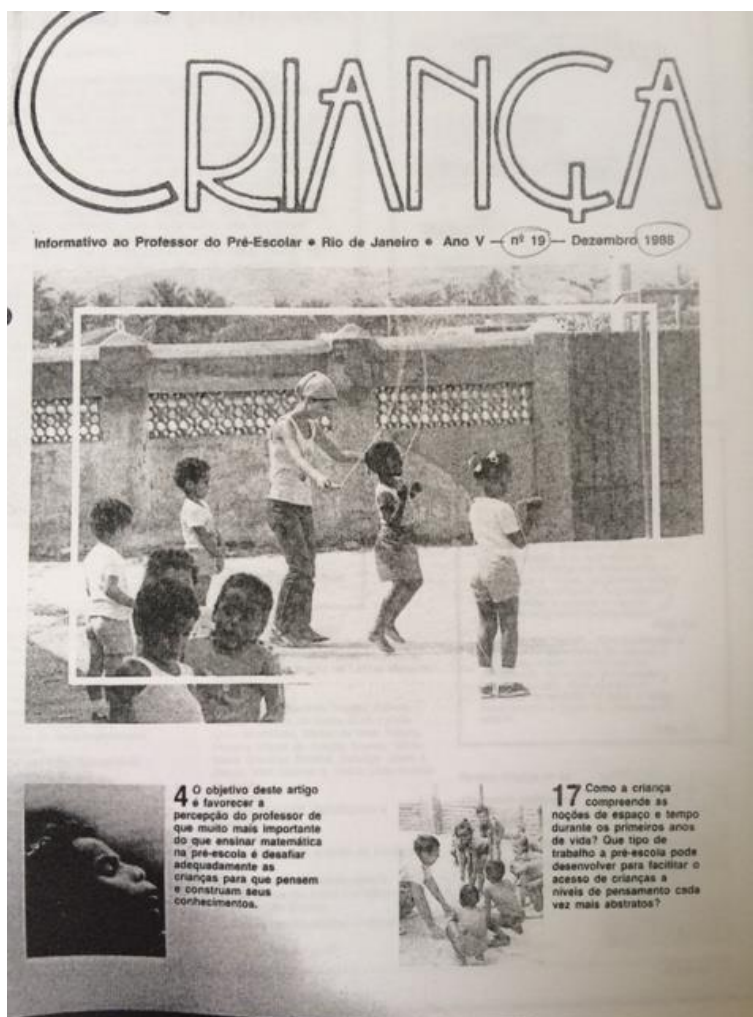


FIGURA 06: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 19, 1988.

3.1.6 Publicação número 20

Nesta edição foram apresentados diversos artigos com temas variados, os quais elencamos de acordo com a ordem apresentada na publicação:

- O trabalho na pré-escola;
- Preconceitos no dia-a-dia do professor;
- Tema integrador;
- Trabalho diversificado;
- Dramatização;
- A fala da criança;
- Livros de histórias infantis;
- Música;
- Artes;
- Agressividade;
- Avaliação.

A capa aqui volta a centrar-se em apenas uma foto de criança sorridente apresentando o resultado de sua atividade não houve chamados escritos para os artigos publicados na revista.



FIGURA 07: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 20, 1989.

3.1.7 Publicação número 21

A revista nesta edição passa a ser, como já mencionamos anteriormente, organizada através de um tema central e artigos variados. O tema desta publicação “Ciências na pré-escola” e os demais artigos tratam do processo de socialização e literatura infantil. Nesta edição três fotos voltam a compor a capa, e como as demais todas em preto e branco. Apesar da reestruturação interna, não houve reestruturação da capa. Os chamados dos artigos serão descritos para melhor visualização, também nesta edição:

“Aborda como o trabalho com ciências naturais na pré-escola pode ser uma experiência rica e fascinante para criança e professor.”

“Veja porque o prazer na leitura é fundamental para o leitor e como surgiu a literatura para crianças”.

(REVISTA CRIANÇA. São Paulo: MEC, Ed. 21, 1990).

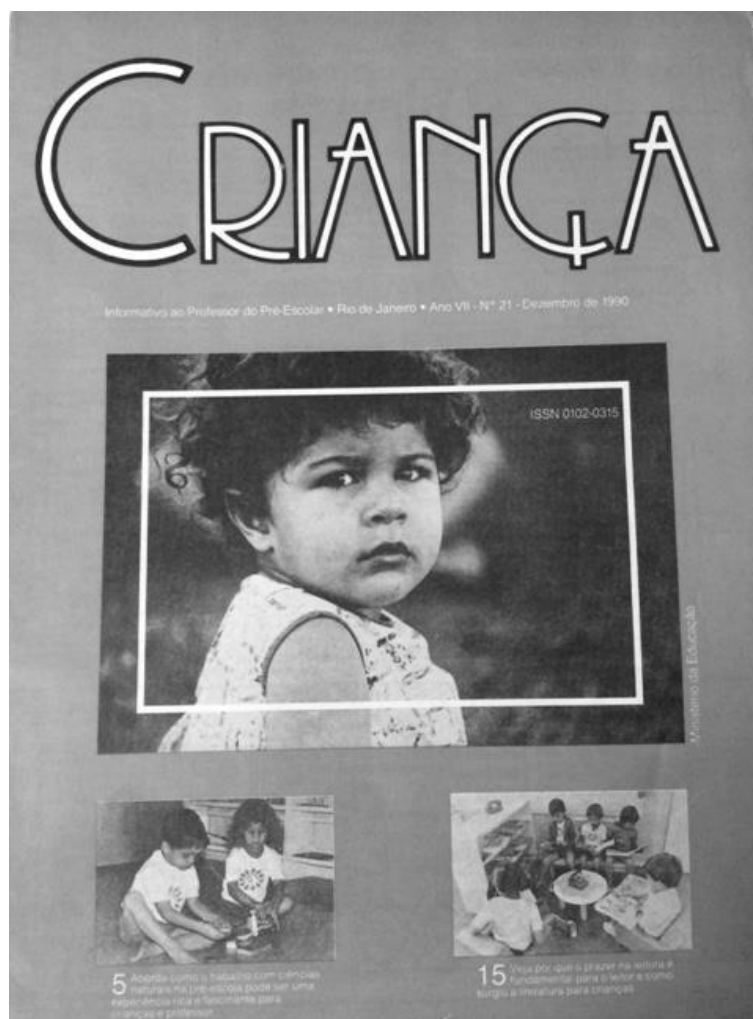


FIGURA 08: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 21, 1990.

3.1.8 Publicação número 22

O tema central é *Histórias na pré-escola* e os artigos tratam dos contos de fadas e da importância do movimento corporal na pré-escola. Esse número da revista traz uma mudança significativa no padrão das imagens utilizadas por apresentar uma fotografia (na qual um adulto aparece como centro da atenção das crianças) e dois desenhos infantis como a ilustrar a temática central do volume. O chamado dos artigos destacados foram os seguintes:

“Por que as crianças gostam tanto de “Contos de fada”? Por que solicitam ao adulto que conte a história várias vezes? Veja no artigo as respostas para essas perguntas.”

“Como podemos trabalhar os livros de história de forma que as crianças vivenciem seus medos, suas fantasias, seus desejos mais íntimos? Nesse artigo, você encontrará uma experiência baseada na pedagogia Freinet, que responderá essa questão.”

(REVISTA CRIANÇA. São Paulo: MEC, Ed. 22, 1990).

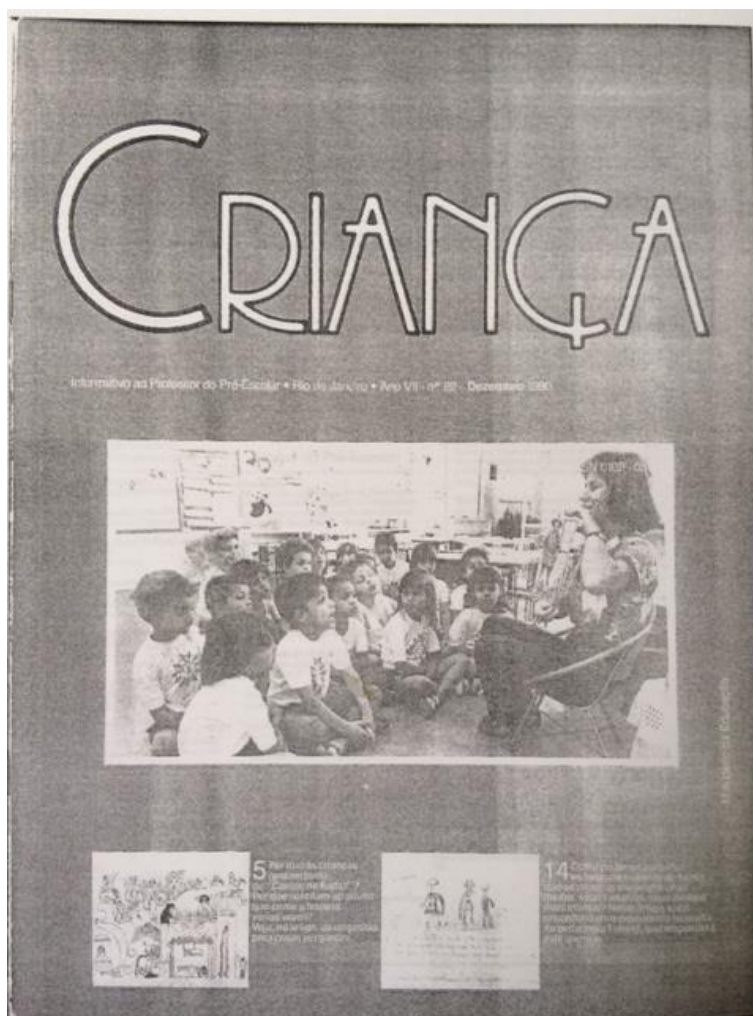


FIGURA 09: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 22, 1990.

3.1.9 Publicação número 23

Os temas nesta edição são variados: crianças de rua, auto-expressão, desenvolvimento da criança, artes, brincadeiras. Volta-se aqui ao padrão de apresentação de uma única foto com uma única criança expressando felicidade não há chamado para artigos na capa.



FIGURA 10: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 23, 1992.

3.1.10 Publicação número 24

Nesta edição os artigos versam a respeito do desenvolvimento infantil, da função da pré-escola e criatividade. Uma menina segurando uma boneca ilustra a capa da edição e não há chamado para artigos na capa, como ocorreu nas edições número 20 e 23.



FIGURA 11: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 24, 1992.

3.1.11 Publicação número 25

Os artigos apresentados são extensos e a justificativa pontuada é que a ideia foi oferecer um aprofundamento teórico aos docentes e os temas tratados foram: importância do falar, função do educador e o papel do currículo. Uma fotografia de uma criança brincando com blocos de madeira é a capa da edição e não há chamado como em algumas edições anteriores para artigos na capa.

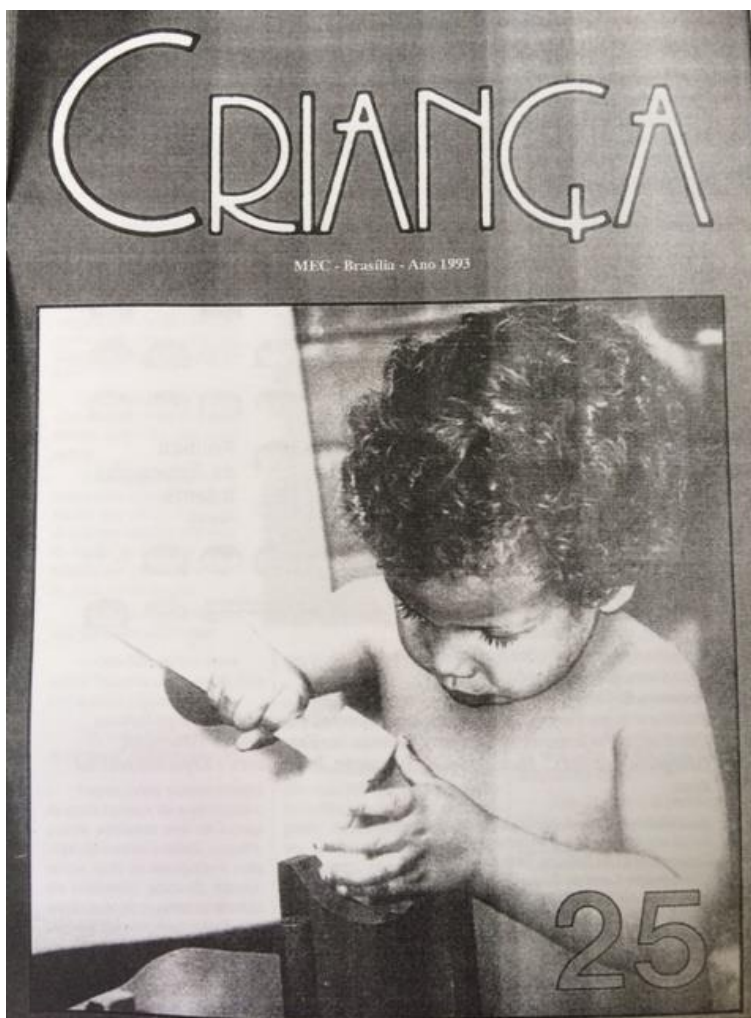


FIGURA 12: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 25, 1993.

3.1.12 Publicação número 26

A publicação trata do brinquedo e formação do pensamento, meio ambiente e jogo de linguagem. Apesar de uma reestruturação gráfica a capa pouco foi alterada e manteve-se a utilização da fotografia de uma criança apenas, entretanto dessa vez a criança aparenta estar vestida com um uniforme escolar, diferente das demais capas. Com a reestruturação da capa, o título deixa de ser escrito com letras maiúsculas e passa ser escrito com letra tipo cursiva e os chamados dos artigos são colocados na lateral direita. O símbolo da face de uma menina representando o Movimento pela Expansão e Melhoria da Qualidade da Educação Infantil foi adicionado na capa. Um ponto que merece destaque é que nessa edição o título da publicação passa a ser destacado como: Criança, Revista do Professor de Educação Infantil.



FIGURA 13: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 26, 1994.

3.1.13 Publicação número 27

A edição tem com assuntos: a criança na brinquedoteca, a Educação Infantil na nova LDB, a qualidade do espaço na Educação Infantil, relatos de experiências e o ensino de matemática. Na capa a ilustração fotográfica é de um menino fazendo lição, novamente o uniforme escolar está presente. Foi mantido o padrão de escrita do título e do chamado dos artigos, porém a fonte dos chamados foi alterada e o tamanho foi reduzido.

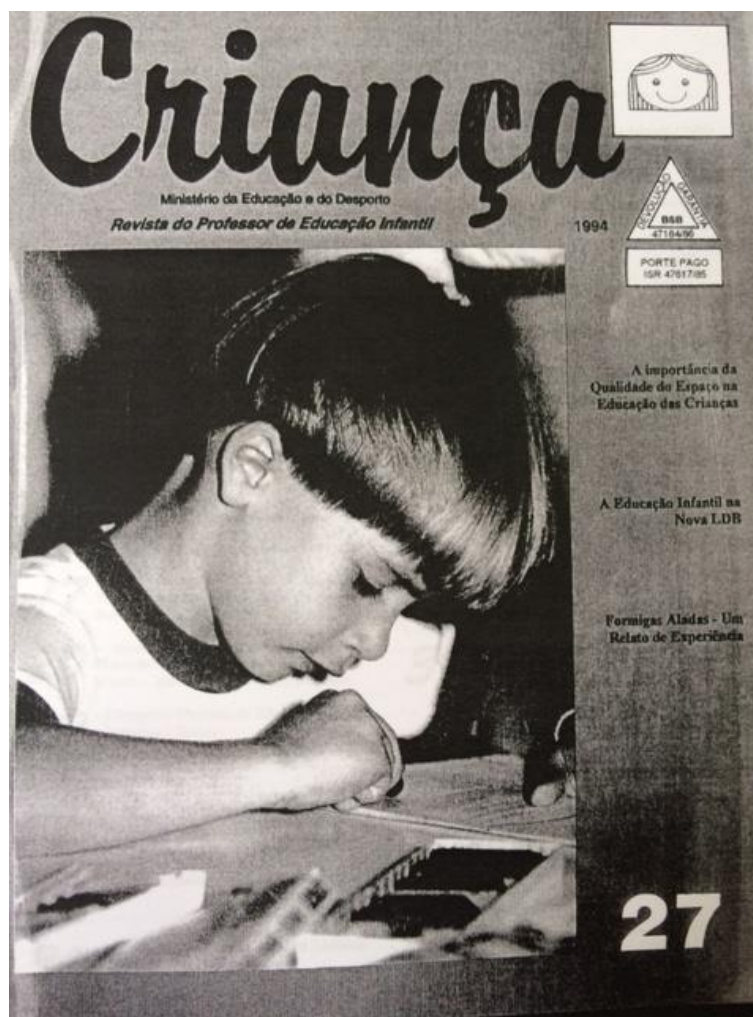


FIGURA 14 Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 27, 1994.

3.1.14 Publicação número 28

Os temas continuam diversificados nesta edição: a importância da Educação Infantil, qualidade na Educação Infantil, significado de Infância, Orientação sexual na pré-escola, finalidades da educação, reciclagem, artes na pré-escola e formação do profissional da educação infantil. A capa apresenta a imagem de uma menina, sem uniforme, ao ar livre desenhando/pintando os chamados dos artigos continuaram na lateral da capa, porém utilizou-se letra maiúscula e destacaram-se quatro artigos, referentes à: artes, infância, orientação sexual e construção de brinquedos.

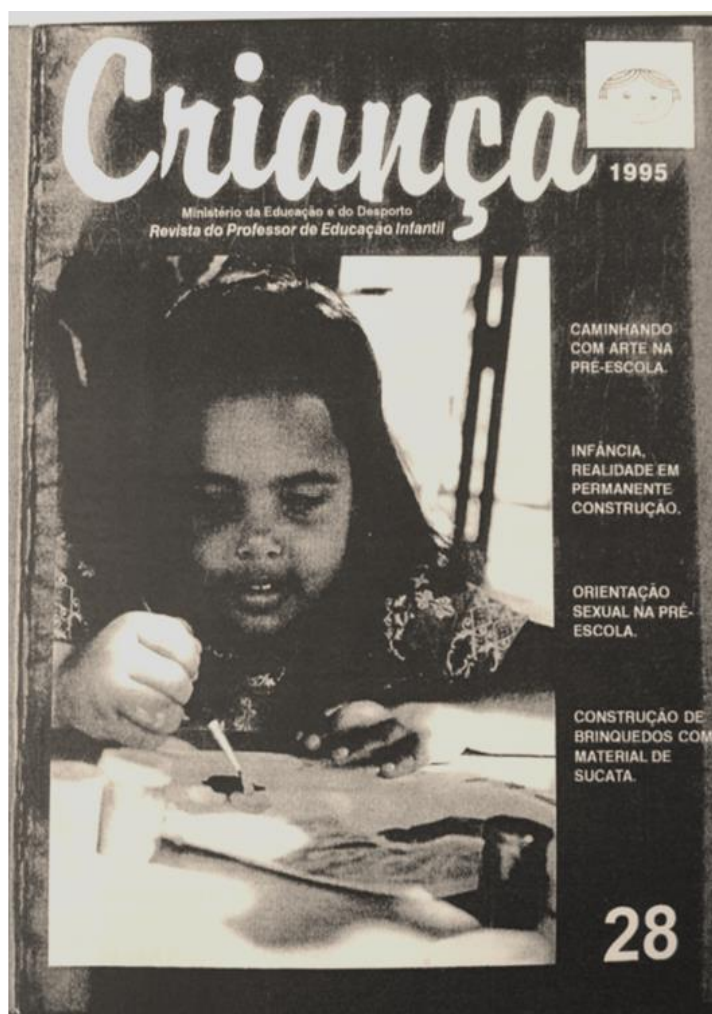


FIGURA 15: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 28, 1994.

3.1.15 Publicação número 29

Os temas abordados neste número versam sobre: alfabetização e letramento, Referenciais Nacionais para Educação e trabalho com projetos. A novidade nesta edição é que a capa não mais apresenta fotografias, mas passa mais uma vez a trazer desenhos infantis e os chamados dos artigos selecionados como destaque se sobrepõe a gravura. O tipo de letra é alterado e as letras passam a ser minúsculas e ainda é adicionada a palavra revista no início do título, ficando: Revista Criança, do professor da Educação Infantil. Não mais consta na capa a face de uma criança fazendo menção ao Movimento pela Expansão e Melhoria da Qualidade da Educação Infantil.

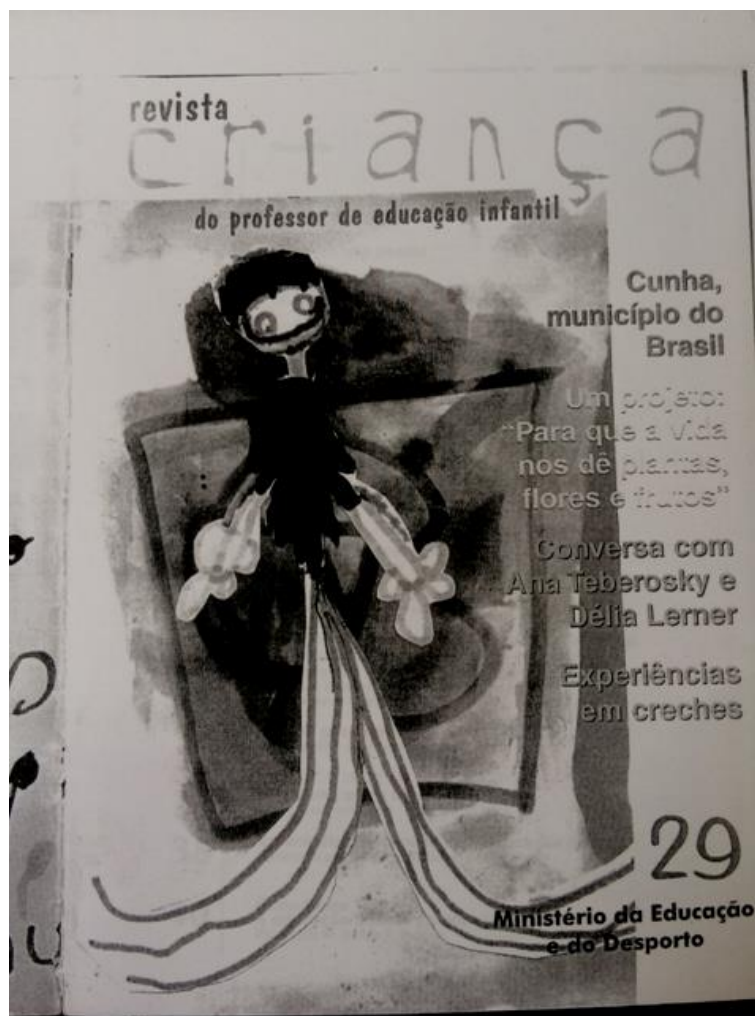


FIGURA 16: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 29, 1996.

3.1.16 Publicação número 30

Os temas abordados são jogos matemáticos, formação continuada, produção de textos por crianças de cinco anos e trabalho com projetos em sala de aula. A utilização de desenhos infantis novamente foi utilizada como capa, assim como o material anterior são capas coloridas. Importante notar que a impressão dessas capas não é mais em preto e branco. Nessa edição os chamados dos artigos estão logo após o título e não trazem perguntas ou breve síntese dos artigos selecionados, mas palavras que dizem respeito a vários artigos e não somente de dois ou quatro que era o padrão até a edição anterior.

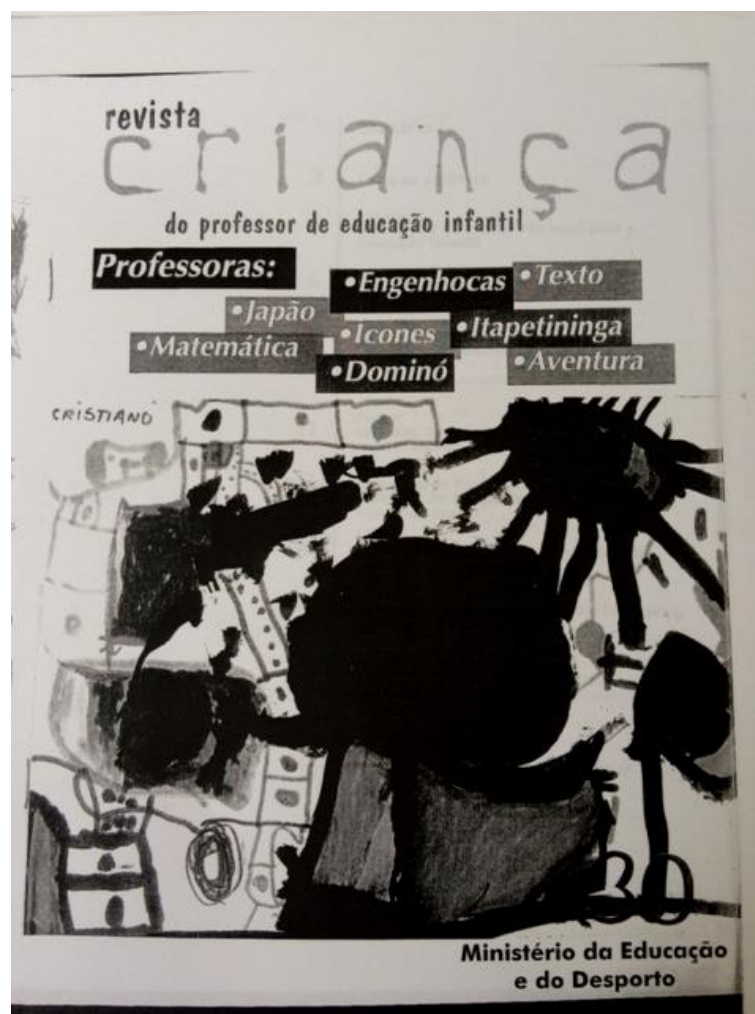


FIGURA 17: Capa da Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 30, 1997.

3.1.17 Publicação número 31

O trabalho com os conteúdos do Referencial Curricular Nacional e jogos e atividades dirigidas, compõem os temas desta edição. Novamente o desenho infantil aparece como um fundo sobre o qual os títulos de três artigos são destacados na capa com letras maiúsculas e minúsculas.

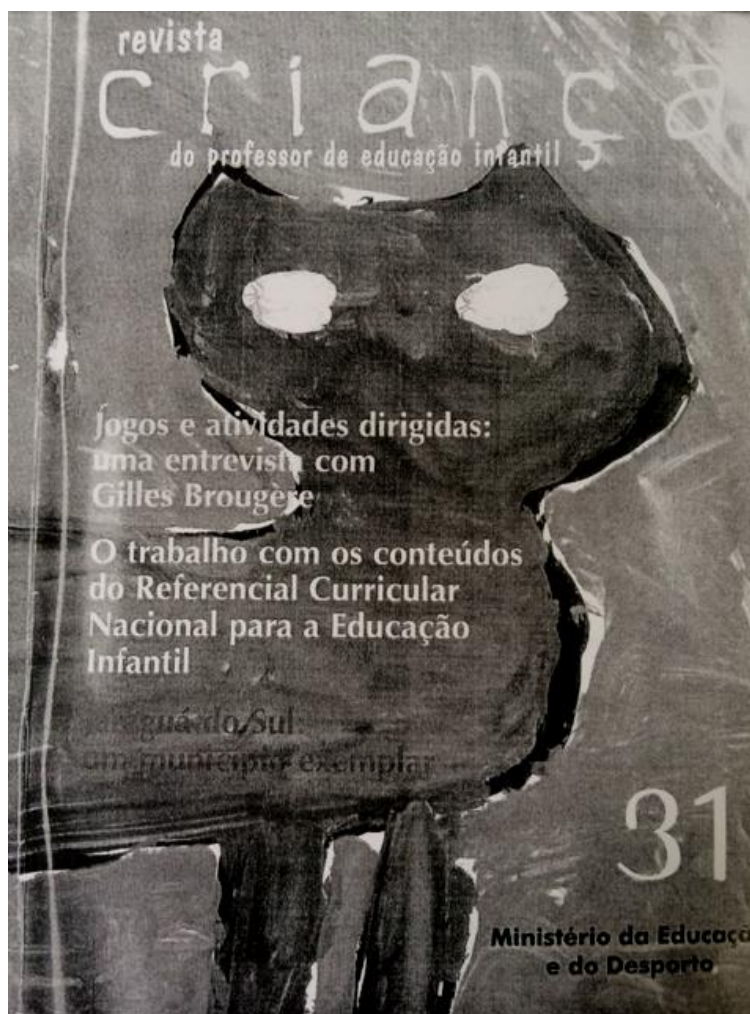


FIGURA 18: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 31, 1998.

3.1.18 Publicação número 32

O tema central da publicação é a criação nas artes e nas brincadeiras. O colorido do desenho infantil prevalece na impressão desta capa. O título e os chamados mantêm o padrão das edições anteriores.



FIGURA 19: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 32, 1999.

3.1.19 Publicação número 33

A revista aborda as temáticas a respeito do trabalho de Wallon na visão de Izabel Galvão, da formação de professores, o prêmio Qualidade na Educação Infantil. Vale destacar que até essa publicação nenhum autor havia sido destacado/mencionado na capa. A ilustração de várias crianças brincando compõem a capa e o padrão dos chamados de artigos é mantido.

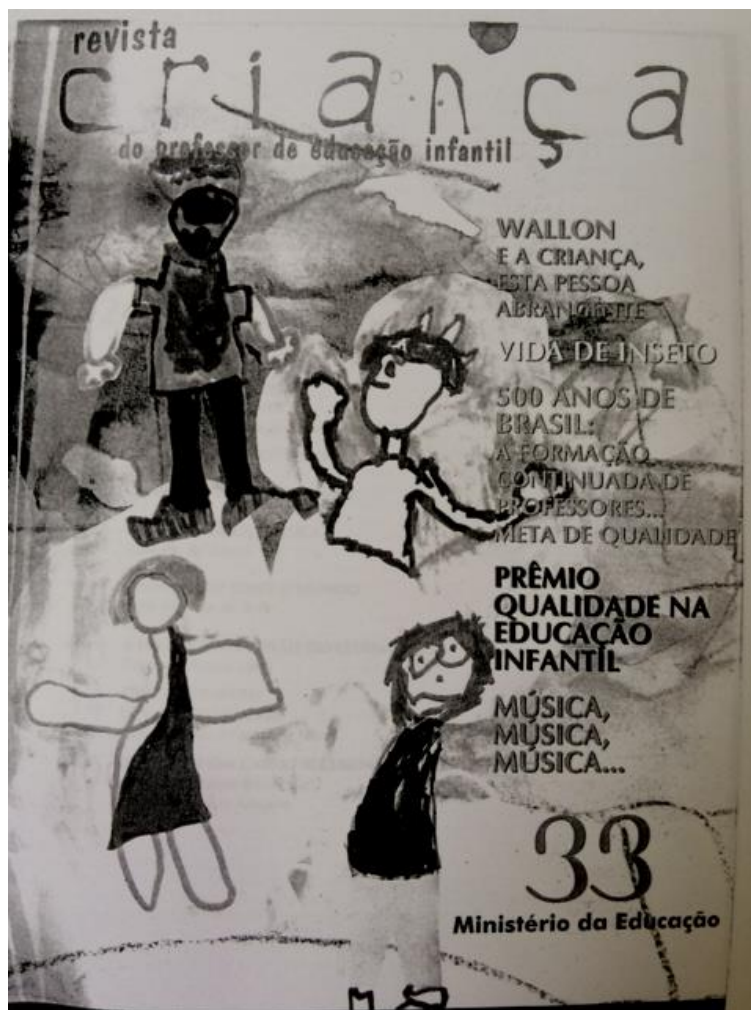


FIGURA 20: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 33, 1999.

3.1.20 Publicação número 34

A temática da formação continuada continua sendo abordada nesta edição, bem como o trabalho com projetos, e a vida e obra de Vygotsky que é o segundo estudioso mencionado nas capas da edição da revista. O desenho infantil se junta nessa capa a duas fotografias de crianças. Os chamados dos artigos estão maiores, utilizaram-se mais palavras e um número menor de imagens.

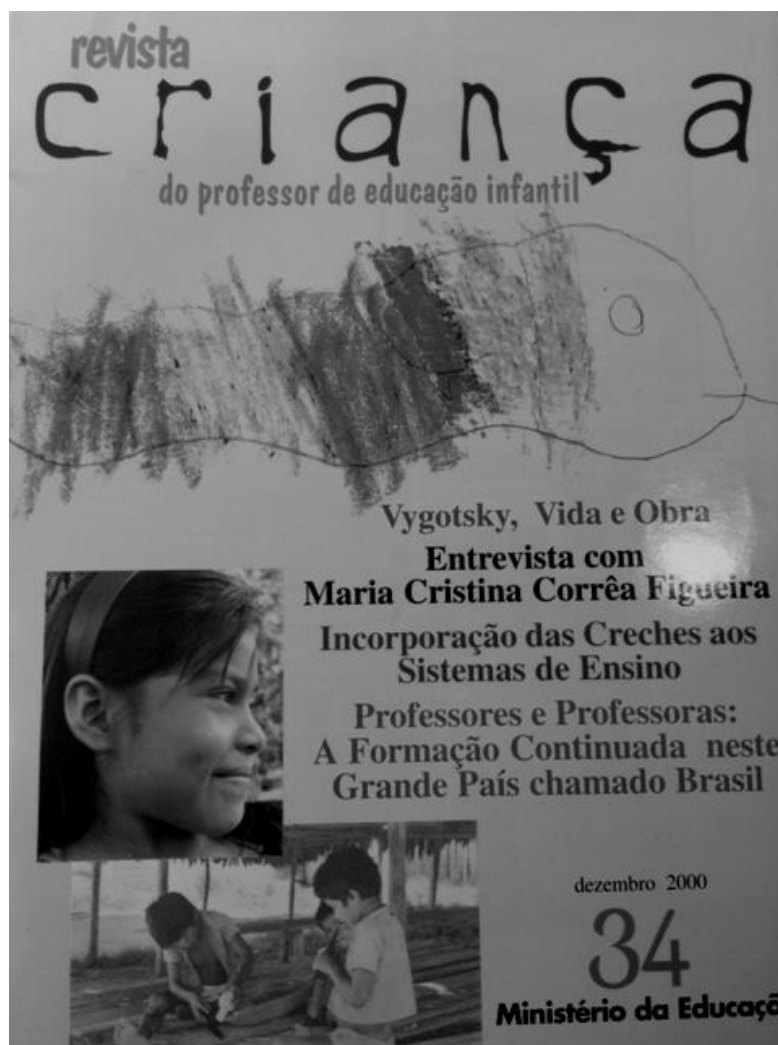


FIGURA 21: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 34, 2000.

3.1.21 Publicação número 35

O significado da escrita, educação inclusiva, construção de um a proposta pedagógica e as contribuições de Debret (terceiro autor destacado nas capas) são os assuntos abordados nesta edição. Volta-se novamente ao padrão de apresentação do desenho infantil, pela primeira vez um desenho com caráter mais abstrato, possivelmente feito por uma criança em idade menor que as autoras dos demais desenhos. E a mistura de letras maiúsculas, minúsculas, fonte em negrito destacaram os chamados dos artigos.



FIGURA 22: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 35, 2001.

3.1.22 Publicação número 36

Os temas abordados nessa edição são: registro reflexivo, formação de professores, genealogia, educação especial, e relatos de experiências de docentes e municípios. Na capa destaca-se a entrevista com Stefânia Padilha professora de Educação Infantil da rede municipal de Belo Horizonte, na qual a docente relata sua experiência profissional. Também é destacado na capa o artigo referente à importância do registro reflexivo, educação especial e o Premio Qualidade na Educação Infantil do ano de 2002. O desenho infantil utilizado na capa ganha uma moldura dando a impressão de ter sido confeccionado em um pequeno pedaço de papel irregularmente recortado.

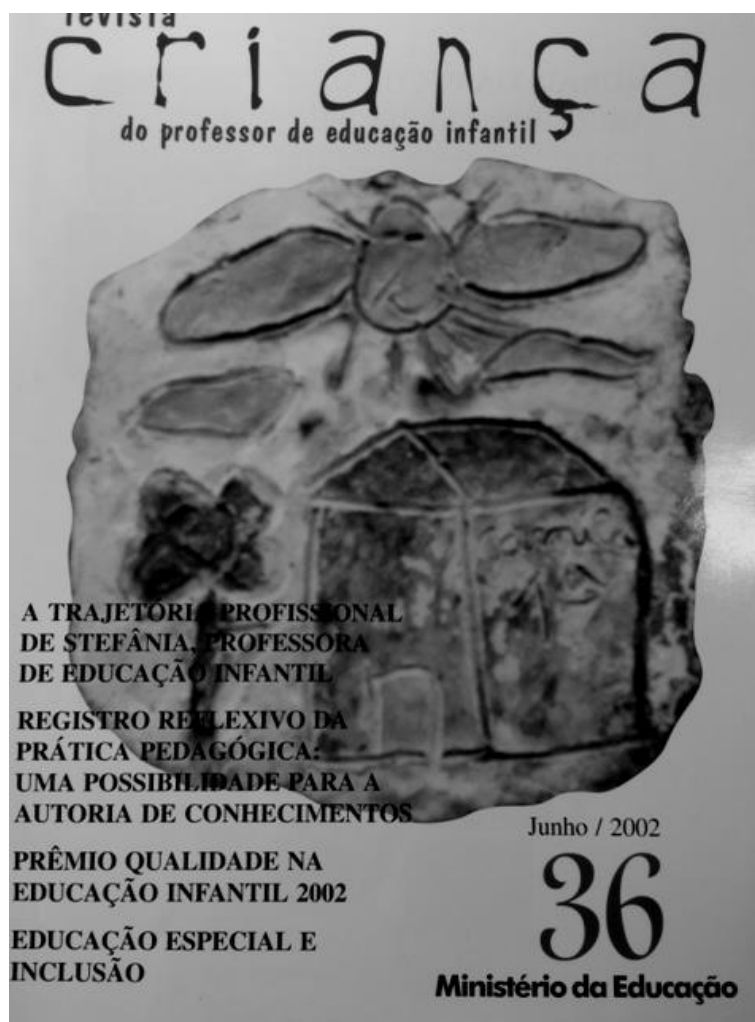


FIGURA 23: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 36, 2002.

3.1.23 Publicação número 37

Essa edição aborda questões diversas como políticas para Educação Infantil, brinquedos e infância, relatos de experiências do Museu do Brinquedo na Ilha de Santa Catarina, Resultado do Premio Qualidade na Educação Infantil 2002. Pela primeira vez utiliza-se para a capa uma imagem que remete a certa textura com o trabalho de colagem. Manteve-se o padrão do título e chamados. Os artigos destacados foram quatro.

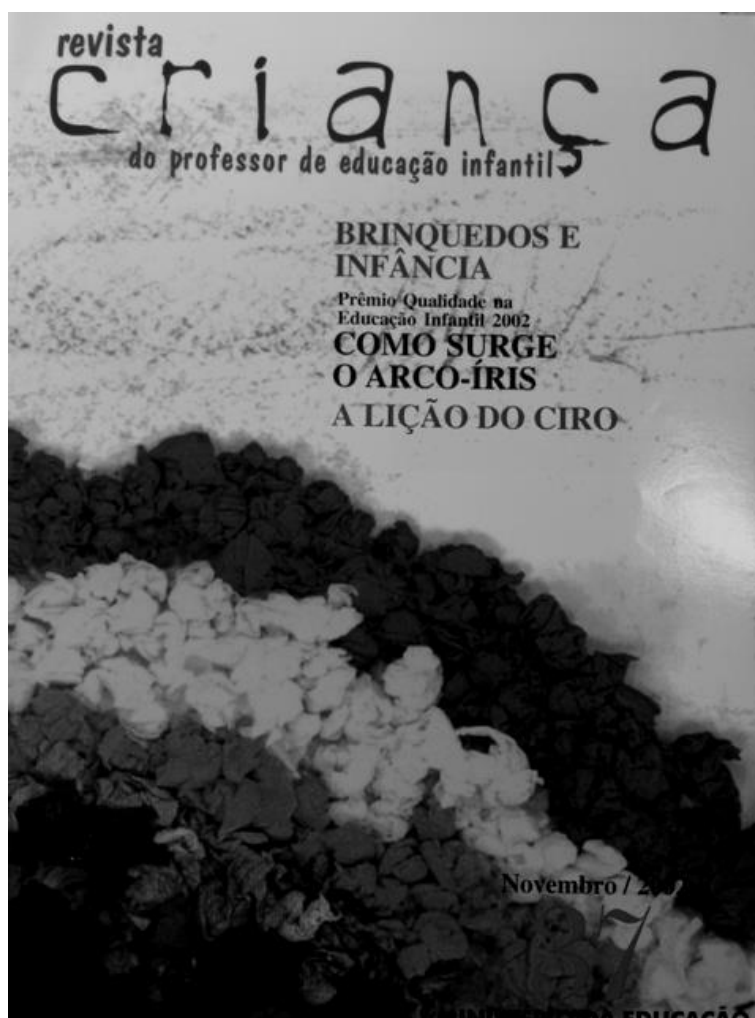


FIGURA 24: Capa Revista Criança. REVISTA CRIANÇA, Edição 37,2002.

Quando olhamos para o conjunto das capas aqui apresentadas e as tomamos como expressão de algo a alguém a presença até a primeira metade dos anos 90 do século XX de fotos de crianças. Crianças em atividade, concentradas, felizes. Crianças escolhidas para nos darem a sensação de que podemos encontra-las nas escolas, de que são ‘verdadeiramente’ reais, e que querem aprender, que aprendem. Podemos perceber ao olharmos as temáticas das revistas uma tentativa de cativar o professor, de fazê-lo visualizar que é possível realizar algo que seja pedagógico e divertido ao mesmo tempo. É como se as fotos convidassem o professor a produzir em suas crianças o mesmo efeito ali registrado, ao mesmo tempo dando-lhes a sensação de que já o foi feito por outro professor. As crianças das capas estão com seus pares trabalhando ou simplesmente aparecem sozinhas, em apenas duas capas aparece o adulto. Esse adulto é uma mulher colocada no meio das crianças interagindo intensamente com elas. Sente-se um sabor de independência, de autonomia coletiva, com a idéia de trabalho conjunto professor-criança a emoldurar o ambiente. Poderíamos pensar em um momento de tentativa de construção de uma ideia positiva da criança: capaz, ativa, feliz. Já o professor relaciona-se com essa ideia participando, estando junto, próximo. Não por acaso encontraremos no interior de muitos desses volumes a prática com dicas, modelos de como realizar um trabalho que leve o professor a atingir essa imagem construída nas capas.

Ao alterar-se na segunda metade da década de 90 a capa para a reprodução de desenhos infantis coloridos, com temáticas variadas, (com exceção do número dedicado a Vigotski que traz fotos de crianças) percebemos a mudança do foco da imagem da criança para a produção das crianças. Esse segundo conjunto de capas expressa a tentativa de se olhar para o que a criança produz como belo, significativo. É a tentativa de valorização do resultado do trabalho das crianças que tanta importância possui a ponto de ilustrar a capa da revista. Interessante notar que as temáticas dessas revistas passam a destacar autores da literatura estrangeira no campo da psicologia que justamente colocam o foco na aprendizagem infantil.

Quando olhamos novamente para as capas como fontes de relacionamento, intenção de travar-se por meio da expressão da imagem um diálogo com a audiência podemos compreender que a revista procura ao mesmo tempo combater em suas capas uma ideia de criança em circulação através da construção de um repertório novo para o professor. Mas que ideia seria essa?

Se pensarmos que nas décadas de 30, 40, 50, 60 e 70 o atendimento infantil foi marcado pela informalidade, não definição de sua função que se centrou mais na

assistência social. Pensando que esse centrar-se na assistência, no cuidado, de acordo com Machado (2015), era necessário haja visto as condições precárias de vida material da maioria da população brasileira em especial as crianças, relegadas por vezes ao abandono. Entendemos que havia certa ideia da criança a ser atendida como aquela cujo primado do cuidado ainda reinava e, junto com ele a imagem física dessa criança como suja, com fome, doente, incapaz de atenção de concentrar-se. Entende-se então o porquê da ênfase nas fotos das crianças tal como apresentadas.

Por outro lado, no campo acadêmico científico já havia um acúmulo razoável de pesquisas, inclusive no Brasil, como nos mostra Machado (2015) ao nos apresentar as ideias educacionais de quatro educadores voltados para a infância brasileira¹, a referendar a possibilidade e, a necessidade de um trabalho pedagógico para além do cuidado. Trabalho esse muito pautado em ideias baseadas na Escola Nova, tal como foi apropriada no território brasileiro, marcada pelo alinhavar de diversos autores e pedaços de suas proposições pedagógicas, associados a práticas já em circulação no interior das escolas, segundo Hai, Simon & Depaepe (2015).

A proposição de trabalho pedagógico deveria tomar a criança como ser ativo, capaz de aprender, que necessita trabalhar com seus pares e, para a qual o professor deve dirigir-se como mediador, participativo, também ativo, voltado para o coletivo sem perder de vista o individual. Nesse sentido as produções infantis ganham relevo, pois elas concretizam a ação, a aprendizagem expressa pela própria criança.

Essa relação que as imagens escolhidas pela revista tentam travar com os professores marca um caminho em construção permeado por incertezas. As imagens das capas de certa forma traduzem esse momento que podemos chamar de transição, de tentativa de definição do que é a criança, de quem deve ser o professor e de qual é a função desse tipo de educação.

No próximo item apresentamos um conjunto de histórias em quadrinhos impressas em alguns números da revista e, que compõem o conjunto das imagens aqui analisadas nos fornecendo mais pistas a respeito da imagem de criança.

¹ Esses educadores são Heloisa Marinho, Nazira Feres Abi-Saber, Celina A. Nina e Odilon de Andrade Filho.

3.2 As histórias em quadrinhos.

As publicações 15, 16, 17.18, 19, 21, 22, 23 e em uma Publicação denominada Extra da revista apresentam na contracapa uma história em quadrinho com temas relativos ao trabalho com as crianças e que mostram na representação gráfica a relação da criança com o adulto. Abaixo passamos a apresentar essas pequenas histórias.

3.2.1 Publicações número 15:

A proposta da publicação número 15 é estimular o debate e a análise de alguns temas relativos ao trabalho na pré-escola, estimulando que o professor observe as interações das crianças e a partir delas organize e reorganize seu trabalho. Tal observação pode ser efetivada através da história em quadrinhos publicada na edição 15, na qual em uma atividade de modelar a docente observa que as crianças confeccionaram traves e bolas de futebol e organiza novas ações utilizando à temática futebol.



FIGURA 25: História em quadrinhos. REVISTA CRIANÇA, edição nº 15, agosto de 1986.

3.2.2 Publicação número 16:

Continuando com a proposta de auxiliar o docente com atividades práticas para que o mesmo possa organizar o trabalho do dia-dia com maior êxito. A história em quadrinhos desse número da revista sugere que a professora estimule os alunos a escrever e enfatiza que as tentativas de escrita devem ser valorizadas.



FIGURA 26: História em quadrinhos. REVISTA CRIANÇA, edição nº 16, outubro de 1986.

3.2.3 Publicação número 17:

A história em quadrinhos utilizada na edição número 17 se propõe a levar o professor a pensar o significado do 'erro' trabalhando com a idéia de que crianças e adultos pensam de forma diferente.



FIGURA 27: História em quadrinhos. REVISTA CRIANÇA, edição nº 17, maio de 1988.

3.2.4 Publicação número 18:

Neste número da publicação o tema proposto é uma reflexão sobre a função da pré-escola, com a intenção de analisar as atribuições e os caminhos percorridos pela modalidade. A temática foi contemplada na história em quadrinhos.



FIGURA 28: História em quadrinhos. REVISTA CRIANÇA, edição nº 18, novembro de 1988.

3.2.5 Publicação número 19:

Esse número da Revista Criança traz uma história em quadrinhos que chama a atenção para a função pedagógica do trabalho do professor de acordo com o apresentado no número anterior. Para isso escolhe-se a questão da aquisição da noção de número como não se configurando no simples recitar e memorizar. Cabe salientar que a visualização dessa história em quadrinhos está ruim até mesmo na versão impressa.



FIGURA 29: História em quadrinhos. REVISTA CRIANÇA, edição nº 19, dezembro de 1988.

3.2.6 Publicação número 21:

A edição anterior número 20 não apresentou história em quadrinhos e a publicação número 21 anuncia uma reformulação quanto às seções, mas mantém a história em quadrinhos com temáticas voltadas ao dia-a-dia do professor na pré-escola. Essa história aparece no formato de uma tira e esta ausente o balão que concluiu a mesma com uma espécie de ‘lição’ para o professor.



FIGURA 30: História em quadrinhos. REVISTA CRIANÇA, edição nº 21, dezembro de 1990.

3.2.7 Publicação número 22:

Nessa edição o professor é estimulado a valorizar a produção da criança para que essa construa uma auto-imagem positiva. Mantem-se aqui o formato de uma única tira.



FIGURA 31: História em quadrinhos. REVISTA CRIANÇA, edição nº 22, dezembro de 1990.

3.2.9 Publicação Extra

A publicação extra reúne sugestões de atividades de cada número da revista publicada. A história em quadrinhos nessa publicação foi colocada no final da edição ao contrário do que foi apresentado nas edições anteriores e propõe uma reflexão acerca da imaginação infantil. Interessante notar que se recupera aqui o trabalho gráfico anteriormente utilizado para a confecção das histórias.



FIGURA 33: História em quadrinhos. REVISTA CRIANÇA, edição Extra, dezembro de 1999.

Nesse trabalho de utilização de imagens a expressarem e travarem relações com os leitores da Revista às histórias em quadrinhos aparece como um elemento de caráter

lúdico explicitando a imagem da criança que se construía a partir da relação a ser travada pelo professor com seus alunos. Reproduziremos abaixo o conjunto das frases com as quais a maior parte das histórias era encerradas. Essas frases são importantes porque nas histórias elas possuem a função de concluir e, apontar para uma ação esperada por parte do professor. Faremos a apresentação das mesmas na ordem em que foram publicadas.

“Professor procure sempre observar as crianças realizando atividades para que possa aproveitar esse momento de outras formas”²;

“Professor valorize sempre as tentativas de escrita das suas crianças”³;

“É importante professor fazer perguntas às crianças e analisar suas respostas para compreender o seu modo de pensar. Os ‘erros’ infantis nos mostram o tipo de raciocínio das crianças nas diversas etapas de seu desenvolvimento”⁴;

“E você professor será que está atento à função pedagógica da pré-escola?”⁵;

“Às vezes a criança sabe recitar os números em ordem, mas não tem a noção de quantidade”⁶;

“Professor será que alfabetizar na pré-escola é isso?”⁷;

“A imaginação das crianças é tão livre que para ela não é difícil imaginar que as coisas têm vida. Para ela uma mesma ação pode ter mais significados diferentes do que para o adulto”⁸.

Esse conjunto de frases questiona e ao mesmo tempo apresenta quase que conselhos na forma de lições metodológicas para o professor nos revelam a construção de diversas imagens que perpassam a própria imagem de criança. Em especial a capa da Revista número 18 de 1988 cujo mote central é o debate da função pedagógica da pré-escola sintetiza em alguns pontos as demais ao tentar definir essa função por meio do papel do professor: não ser babá, não formar robôs, não deixar as crianças apenas brincarem, propor atividades com sentido para crianças e para o próprio professor, ouvir as crianças, incentivar as crianças, e por fim respeitar o nível de desenvolvimento no

² REVISTA CRIANÇA, edição nº 15, p. 01 agosto de 1986

³ REVISTA CRIANÇA, edição nº 16, p. 01 outubro de 1986

⁴ REVISTA CRIANÇA, edição nº 17, p. 01 maio de 1988.

⁵ REVISTA CRIANÇA, edição nº 18, p.01 novembro de 1988.

⁶ REVISTA CRIANÇA, edição nº 19, p. 01 dezembro de 1988.

⁷ REVISTA CRIANÇA, edição nº 23, p.01, 1992.

⁸ REVISTA CRIANÇA, edição Extra, p.01, dezembro de 1999.

qual as crianças se encontram. Quando olhamos para esses pontos percebemos que as frases finais das demais histórias aqui se sintetizam. Procura-se definir o pedagógico a partir de preceitos que não são novos aos debates educacionais brasileiros, inclusive dentro do próprio âmbito do atendimento a crianças menores de 06 anos. Contudo, a Revista procura recolocar no centro de debate esses preceitos na busca por uma definição para os objetivos do atendimento em salas de educação pré-escolar.

As histórias delineiam uma professora (todas as imagens são femininas) que muitas vezes não possui clareza do caminho a seguir, mas esta aberta ouve as crianças e, por meio da escuta é capaz de adaptar o seu trabalho pedagógico. Sua relação com o pedagógico e com as crianças é sempre positiva, excetuando-se uma história a qual comentarei a seguir, relação marcada pela crença na capacidade infantil. Na outra ponta desta imagem esta a criança sempre curiosa, atenta, criadora, capaz de expressar-se das mais diversas maneiras, pronta para aprender. O resultado dessas imagens apresentadas conflui para um dia a dia na sala de aula tranquilo, porém movimentado pelo aprender, pelo conhecimento que possui sentido e vida tanto para crianças quanto para professoras.

A única história em quadrinhos que não apresenta uma imagem positiva da professora encontra-se na Revista número 23 de 1992. Nesse quadrinho a representação gráfica da professora é quase que uma caricatura, assim como o desenrolar do enredo. Uma professora que apenas ‘despeja’ conteúdos, no caso as letras, na cabeça das crianças de forma autoritária. Como resultados têm uma criança desestimulada e infeliz incapaz de aprender.

3.3 Algumas conclusões

As imagens apresentadas nesse capítulo formam um bloco em defesa de divulgação de uma imagem de criança capaz de aprender, interessada, curiosa, ativa, criativa e feliz. Essa criança só é possível de materializar-se se encontrar uma professora que a respeite, a ouça, a incentive, a estimule, esteja disposta a trabalhar junto propondo atividades significativas a partir de situações cotidianas.

Não podemos nos esquecer de que a Revista sempre esteve ligada a órgão oficiais do governo brasileiro, portanto, ela expressa a através de suas imagens a construção, ou pelo menos a tentativa de políticas públicas que estejam voltadas para o atendimento de crianças pequenas. Durante o período das publicações dos volumes analisados nesse

trabalho da revista, diversos documentos oficiais foram aprovados e apresentados à sociedade civil, dentre eles destacamos:

Documento	Período
Constituição Federal	CF/ 1988
Estatuto da Criança e do Adolescente	ECA Lei nº 8.069/ 1990
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	LDB nº 9.394/ 1996
Plano Nacional de Educação	PNE, Lei nº 10.172/ 2001.
Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil	RCNEI/ 1998
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil	DCNEI/ 1999

QUADRO 05 - Organização dos documentos oficiais do Ministério da educação Fonte: Organizada pela autora.

Esses documentos delineiam para o cenário educacional brasileira o que constituiria o atendimento a crianças menores de 06 anos no Brasil. A constituição de 1988 no que se refere à Educação Infantil faz pela primeira vez referencia às garantias da efetivação do dever do Estado perante a esse nível de ensino, deixando evidente o direito à educação em creches e pré-escolas para crianças e zero a seis anos: “é dever do Estado prover creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade” (art. 208, IV). Cabe mencionar que no ano de 2006 a Emenda Constitucional 53 alterou a redação do artigo 208:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de:
VI – educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até (cinco) anos de idade;
(EMENDA CONSTITUCIONAL 53, 2006)

No que concerne ao investimento na educação o artigo 211, § 2º, define que os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na Educação Infantil e o artigo 212 define que a União aplicará, anualmente, nunca menos de 18% (dezoito por cento) e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios 25% (vinte e cinco por cento),

no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na Educação.

Estabelece ainda no artigo 23, inciso V, a competência comum de proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência, e destes entes político-administrativos somente os Municípios estão impedidos de legislar sobre Educação e proteção à infância, segundo dispõe o seu artigo 24, incisos IX e XV, respectivamente. De outro lado, através do artigo 209, incisos I e II, submete as instituições educacionais privadas que atendam crianças de zero a seis anos de idade, à supervisão e fiscalização do Poder Público.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação nº 9394/96 foi promulgada durante o governo de Fernando Henrique Cardoso e o processo de discussão da mesma durou aproximadamente dez anos e, de acordo com Saviani (1999), foi uma disputa de diferentes forças e segmentos sociais, econômicos que buscavam a realização de interesses antagônicos.

A educação infantil é referida no artigo 21 como a primeira etapa da educação básica, o que de fato não significou investimentos e atenção, pois o ensino fundamental foi priorizado no período.

A educação da criança na LDB nº 9394/96 é entendida como um complemento da ação da família e da comunidade:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 6 (seis) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.
(BRASIL, 1999)

A questão da avaliação na Educação Infantil também é retratada na lei e define que a mesma deve ser realizada por registros do desenvolvimento da criança e não deve restringir-se a fatores de aprovação ou reprovação. Entende-se a criança como um ser em pleno desenvolvimento e que não deve ser estimulado.

Como a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da educação nº 9394/96 e a Constituição Federal de 1988, surgem à necessidade da elaboração de um Plano Nacional de Educação e o mesmo foi efetivado em 2001 e estabelece um conjunto de vinte e seis objetivos e metas para a Educação Infantil. Destacamos as seguintes questões que são estabelecidas no Plano:

- Ampliação da oferta de creches e pré-escolas;
- Padrões mínimos de qualidade;
- Infraestrutura para o funcionamento;
- Autorização para o funcionamento;
- Formação dos profissionais;
- Alimentação escolar garantida;
- Fornecimento de materiais adequados à faixa etária; dentre outras.

As metas e objetivos estabelecidos necessariamente exigem maior investimento na área o que ocasionou o veto de algumas delas. A educação infantil é colocada na pauta dos debates, gerando-se assim a necessidade de uma melhor definição de seu papel pedagógico.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI publicado em 1998 vem preencher essa necessidade e constitui-se em um material elaborado pelo MEC integrando o conjunto de documentos dos parâmetros Curriculares Nacionais para Educação, sendo composto de três volumes. Com caráter teórico prático objetiva alicerçar a prática pedagógica do professor.

Na análise feita por Arce e Silva (2010) a criança no RCNEI é vista como:

(...) um sujeito histórico e social com capacidades próprias de agir e pensar o mundo, que utiliza diferentes linguagens no processo de construção do conhecimento, sendo a aquisição deste um trabalho de criação, significação e ressignificação. (ARCE & SILVA, 2010, p. 02).

Destacamos ainda a função docente retratada no material, a saber:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação. (BRASIL, 1998, p.41).

É possível notar que a concepção de criança presente nos três volumes, é uma concepção de criança produtora de cultura, na qual a utilização de diferentes linguagens favorece o processo de construção do conhecimento, auxiliada por esse professor aprendiz e capaz de refletir a respeito de sua prática.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil são elaboradas, então, buscando-se apresentar princípios educacionais norteadores a serem seguidos pelas propostas pedagógicas a serem elaboradas pelas instituições de educação Infantil, que também devem contemplar o conteúdo apresentado nos Referenciais.

Art. 3º - São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

I – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem respeitar os seguintes Fundamentos Norteadores:

- a) Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;
 - b) Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;
 - c) Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.
- (BRASIL, 1999, p.1)

E a concepção de criança presente no documento fica evidente no inciso IV, bem como a ideia da valorização dos conteúdos básicos para a infância:

As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprios, com os demais e o próprio ambiente de maneira articulada e gradual, devem buscar a partir de atividades intencionais, em momentos de ações, ora estruturadas, ora espontâneas e livres, a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, contribuindo assim com o provimento de conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores.

(BRASIL, 1999, p.2).

Podemos observar que nesse período há uma busca no cenário educacional para uma definição da especificidade do tipo de atendimento para crianças pequenas o que pode ser notado nos documentos e também nas publicações da revista Criança. Nota-se que a Educação das crianças pequenas assume um significado importante e propaga-se a ideia de formação de um cidadão em pleno desenvolvimento que atua diretamente na construção do seu conhecimento.

O conhecimento da criança nos documentos oficiais e também nas edições da Revista Criança é construído através dos conhecimentos prévios do mundo que essa possui e o professor dessa forma deve ser um agente facilitador e incentivador para que a criança desenvolva suas potencialidades. As ações são planejadas com intencionalidade e a metodologia deve ser guiada pelo centro de interesse da criança, para tanto, o professor deve observar, registrar e planejar. Pensamos então, que a criança é vista como protagonista e o professor como corresponsável pelo desenvolvimento infantil.

Assim as imagens dispostas no interior das revistas constituem-se em expressões dessa imagem de criança em construção em diversos documentos oficiais a travarem uma relação que objetiva atribuir significado a prática pedagógica da professora que atua com crianças menores de 06 anos nas escolas de Educação Infantil.

No próximo capítulo apresentaremos como os artigos presentes nessas mesmas revistas delineiam a relação esperada entre professoras e crianças definindo uma imagem de criança e, conseqüentemente também da própria professora.

4 A CRIANÇA NOS ARTIGOS DA REVISTA CRIANÇA

No capítulo anterior trabalhamos a análise das capas da revista juntamente com as histórias em quadrinhos contidas no interior de alguns volumes. Uma determinada imagem de criança se delineou pautada na relação esperada a ser travada pelo professor para com seus alunos. Nesse capítulo objetivamos apresentar e analisar uma seleção de 121 textos presentes na revista. Esses textos foram selecionados após uma leitura exploratória do conjunto do material. Sua escolha deu-se por revelarem-se materiais indicativos dos objetivos que perseguimos em nossa pesquisa.

Ao apresentarmos o conteúdo dos artigos trabalhados o faremos a partir do nosso objeto de estudo, portanto, não descreveremos cada artigo. Também optamos por reproduzir algumas imagens de atividades sugeridas para o professor por considera-las ilustrativas das proposições da revista. Concordamos com Valdemarin (2010) que a presença de procedimentos didáticos em textos destinados a professores não se reduz a questões técnicas menores. Esses procedimentos encerram um conjunto de saberes e modos de ação que procuram materializar um discurso prático defendido.

Este capítulo encontra-se subdividido em duas partes: na primeira parte apresentamos o conteúdo dos artigos da revista, e na segunda procedemos nossa conclusão.

4.1 Apresentação dos artigos publicados do número 15 ao número 37 da Revista Criança.

Para que possamos compreender a constituição dos artigos e a imagem de criança neles construída faz-se necessário retomarmos algumas questões pertencentes ao âmbito da materialidade da Revista. Dentre os 121 artigos analisados as temáticas mais trabalhadas foram: desenvolvimento infantil, língua escrita (alfabetização), função docente, função da pré-escola. Alguns autores colaboraram com mais artigos do que outros para a Revista abaixo apresentamos os autores com as respectivas temáticas dos artigos e título dos textos, por considera-los exemplos das temáticas dominantes na revista e também porque alguns desses autores tornaram-se referência na pesquisa e produção acadêmica:

Autor	Temática	Texto	Edição/Ano de publicação
Solange Jobim & Souza	Avaliação	Como avaliar na pré-escola?	Número 15/ 1986
	Função da Pré-escola	A pré-escola de hoje: transformações e definições.	Número 18/1988
	Ciências Naturais	Entrando no tempo conquistando o espaço.	Número 20/ 1989
	Desenvolvimento Infantil	Adaptação da criança.	Número 20/ 1989
	Linguagem Oral	Conquistando o mundo da fala.	Número 20/ 1989
	Língua Escrita/ Alfabetização	Alfabetização: iniciando uma conversa com os professores;	Número 20/ 1989
	Língua Escrita/ Alfabetização	Alfabetização: refletindo sobre a prática;	Número 20/ 1989

Sonia Kramer	Língua Escrita/ Alfabetização	A escola e a linguagem da criança.	Número 20/ 1989
	Função docente	Exercícios mimeografados: usá- los ou não na pré- escola?	Número 20/ 1989
	Agressividade	Uma criança está agressiva: o que fazer?	Número 19/ dezembro de 1988
	Função da pré- escola	Pré-escola: (re) começando o trabalho	Número 20/1989
Gisela Wajskop	Legislação	Referencial Curricular nacional para a Educação Infantil;	Número 30/1997
	Brinquedos	O que é brincadeira?	Número 31/1998
	Função docente	500 anos de Brasil: a formação continuada de professores... meta de qualidade.	Número 33/1999

	Função docente	Professores e professoras: a formação continuada neste grande país chamado Brasil.	Número 34/2000
Leticia Braga Santoro	Desenvolvimento Infantil	Em busca da criatividade.	Número 16/1986
	Artes	Arte/ educação: uma luta por um ensino menos mecanizado.	Número 18/1988
	Artes	Ilustrações e imagens... devaneio de crianças e adultos;	Número 20/1989
	Literatura	Livros de história- sempre importantes!	Número 20/1989
	Literatura	Era uma vez...	Número 22/1990
Telma Weizs	Função da pré-escola	Reverendo a função pedagógica da Pré-escola	Número 24/1993

	Língua Escrita/ Alfabetização	Alfabetizar na pré- escola	Número 29/1996
Vitória Líbia Barreto de Faria	Função da pré- escola	Que pré-escola é esta?	Número 18/1988
	Legislação	A construção de uma proposta pedagógica.	Número 35/ 2001
	Função da pré- escola	Integração das instituições de Educação Infantil aos sistemas de ensino: conquistas e dificuldades.	Número 37/ 2002
Fátima Regina Teixeira de Salles	Conceitos Matemáticos	Como a criança constrói o conceito de numero?	Número 19/1988
	Legislação	A construção de uma proposta pedagógica.	Número 35/2001
Ana Maria Gonçalves Weigel	Função docente	Existe algum “jeitinho” para se criar atividades?	Número 20/1989

	Função docente	Você acredita? Criar e diversificar a partir de um só material?	Número 20/1989
	Música	Música: -Ih! De novo? Ou – Ah! Que bom!	Número 20/1989
Ana Rosa Beal	Desenvolvimento Infantil	A evolução da auto-expressão na criança.	Número 23/1992
	Projetos	O projeto	Número 16/1986
Silvia M. G. Botelho	Literatura	Sem título, seção: Sua carta, nossa repostagem. (responde uma pergunta de leitor sobre histórias)	Número 16/1986
	Avaliação	Vamos avaliar?	Número 20/1989
Rosana Miguel de Aragão Soares	Brinquedos	Brincando, explorando e descobrindo as ciências.	Número 21/1990

	Desenvolvimento Infantil	Ouvir nossos ritmos, (re) descobrir os movimentos do corpo... Uma boa forma de entrar em contato com a criança.	Número 22/1990
	Desenvolvimento Infantil	A criança e seu meio social	Número 15/1986
	Ciências Naturais	Por que ciências naturais na pré-escola?	Número 19/1988

QUADRO 06 - Organização por autores com as respectivas temáticas dos artigos e título dos textos. Fonte: Organizada pela autora.

Como já afirmamos os artigos desses autores incidem justamente sobre as temáticas mais retomadas no decorrer da publicação da Revista. Ao observarmos os títulos dos artigos muitos foram pensados procurando chamar o professor para lê-los, convidando-os, instigando-os através de uma possível solução para problemas ou dilemas do cotidiano escolar, culminando em algo prático. A própria escrita dos artigos caminha nessa direção, são sempre curtos, com linguagem objetiva, sem discussões teóricas, diretivos, como a travar uma conversa com o professor. Outro detalhe que nos chama a atenção nessa conversa com o professor via os artigos é a presença de ilustrações com fotos de crianças em atividade por vezes em grupo e em outras sozinhas, mas sempre em ação. Corroborando com as imagens apresentadas nas capas.

A definição do que fazer via proposições abraçando a questão polêmica do alfabetizar, destaca-se. Alfabetizar ou não e como, enquanto temática nos aponta para a tentativa de distanciamento do trabalho pedagógico nas salas de pré-escolar do realizado no ensino fundamental. Outro aspecto importante ainda no campo da materialidade dos

artigos refere-se à transformação sofrida pelos mesmos no período de vida do periódico. Essas transformações envolveram aspectos gráficos da apresentação dos mesmos, mas também delinearão uma alteração na relação que se estabelecia com o público leitor. Em um primeiro período das publicações até 1992 os números traziam artigos focados na apresentação das atividades que o professor deveria realizar. A descrição das atividades pode ser entendida como um modelo pronto para execução, no qual o docente encontra os procedimentos para suas ações de maneira detalhada e simplificada. Muitas publicações utilizavam inclusive desenhos ilustrativos de brincadeiras e/ou atividades. Em um segundo momento, a partir de 1992, os artigos alteram seu foco deixando a característica de sugestão de modelo de atividades, adotando uma postura de artigos mais próximos aos acadêmicos científicos. Os autores em seus artigos refletem sobre um determinado tema apresentando uma análise de caráter aligeirado e sucinto sem um aprofundamento teórico maior, entretanto, cabe salientar que mesmo imprimindo outro tom os autores não se libertam de trazer exemplos para a atuação direta em sala de aula. Pode-se notar a tentativa de construção de um discurso homogêneo no conjunto dos artigos, todos trabalham a relação que o professor deve travar em sua sala de aula com seus alunos dentro de uma mesma perspectiva, assim, a imagem de criança se cristaliza sem aparente contradições. Artigos que poderiam apresentar críticas ou se contrapor ao exposto na revista estão ausentes. A ausência aqui se reveste do silêncio materializado na possível exclusão, fruto do afinamento político que a Revista possui com as políticas públicas em implementação durante o período de sua publicação

Concordamos com Hai, Simon & Depaepe (2015) quando esses autores afirmam que a prática cotidiana do professor delimita estabelecendo alterações ou até mesmo sendo protagonista na construção do discurso da prática, não nos causa estranheza a volta que a Revista faz na apresentação de atividades explícita para aplicação em salas de aula. Essas atividades retornam a Revista nas publicações de número 26 e 27 em 1994 e no número 28 em 1995, na seção é denominada Criança Sugere. Esse título extremamente sugestivo nos remete a ideia de que a criança está a solicitar atividades, quando na verdade são os professores que o fazem.

Os professores fazem solicitações de sugestões de atividades na seção: **Sua carta, nossa resposta. Nessa seção da Revista** um determinado autor responde a dúvidas de docentes e a solicitações de modelos de atividades. Como já mencionamos anteriormente essa seção da Revista apareceu sequencialmente do número 15 ao número

19, houve um intervalo em que a seção foi suspensa, sendo retomada do número 26 ao 28.

Interessante notar que do número 15 ao número 19 a seção possui uma característica descritiva. Não é publicada nenhuma carta, o autor apenas relata o recebimento das cartas, onde professores e profissionais da educação infantil indagam a respeito de uma determinada temática. Abaixo apresentamos os autores que faziam esses relatos e as temáticas que segundo eles foram abordadas pelos leitores:

Publicação	Autor da resposta	Temas abordados
Número 15	Elke Maria Francisca Servaes	Criação de fantasias pelas próprias crianças para dramatização. (Páscoa).
Número 16	Silvia M. G. Botelho	Utilização de livros de história
Número 17	Yara Prado Maia de Faria	Trabalho com sucatas.
Número 18	Cristina de Mattos Manier	Como lidar com o medo das crianças.
Número 19	Rosana Miguel de Aragão Soares	Utilização de material mimeografado

QUADRO 07: Organização das seções Sua Carta, nossa resposta. Fonte: Dados da pesquisa organizados pela pesquisadora. Revista Criança 1986-2002.

Em resposta aos leitores os autores apresentam sugestões práticas para os temas solicitados através de exemplos de organização de aula, separação de materiais, o que podemos observar na resposta dada a um leitor referente à utilização de sucatas nas atividades:

Caro professor, se dentro de sua sala não houver certa ordem na arrumação da sucata, em vez de ser um ótimo material estimulador para as atividades que as crianças podem desenvolver, ela será um depósito que mais parecerá um amontoado de lixo. Provavelmente, será rejeitado pelas crianças que não se sentirão motivadas a criar qualquer coisa a partir dessa sucata. (...) **Como levá-las a criar objetos com sucata?** Aproveite um momento em que estiverem reunidas, na rodinha, por exemplo. Mostre o material de sucata que você pretende que seja utilizado. Deixe que examinem à vontade. Em seguida, apanhe, por exemplo, as caixas de fósforos ou de pasta de dente e peça que as crianças digam que coisas poderiam ser feitas com elas.

(Seção: Sua carta, nossa resposta. **Revista Criança**, Brasília, Ed. 17, p. 02-03, 1988).

Ainda na mesma edição podemos observar na seção que as respostas dadas ao leitor também apresentavam questões para o professor estimular os alunos, bem como o mesmo deveria compreender a criança:

Sua turma fala pouco? Sua turma não é criativa? Então pegue as caixas e vá descobrindo junto com as crianças o que é possível criar.

- Será que dá para fazer um trenzinho ou um caminhão?

- Seria possível construirmos uma casinha?

- E um robô? Vocês já viram um robô?

Professor cada turma é uma turma. As crianças são diferentes, os ambientes de onde vêm, as experiências que trazem e o grau de desenvolvimento em que estão variam. Tudo isso vai influir no modo como você vai agir com elas. Não tenha medo de sugerir, por exemplo:

- Silvia, você não acha que este carrinho ficaria melhor pintado?

Este é um empurrãozinho que o professor dá. É o estímulo para vencer desafios. E, sabe a atenção, a maneira como falar com ela, é uma demonstração de sua afeição. A criança gosta de ser notada.

(Seção: Sua carta, nossa resposta. **Revista Criança**, Brasília, Ed. 17, p. 03, 1988).

No número 26 as cartas enviadas passam a ser publicadas. Entretanto, desaparece a resposta, sendo selecionadas cartas para publicação em sua maioria que contém elogios e/ou solicitação de assinaturas. A solicitação de atividades permanece, para ilustrar sua presença destacamos uma carta da publicação número 27 que foi enviada por um docente do Curso de Magistério da cidade de Indaiatuba, na qual ele elenca as solicitações de suas alunas, a saber:

Caros amigos:

Envio a Vossas Senhorias apreciações de alunas do Curso de magistério da EEPSPG “Dom José de Camargo Barros” (AV. Kennedy, 350-Cidade Nova-Indaiatuba –SP), onde leciono Português e Literatura infantil.

Caso possível, gostaria de poder ver algumas opiniões publicadas nas futuras edições de sua excelente Revista.

Apreciação das edições 23 e 25 de Criança realizada pelas alunas do Curso de Magistério da EEPSPG “Dom José de Camargo Barros”, de Indaiatuba, SP:

01-“Deveria ter mais textos falando da personalidade da criança” (Cristiane de Almeida Finca, Cristiane Trevisan, Flávia Fonseca, Flávia Spoliante -4º série).

02-“Gostaríamos de ver mias matérias sobre influencia do cotidiano na formação educacional d acriança e como trabalhar com situações que a criança “traz” de casa”. (Clarice Ferreira Soares, Cristina Nunes Maehata Valli, Fátima Keiko Kuse, Flávia Cássia Barbieri, Guiomar Donizete de Almeida e Juliana Batista de Andrade – 4ª série);

- 03- "Deveria haver mais relatos que abrangessem problemas em relação à criança e seu desenvolvimento, sua aprendizagem, principalmente menores de rua". (Julia Elizabete Rodrigues Silva, Marcia Alexandra Carreto, Juliana Silva Bocayuva, Vera Lucia da Silva, Silvia Cristina Bandolin 4º série);
- 04- "Achamos que a Revista poderia tratar de assuntos ligados a primeira e a quarta série do 1º grau". (Kelen Cristina Tobaldi, Keli Cristina Sigrist, Graziela Sculdler Zani, Luciana Maria Ferreira, Lucimara de Albuquerque, Valdinéia Batista – 3º série);
- 05- "Maior divulgação nas escolas e, se possível, um maior número de exemplares, para expandir a divulgação dela". (Adriana César Campos, Gislaine Simões, Marly Vieira de Moraes, Sandra Regina Mazurkieviz, Sandra Regina Scroeder e Silvana Maria Ripaelo Pereira – 3º série);
- 06- "Falta divulgação da Revista, por ser semestral, deveria trazer mais matérias." (Adriana Moneiro, Eva Aparecida Simões, Maria Aparecida Flores Nunes, Meire Moreira da Silva e Patrícia Valéria Martins- 3º série.);
- 07- "Gostaríamos de ver nas páginas de sua revista temas que atingissem uma faixa etária maior (1º a 4º série do 1º grau), porque nesta faixa temos muitos conflitos que, muitas vezes, temos certeza das soluções que conhecemos." (Adriana F. Pessoa, Edilene Toledo, Elisangela Stocco, Marcia Teller, Marielne A. Benedetti e Patrícia Pellegrini-3º série);
- 08- "Suas edições poderiam ser bimestrais e os assuntos poderiam estender-se às primeiras séries do 1º grau." (Nana Regina Guedes Damaceno, Fernanda C. de Barros, Joana de Melo Oliveira, Keli C. Komore, Lucimara Arthuzo e Márcia H. Bonequini – 3º série);
- 09- "Os professores e alunos do Magistério deveriam ter mais acesso a essas Revistas, porque é uma ótima fonte de conhecimento." (Adrian A. Baldini, Daniela C. Lourenço Cunha, Elaine Cristina Kabat, Inês Pereira Teixeira, Lucimara C. Alba Pavanello e Cecília Marques Kosoba- 3º série);
- 10- "Sugerimos uma edição que explicasse, em detalhes, o Construtivismo". (Alexandra Carla de Fátima Bonetti, Débora Molina Diniz, Gesiane Cristina Zabela e Tais Burck -3 ºsérie);
- 11- "A revista tornar-se-ia mais interessante, visualmente, se suas fotografias externas e internas fossem coloridas. Uma outra sugestão: atividades sobre as comemorações cívicas, explicando como trabalhá-las". (Andreia Vitorino Ribeiro, Caren Jeane Lançoni, Cristina Ferreira do Carmo, Ednéia Fernanda Capato e Silmara Raquel Frizani, - 3º série);
- 12- "A ideia de distribuição gratuita é muito boa, mas deveria ser dada a todos os professores, principalmente que utilizam métodos tradicionais, pois a Revista mostra que a criança é capaz de pensar sozinha, só necessita ela de estímulo e carinho, valorizando mais o concreto." (Antonia Lucinda Miranda Mendes, Glaucimara Vitorino de Barros, Marcia Regina Gonçalves Dias, Marta Mathias Fortunato e Vanessa Teodoro – 3º série);
- 13- "Que haja vários relatos de experiências de professores em salas de aula e tipos de brincadeiras e jogos educativos para que possamos usufruir em nosso dia-dia das aulas." (Fernanda V. Sciccia, Flavia Cristina Conti, Jamyle Tuon Teller, Patrícia Giamarino Paschoal e Viviane Martinatti de Freitas- 3º série);
- 14- "Poderia apresentar uma seção de apresentação da evolução da escrita e dos trabalhos infantis; uma seção de dicas diversas sobre assuntos de interesse do professor; também maneira de confeccionar alguns materiais didáticos." (Ana Paula Previtalle, Daniele Ingrid de Carvalho, Eliana Aparecida de Godoy, Flávia de Oliveira e Vivian Miranda Vieira- 3º série);
- 15- "Queríamos propor que as revistas trouxessem mais sugestões e exemplos práticos de como ensinar ou iniciar os conteúdos de Português e Matemática e ainda, a publicação de jogos lúdicos e brincadeiras." (Carla Daniela Brollo, Fernanda Juliete Pires e Monica Martinez – 3º série);

16- “Gostaríamos que a Revista publicasse mais artigos sobre as crianças de periferia: como professores devem trabalhar com elas quais os métodos mais adequados... Gostaríamos também de que a Revista publicasse um artigo de alfabetização de adultos e o que é preciso para se tornar uma educadora de adultos.” (Águeda Hipólito de Carvalho, Aline Christiane Duarte, Ébia Ferreira de Lima, Giane Zilda Vicente Magalhães, Marli Santos Silva, Renata Sapienza e Simone Costa Pereira- 3º série);

17- “Que a Revista apresente informações sobre o Ensino Fundamental de 1º a 4º série” (Cristiane Elisa de Oliveira Randi, Márcia Aparecida Marcussi, Marisa Fuon Valério e Valéria Pazin- 2º série);

18- “Propomos matérias sobre: como deve agir o professor com problemas com crianças agitadas; a pré-escola tem o “dever” de alfabetizar”? E a pré-escola é preparatória, obrigatoriamente para o 1º grau? (Elaine Cristina Rael, Raquel Fernanda Piato e Silva Regina Pavan Gonçalves- 2º série);

19- “A Revista trouxe diversos assuntos de ampla importância para nosso desenvolvimento”. (Adriana Alves Santos, Elisângela de Barros, Fabiana Rita de Souza e Rosemeire Magalhães Siqueira-2º série);

20- “Sugerimos que a editora envie “Criança” a todas as escolas que mantenham Curso de Magistério, para que possamos ter a cesso a ela.” (Roseléia Maria da Silva, Rosita Aparecida de Carvalho, Vera Lúcia Alves da Silva 2º série);

Obs.: leitura das edições 23 e 25 da Criança foram realizadas em grupos. O mesmo ocorreu com análise crítica das duas edições.

Indaiatuba, 11 de junho de 1994.

Prof. Luiz Carlos Batista de Moura

EEPSG “Dom José de Camargo Barros”

AV. Kennedy, 350 – Cidade Nova.

Fone 0192752445

13330-100 –Indaiatuba- SP

(Seção: Cartas. **Revista Criança**, Brasília, Ed. 27, p. 38, 1994).

Como podemos observar nesta longa carta apresentada na forma de itens há uma demanda por mais artigos a respeito do desenvolvimento infantil, sobre a questão do como fazer, mas também fortes sugestões para que a revista amplie seu leque para o ensino de 1º a 4º série. A carta também dá a entender que a revista não chega a todas as escolas em especial as que formam professores. No caso dessa carta, referendando as demais publicadas, a Revista não apresentou respostas às solicitações e em suas edições posteriores os temas solicitados por essas alunas não foram trabalhados.

Mas que atividades eram apresentadas ao professor na revista? Passaremos agora a reproduzir algumas imagens da revista que trazem essas atividades para comentarmos posteriormente.

- Sugestão de atividade de brincadeira com latas, essas atividades e outras foram elaboradas por uma supervisora de Roraima, Maria José de Rezende, que uma vez ao ano prepara uma apostila com atividades voltadas para o trabalho dos professores com as datas comemorativas.

Material - uma bola e caixas ou latas vazias.

Preparação - as crianças em círculo, e no centro caixas ou latas empilhadas.

Desenvolvimento - ao início do jogo, uma criança recebe a bola e, rolando-a ou chutando-a, tenta derrubar a torre; se conseguir, deverá ir ao centro do círculo, refazer a torre, e passar a bola ao companheiro que está ao lado; se não conseguir, terá nova chance.

Derrubar a torre



FIGURA 34: Modelo de atividade 1. REVISTA CRIANÇA, Edição 15, 1986.

- Modelo de atividade para confecção de bolo junto com as crianças. A proposta era que o professor fizesse o bolo e as crianças poderiam acompanhar através da leitura da receita:


FARINHA	
MANTEIGA	
LEITE	
AÇÚCAR	
OVOS	

FIGURA 35: Modelo de atividade 2. REVISTA CRIANÇA, Edição 16, 1986.

- Sugestão de trabalho com formas geométricas:

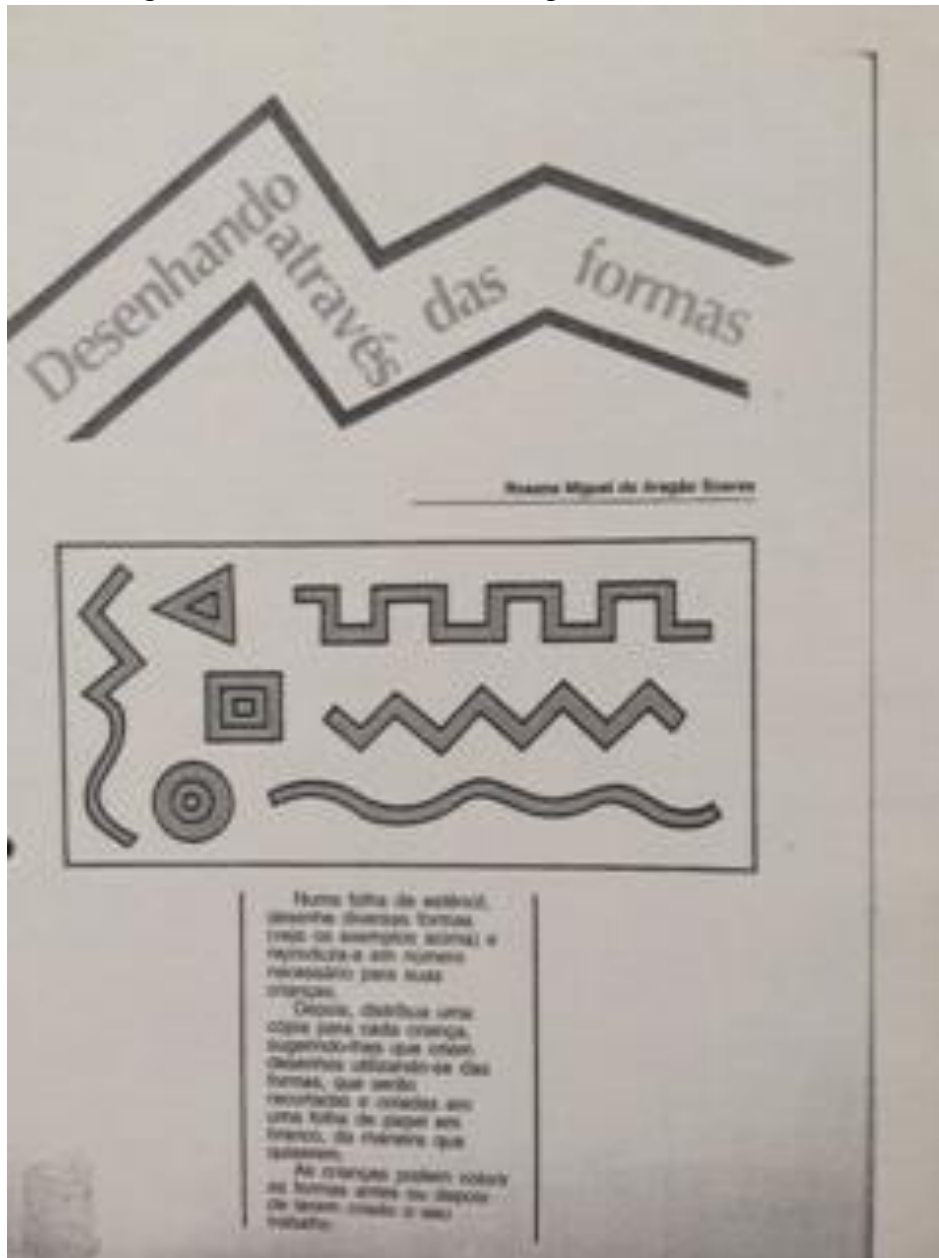


FIGURA 36: Modelo de atividade 3. REVISTA CRIANÇA, Edição 18, 1988.

- Trabalho com histórias com utilização de objetos rítmicos:

HISTÓRIA MUSICAL

Objetivo

Refletir sobre diferentes lugares, usos e costumes, para entender cada vez mais o mundo em que vivem. Expressar sentimentos e emoções através de ritmos e sons.

Material

Instrumentos rítmicos diversos ou objetos que produzem sons ao serem percutidos: chocalhos, triângulos, reco-recos, folhas de jornal, tampas de lata, vidros, etc.

Preparação


O professor divide as crianças em dois grupos e faz propostas, sugerindo situações, que serão contadas pelas crianças através dos instrumentos rítmicos.

Desenvolvimento

Um grupo deverá fazer, por exemplo, os sons que se ouvem no campo, ao amanhecer. O professor propõe: "Está amanhecendo. Quais os barulhos que a gente ouve no campo?" Crepitar do fogo, ranger de porteira, sino da igreja, etc.

Ao outro grupo propõe: "O dia já amanheceu. Durante o dia, no campo, a gente ouve muitos barulhos. Vamos imitá-los?" O galope de cavalos, o carro de boi se arrastando, o mugido das vacas, etc.

O grupo que apresentar o maior número de sons sobre o tema proposto será o vencedor.



The illustration shows three children engaged in a musical activity. On the left, a boy plays a drum. In the center, a girl plays a triangle. On the right, a boy plays a xylophone. Above them are three thought bubbles: the first shows a church with a bell tower, the second shows a rooster crowing with the sound 'CO-COO', and the third shows a campfire with sticks and flames.

FIGURA 37: Modelo de atividade 4. REVISTA CRIANÇA, Edição 19 1988.

- Modelos de atividade de dramatização com materiais diversificados:

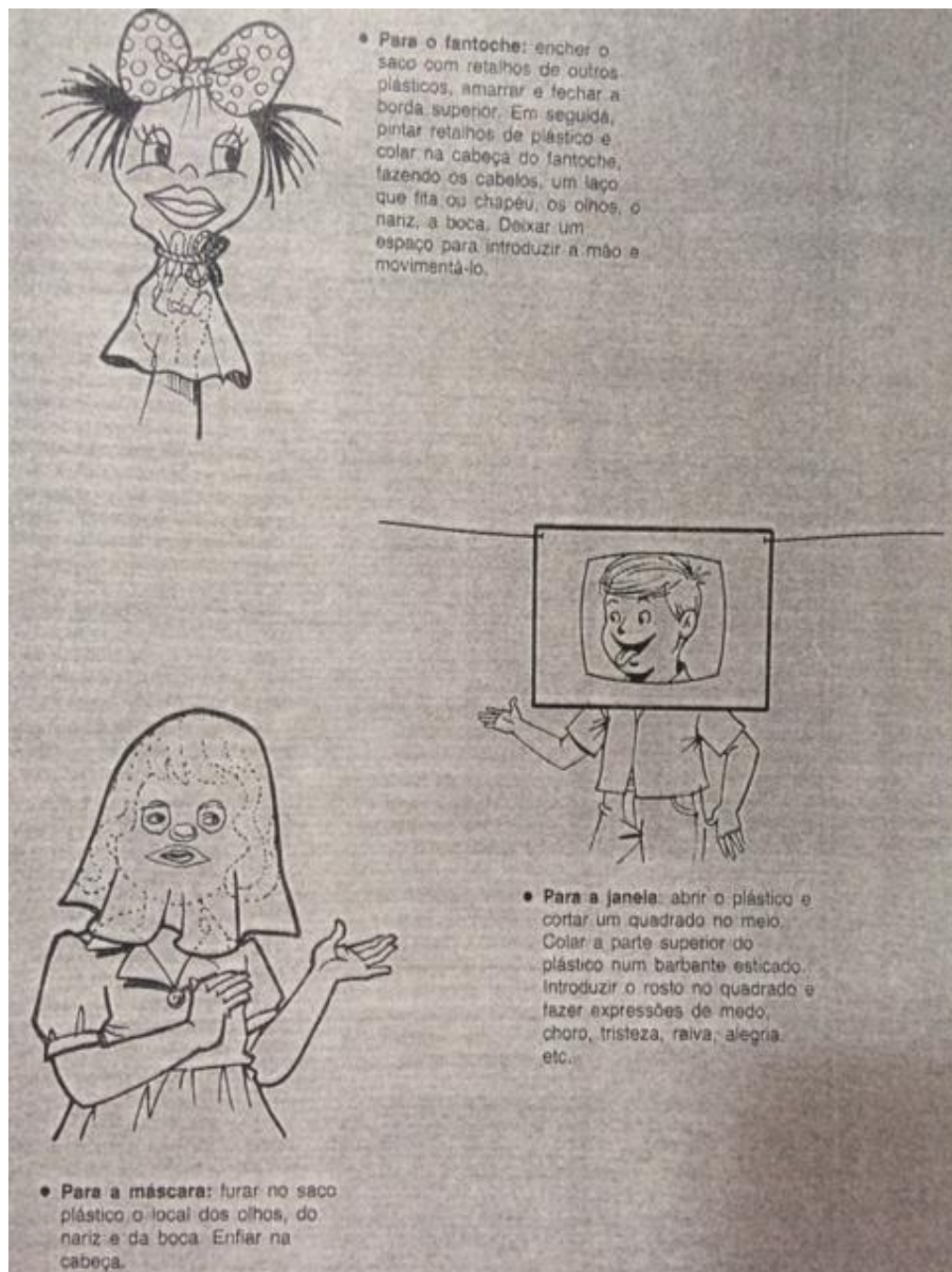


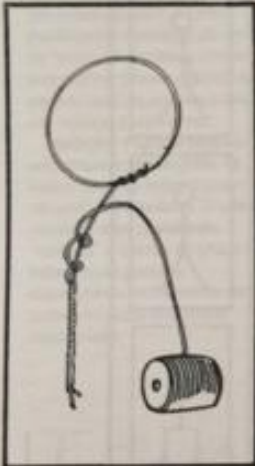
FIGURA 38: Modelo de atividade 5. REVISTA CRIANÇA, Edição 20 1989.

- Para auxiliar o docente nas ações voltadas para área de ciências é sugerido o trabalho Argola Mágica, essa é uma das únicas atividades que traz referências bibliográficas:

ARGOLA MÁGICA

Material:
—um pedaço de arame de aproximadamente 15 cm de comprimento;
—barbante.

Modo de fazer:
Arme a argola com arame, conforme o desenho. Em seguida, enrole o barbante, bem juntinho, em toda a sua extensão, preocupando-se com que o arame fique todo coberto pelo barbante.



Argola mágica

Introduza a argola mágica num recipiente com água e sabão e procure verificar, junto com as crianças, estas e outras hipóteses levantadas.
Você pode também fazer bolhas de sabão com canudos de mamona. Varie o seu diâmetro e verifique os resultados.

Além desses brinquedos construídos, você pode colocar à disposição das crianças outros materiais que permitem várias experiências com água, favorecendo assim novas descobertas.

- Materiais que permitem o transvasamento e movimentos com a água, etc.
 - pedaços de mangueira,
 - canudinhos,
 - funis,
 - esponjas,
 - recipientes de tamanhos e formas diferentes.
- Materiais que se movimentam, flutuam ou afundam na água:
 - objeto de peso, forma e texturas variadas.
- Materiais diversos para serem misturados à água:
 - tintas,
 - ingredientes (açúcar, óleo, sal, farinha, gelatina, etc.),
 - materiais da natureza (areia, terra, folhas, flores, etc.).

Observações:

- Será que variações no diâmetro da argola vão produzir variações no tamanho das bolhas?
- A espessura do barbante vai determinar alguma modificação nas bolhas?
- É possível fazer bolhas com a argola, sem cobri-la com o barbante?
- As bolhas de sabão feitas com a argola mágica serão maiores do que as feitas com canudos de mamona?

O importante em todas essas atividades é a ação das crianças sobre os objetos e o levantamento de hipóteses antes e durante a realização do trabalho.

Lembrete: As questões formuladas nas observações não são modelos de perguntas a serem feitas para as crianças. Trata-se de sugestões que o professor poderá adaptar e enriquecer durante seu trabalho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KAMII, Constance & DEVRIES, Rheta. **O conhecimento físico na educação pré-escolar: implicações da teoria Jean Piaget.** Trad. Maria Cristina Goulart. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

Criança 23

FIGURA 39: Modelo de atividade 6. REVISTA CRIANÇA, Edição 21 1990.

- Na publicação 22 as sugestões de atividades são bem detalhadas e organizadas desde a separação dos materiais, preparação do ambiente com conversa com as crianças e desenvolvimento da atividade.

Preparação

Fazer perguntas às crianças sobre circo: que artistas trabalham lá, como eles são, o que fazem, qual delas elas mais apreciam, etc.

Apresentar uma folha com o desenho completo e indagar se o palhaço que elas conhecem se parece com aquele. Em seguida, levantar uma questão: — Como seria um palhaço maluco?

Desenvolvimento

Dividir as crianças em grupos de cinco. Distribuir para cada grupo uma folha com a figura inteira do palhaço, uma folha com as partes soltas e uma folha em branco.

Pedir as crianças para colorir, enfiar e recortar as partes soltas do palhaço. Quando terminarem, elas terão seus olhos vendados, e, em conjunto, deverão colar as partes soltas na folha em branco. Criarão, assim, o palhaço maluco.

Solicitar que cada grupo de crianças invente uma história sobre o seu palhaço maluco e fazer comentários sobre o enredo. Continuar a brincadeira, explicando que será feito o jogo do palhaço maluco.

Para isso, dividir as crianças em dois grupos: palhaços azuis e palhaços vermelhos. Mostrar o chapéu do palhaço maluco e dizer que será jogado no chão, várias vezes, pelo professor.

Combinar com as crianças que o chapéu caído com o fundo virado para baixo representa o grupo de palhaços vermelhos, e com o fundo para cima, o grupo de palhaços azuis.

Se o chapéu, após ser lançado ao ar, cair com o fundo para baixo, o grupo dos palhaços vermelhos deverá dar gargalhadas, e as crianças que representam os palhaços azuis não podem rir de jeito nenhum.

Se, ao cair no chão, o fundo do chapéu estiver virado para o alto,

será a vez do grupo dos palhaços azuis dar gargalhadas e o grupo de palhaços vermelhos permanecer sério.

Sairão do grupo as crianças que sorriem no momento em que deverão permanecer sérias.

Conclusão

Será vencedor o grupo que possuir o maior número de palhaços no momento em que o professor terminar a brincadeira.

2 - Quem adivinha, imita

Material

- Folhas mimeografadas contendo vários meios de transporte;
- Um envelope contendo recortes de todos os meios de transporte mimeografados, para serem utilizados pelo professor.

Preparação

Conversar com as crianças sobre os meios de transporte que elas conhecem. Perguntar quais são os usados na água, na terra e no ar.

Apresentar uma folha contendo os desenhos mimeografados e indagar às crianças quais os meios de transporte que elas já utilizaram.

Desenvolvimento

Distribuir uma folha mimeografada para cada criança propondo que desenhem, pintem ou enfilem.

Os diversos tipos de transporte, do jeito que quiserem e de acordo com o local onde se locomovem.

Expor os trabalhos. Prosseguindo a brincadeira, dividir as crianças em dois grupos: azul e amarelo.

Apresentar o envelope com os desenhos para o grupo azul e pedir a uma criança para sortear uma figura. O meio de transporte que for sorteado deverá ser



FIGURA 40: Modelo de atividade 7. REVISTA CRIANÇA, Edição 22 1990.

- Modelo de atividade de confecção de bola de Patchwork.

BOLA DE RETALHOS Um brinquedo barato e fácil de fazer

Esmeralda Tomaz Afonso Profª do DED – UFV
Janete de Souza Farias Estudante do curso de Economia Doméstica

A bola feita de retalhos, baseada no trabalho "Patchwork", muito utilizado nas colchas de retalhos, parte de uma forma geométrica que vai sendo costurada com outras iguais e pode ser de diferentes tamanhos. As autoras deste trabalho confeccionaram bolas de tamanhos variados, atendendo principalmente a informações que receberam das técnicas do Laboratório de Desenvolvimento Humano da Universidade Federal de Viçosa: "Quanto menor a criança, maior deve ser a bola". Passamos às instruções de como confeccionar a BOLA DE RETALHOS.

Material necessário

- retalhos de cores e padrões diferentes, mas com a mesma textura
- formas de latão em forma de pentágono (escolha o tamanho do desenho apresentado no fim deste trabalho – figura 9)
- papel cartão
- tesoura
- alfinetes
- agulha
- linha fina, para costurar
- linha grossa para casear
- espuma ou outro material macio para enchimento

Maneira de fazer a bola menor

1. Com a forma de 3,3 cm corte, nos panos, combinando bem as cores, 12 pentágonos (Figura 1)

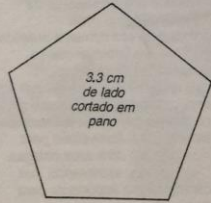


Figura 1

2. Coloque a forma de 2,5 cm de lado no papel cartão e corte 12 pentágonos (Figura 2)

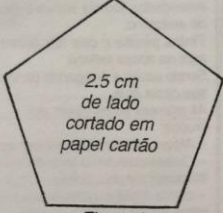


Figura 2

3. Coloque o pentágono de papel cartão no centro, do lado avesso do pentágono de pano (Figura 3)

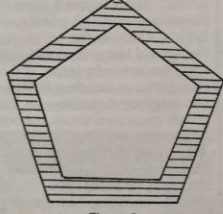


Figura 3

4. Dobre as beiradas do pano sobre a beirada do papel. Faça bem uma esquina em cada vez e coloque um alfinete (Figura 4)

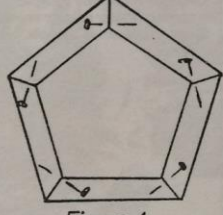


Figura 4

5. Alinhe em torno do retalho e remova os alfinetes. Faça uma costura dupla nos cantos.

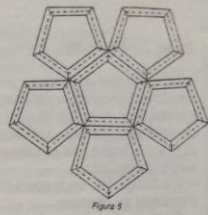


Figura 5

6. Quando as 12 partes estiverem prontas, junte 5 partes em torno de uma única, para formar a metade da esfera (Figura 5)

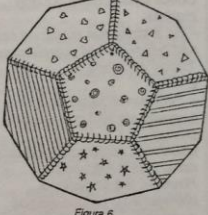


Figura 6

Para costurar as partes juntas, segure 2 delas com os cantos encontrados com exatidão e costure com pontos pequenos. Não faça nó na ponta da linha, deixando o fio entre as dobras e firmando-o, enquanto faz os primeiros pontos. Quando alcançar a esquina, continue a costurar, colocando o 3º pentágono depois o 4º e o 5º. Os alinhavos e o papel cartão continuam em sua posição até que a junção dos retalhos fique completa.

7. Faça a outra metade da bola com os 6 pentágonos, exatamente igual à 1ª metade.

8. Junte as 2 partes da bola, costurando com pontos pequenos; deixe 2 lados do último pentágono abertos para inserir o enchimento.

9. Remova os alinhavos e o papel cartão.

10. Encha a bola com material macio e lavável (enchimento de matelassê, espuma outros)

11. Feche os dois lados com pontos pequenos.

12. Complete com caseado (ou outro ponto) em linha grossa, passando por todas as costuras.

FIGURA 41: Modelo de atividade 8. REVISTA CRIANÇA, Edição 23 1992.

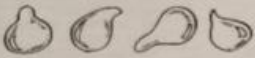
Quando a revista retoma a publicação de atividades na seção Criança Sugere, aparecem os seguintes tipos de atividades:

Criança Sugere


Construir Bonecos

Francisco Marques*

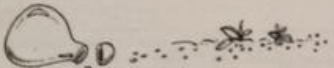
Para construir a cabeça do fantoche, podemos usar papel, pano, madeira etc. Aqui, vamos usar a cabaça. A cabaça é um fruto oco, de casca dura. No interior e na roça, a cabaça é muito usada para fazer cuita. Nas grandes cidades, as cabaças podem ser encontradas nos mercados e nas feiras. Tem cabaça de todo tipo.




A cabaça com pescoço é o tipo ideal para prender a luva do fantoche.




Corte a ponta e retire todas as sementes. E aproveite para fazer uma plantação de cabaças!



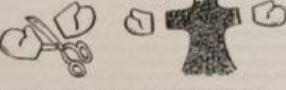
Agora, crie um rosto para o seu personagem.




Para tirar o molde da luva, use a sua mão como medida. Assim, o fantoche não ficará largo ou apertado. Passe o molde para o pano, recorte e costure com capricho.




De um pedaço de pano mais grosso (feltro, por exemplo) recorte as mãozinhas e costure na luva.




Crie, na luva, a roupa para o seu personagem.



Depois, amarre a luva no pescoço da cabaça.



Vamos, agora, aprender a segurar o boneco. Mindinho e Seu Vizinho, fechados, Pai-de-todos, Fura-bolo e Cata-piolho abertos, hem abertos. Pai-de-todos segura uma mãozinha, Fura-bolo segura a cabeça/cabaça e Cata-piolho segura a outra mãozinha.



36

Criança

FIGURA 42: Modelo de atividade 9. REVISTA CRIANÇA, Edição 26, 1994.


Criança Sugere

Os bonecos que contam as nossas histórias

Ana Rosa Beal*

Após ouvir a história que a professora contou, as crianças desenhavam os personagens numa cartolina.

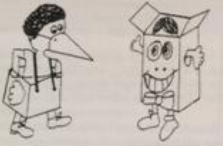
Elas pintam, recortam e fazem dois furos no lugar das pernas. É aí que elas vão introduzir seus dois dedinhos para dar vida aos personagens.



Aproveite essa técnica e veja como ela será prazerosa para suas crianças!

Disfarces

Vamos nos disfarçar e andar pela escola para ver quem nos conhece?



Utilizando caixas de papelão, as crianças confeccionam seus próprios disfarces.

Depois de passarem pela escola, o professor pode propor uma dramatização, as crianças montam o show e convidam amiguinhos de outras turmas para assistirem.

*Ana Rosa Beal é especialista em Educação Infantil

Criança

FIGURA 43: Modelo de atividade 10. REVISTA CRIANÇA, Edição 27, 1994.

1 Você vai precisar de: Sobras de papel (cartolina, jornal, revistas, sulfite, filtro de papel, papel crepom etc.), liquidificador, água, balde, peneira plástica (plana) ou moldes, jornal, tesoura, esponja, pano de prato, bacia ou banheira que caiba a peneira.

2 Como fazer: Pique o papel em pedacinhos pequenos e jogue num balde com água. Deixe de molho por umas duas horas. Pegue o liquidificador e encha até a metade com água, acrescente um punhado do papel picado do balde, tampe e bata até desmanchar o papel. Faça um "Suco de papel".

3 Despeje a solução na bacia e repita a operação até enchê-la. Pegue a peneira ou o molde e mergulhe na bacia de forma inclinada e suspenda de forma paralela ao fundo da bacia. Você está "pescando" a massa, (se quiser enfeitar seu papel você pode despejar na bacia pedacinhos de linha colorida, folhinhas ou até mesmo porpurina). Segure a peneira até a água escorrer.

4 Coloque a peneira com a massa sobre o pano de prato em uma superfície plana. Recorte o jornal do tamanho da peneira e coloque-o sobre a mesma, pressione com a esponja para retirar o excesso de água.

5 Pegue uma folha inteira de jornal e coloque sobre a mesa. Vire a peneira sobre ele e dê algumas batidinhas para soltar o papel da forma. Pronto!


6 Agora é só secar e usar a imaginação: escrever, desenhando ou pintar! O que antes ia pro lixo transformou-se numa folha pronta para ser usada de novo, e feita por você mesmo!

Bibliografia sugerida:
Rocha, Ruth e Ruth, Otávio - *O Livro do Papel: coleção O Homem e a Comunicação*; Editora Melhoramentos, São Paulo, SP, 1992.
Rocha, Otávio - *O Que é Papel? - Coleção Primeiro Passo*; Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1983.
Rocha, Otávio - *O Livro, como tudo acontece*; Oficina das Artes do Livro, São Paulo, SP, e Editora Jica, São Paulo, SP, 1993.

Receita de Massinha

- 3 xícaras de farinha de trigo,
- 1 colher de sopa de óleo,
- ½ xícara de sal,
- Água colorida,

Misture a farinha de trigo, óleo e o sal e vá acrescentando a água aos poucos até formar uma massinha.



Criança

FIGURA 44: Modelo de atividade 11. REVISTA CRIANÇA, Edição 28, 1995.

As imagens aqui reproduzidas trazem apenas algumas das atividades presentes na Revista como forma de exemplificar o que estamos discutindo nesse capítulo. Pode-se observar que essas atividades eram voltadas para sugestões de ações, nas quais o professor encontrava modelos organizados desde a preparação até intervenções com as crianças. Esses modelos de atividades trazem uma característica que nos desvela um pouco mais a respeito de que criança se falava. Embora possa parecer que não existe protagonismo, pois são modelos, os mesmos são pensados e apresentados a partir da idéia do ‘fazer junto’, do trabalhar coletivamente. Professor e aluno juntos em ação. Ação essa que tem como foco principal propiciar a criança colocar a ‘mão na massa’. As capas e as histórias em quadrinhos reforçam essa idéia. Nesse sentido a criança deixa a posição de expectadora e como centro do processo de aprendizagem age para aprender. Os procedimentos e a escolha das atividades vêm pautados pela imagem da criança enquanto ser ativo, criativo, capaz. Por outro lado, a presença de modelos e a dificuldade da Revista de deixar de oferecê-los também nos revela que esse professor é alguém que necessita de modelos para ação.

Quando nos voltamos aos artigos presentes na Revista essa imagem da criança construída a partir do que se espera da relação a ser travada entre professor e seus alunos ganha mais elementos. As publicações no período de 1986 sugerem que o professor de pré-escola trabalhe observando o desenvolvimento de seus alunos e ao mesmo tempo reflita sobre qual o papel da educação pré-escolar nesse desenvolvimento. Para tanto sugere que o docente entenda processos de: alfabetização, socialização, criatividade e as brincadeiras infantis.

Na edição número 15 a autora Solange Jobim e Souza (1986), pontua o papel do docente como um mediador da aprendizagem, organizando e estimulando competências nas crianças. A autora destaca ainda a importância do ‘acreditar’ na capacidade da criança, necessário para que haja sucesso no trabalho pedagógico:

(...) o professor vai criando uma série de estereótipos em relação aos seus alunos e uma expectativa negativa em relação a alguns deles. É evidente que a criança é capaz de perceber e de se transformar. Quando a criança não é estimulada, incentivada e acreditada por aqueles que são responsáveis por sua formação, ela acaba se convencendo de que todo seu esforço é inútil e passa a achar que “não vai conseguir nada mesmo”.

(SOUZA, S. Como avaliar na pré-escola. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 15, p. 10, agosto de 1986).

A autora em sua fala se contrapõe a estereótipos que levam a uma visão negativa da criança, ao mesmo tempo chama o professor para compreender que é a relação estabelecida pelo professor com as crianças que é o ponto de sustentação do trabalho pedagógico, e também da própria imagem pessoal de cada aluno. Um conjunto de artigos caminha nessa direção de desconstrução de estereótipos reforçando a necessidade de o docente conhecer seus alunos e, compreender como esses se desenvolvem para poder travar relações significativas.

A partir do pressuposto acima explicitado o professor em artigos como o de Silvia Maria Graciosa Botelho (1990), é incentivado a conhecer a história de vida de cada criança para compreender os comportamentos infantis através do convívio que esta possui com sua família.

Quer dizer, geralmente o professor forma a sua expectativa de sucesso ou fracasso da criança a partir do que conhece da história dessa criança. Isso se torna particularmente sério quando os alunos desse professor fazem parte das camadas mais desprivilegiadas da população. Na luta pela sobrevivência, diante de difíceis condições de vida, essas famílias passam por experiências que marcam negativamente os seus membros. Se, o professor não vislumbra a possibilidade de transformação do indivíduo no seu complexo (porque envolvendo muitos fatores) processo de socialização, certamente construirá uma expectativa muito baixa em relação à vida futura dessa criança, principalmente no que se refere à aprendizagem de novos conhecimentos que possam modificar a maneira como ela se situa e se relaciona na sociedade. Tal professor não tem claro para si o papel que desempenha na conservação ou transformação da realidade subjetiva dos seus alunos.

(BOTELHO, S. Socialização: um processo em constante mudança. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 21, p. 13, dezembro de 1990).

Os artigos procuram levar o leitor à percepção de que os estereótipos levam a ausência de movimento, de transformação, paralisam, tolhem as possibilidades das crianças. Para que o professor possa travar relações significativas é necessário que ele enxergue a criança como um ponto de mudança. Ela não irá e não precisa repetir o destino de sua família, pois sua capacidade é infinita. Sendo assim a forma como o professor se relaciona com as crianças é decisiva. É necessário que o professor acredite.

Apenas apontar a questão acima parece não ser suficiente no interior dos artigos, percebe-se a necessidade de definir-se o que é a criança. Na publicação número 23 no artigo de Maria Helena Novaes Mira (1992) pontua o que é ser criança trabalhando a questão das relações travadas e do necessário reconhecimento da criança como um

sujeito com vontades, desejos a serem construídos, ouvidos e, que serão diferentes dos adultos que as educam:

Afinal, o que representa “ser criança” na sua subjetividade? Desafiante indagação, uma vez que a criança é um ser enigmático, que se descobre e se renova a cada instante na riqueza de seu imaginário e do mundo mágico em que vive; é um ser sensível ao mundo, pode percebê-lo, senti-lo e organizá-lo na medida de suas possibilidades evolutivas e através das relações que estabelece. Quanto às relações dos adultos com as crianças estão, muitas vezes, vinculadas a modelos parentais ou repetidos, podendo os adultos verem-se refletidos na criança, seja projetando seus desejos e fantasias infantis, procurando ver naquela criança o que não conseguiram ser, ou idealizando aquilo que gostariam de ter sido.

(MIRA, M. O resgate social da criança na pré-escola. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 23, p. 12, 1992).

A partir dessa visão de criança que deve ser construída em uma relação a ser travada entre adulto e criança que prime pelo respeito, liberdade, Maria Helena Novaes Mira (1992) ainda destaca que o docente frente à criança que aprende, não deve trabalhar técnicas mecânicas e repetitivas e sem sentido para crianças: “Com tudo isso bem claro em nossas cabeças, saberemos variar e inventar atividades que beneficiarão realmente as crianças e garantirão a função pedagógica da pré-escola.” (MIRA, M. O resgate social da criança na pré-escola. Seção: Artigo. *Revista Criança*, São Paulo, Ed. 23, p. 12, 1992). Sugere ainda que o docente inicie seu trabalho através da exploração do universo cultural da criança para ampliá-lo.

No período de 1992 as reflexões ficam fortes na questão do apoio e do afeto para as crianças, destacando que esse apoio e afeto não podem chegar a uma superproteção para tanto é necessário preparar “os agentes educativos” para o trabalho com as crianças ajudando-as no seu desenvolvimento físico e mental.

No artigo **Falar é preciso** de autoria de Maria Lúcia Thiessen (1993), chama a atenção para postura sugerida do docente frente às crianças de dois e seis anos. São sugeridas várias posturas, das quais destacamos três:

(...) ouvir sempre com atenção o que elas falam, respondendo, dando sua opinião, questionando etc. sem fazer com que isto pareça uma aula;

(...) não interromper quando duas ou mais crianças estiverem conversando, apenas ouvindo para perceber em que estágio de expressão oral se encontram;

(...) não ficar magoada quando a criança, sinceramente emitir uma opinião não muito agradável para você, como “por que você é tão gorda?”

(THIESSEN, M. Falar é preciso. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 25, p. 04, 1993).

Observa-se com a sugestão o reforço de que o professor da Educação Infantil não deve ensinar a criança, somente mediar quando necessário e observar o desenvolvimento das crianças. Nesse mesmo artigo a autora destaca que a preocupação em estimular a interação da criança através do desenvolvimento da fala antecede e complementa a preocupação com a escrita. É interessante notarmos que a autora faz no artigo um esforço para levar o professor a compreender que a criança deve ser ouvida e, que a professora em sua relação com as mesmas deve primar pela escuta, sabendo trabalhar com opiniões emitidas pelas crianças que possam vir a desagradar à professora.

Na publicação número 28 o significado da infância é focalizado através de uma reflexão que entende a infância como uma realidade em permanente construção e que deve ser vivenciada. A autora Sandra Francesca de Almeida destaca que a infância nos apresenta aquilo no que o ser humano tem de melhor através dos conceitos de inocência, confiança, liberdade, criatividade. E a relação entre o adulto e a criança é entendida agora na perspectiva de Charlot:

A análise de Charlot (1986) sobre a relação social entre o adulto e a criança é muito próxima do pensamento walloniano. Vamos nos apoiar nela para reafirmarmos, uma vez mais, que a condição infantil não pode ser considerada abstrato. A sua significação concreta só é possível com referência à situação social, cultural e subjetiva da criança. Para esse autor, a criança é para o adulto um parceiro social que apresenta características específicas.

(ALMEIDA, S. Finalidades da educação: das concepções tradicionais a uma concepção dialética. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 28, p. 25-26, 1995).

Neste sentido procura-se redefinir o papel do próprio atendimento, como argumenta Miguel Gonzalez Arroyo (1995):

Outro ponto que parece importante colocar é a questão da consciência que hoje temos das especificidades de cada idade. Durante muito tempo pensamos da seguinte forma: na formação há dois tempos na vida das pessoas- o tempo do adulto, o tempo do trabalho, o tempo da vida pública, o tempo da política. Sempre falamos que a infância é o momento de educação, de preparação. A infância condensava o momento dos cuidados, como se criança fosse uma sementinha tenra de quem o educador cuidava como bom jardineiro. O educador, então,

era visto como um parteiro, um jardineiro, um condutor de infantes e a pedagogia sempre foi ligada à infância. Pedagogia significa “Condutor de Criança”, porque é a fase da educação.

(ARROYO, M. O significado da infância. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 28, p. 19, 1995).

Ainda de acordo com Miguel Gonzalez Arroyo (1995):

Outra concepção muito frequente no projeto educativo para a infância: a criança enquanto sujeito de domínio de atividades letradas. A pré-escola, o que significa esta palavra? Significa que entre os cinco/seis anos de idade a criança já tem que dominar se possível, habilidades de leitura, de escrita porque assim evitamos reprovação na primeira série. Esta concepção de submeter o mais cedo possível a criança aos cânones da escola dominou durante várias décadas e continua dominante. Não vai ser esta direção. Não queremos escolarizar precocemente. Não queremos que a criança não viva a infância em nome de uma escolarização precoce.

(ARROYO, M. O significado da infância. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 28, p. 20, 1995).

Os excertos de Arroyo revelam de forma contundente a tentativa de uma definição do papel educacional da educação infantil. A revista segue um caminho que parte da construção de uma relação diferente do professor para com a criança para definir-se então o papel pedagógico desse nível educacional. A criança deve ser vista como protagonista também, parceira do adulto e ao mesmo tempo pertencente a um mundo real, social, cultural sem estar sua vida por esse meio já estabelecida. A criança é livre para traçar seus caminhos o professor precisa demonstrar que acredita nela e em sua capacidade.

No número 20 de janeiro de 1989 Sonia Kramer em seu artigo “Pré-escola: (re) começando o trabalho”, traz explicitamente essa tentativa de definição. Vamos destacar aqui este artigo em especial por ele encerrar um conjunto de discussões que engloba o que apresentamos até o momento.

O artigo de Sonia Kramer (1989) abre o número de Revista que objetiva preparar o professor para o início de seu ano letivo. E é justamente esse o chamado feito pela autora para que o professor comece o ano discutindo, refletindo sobre o seu trabalho, para poder reformulá-lo, inová-lo procurando discutir no coletivo duas questões básicas: Para que serve a Pré-escola? E como organizar a pré-escola. Reproduzimos abaixo a resposta que a autora formula a primeira questão:

Existem pessoas que veem a pré-escola que veem a pré-escola como um lugar para treinamento de habilidades e formação de atitudes. De acordo com essa visão, o trabalho da pré-escola seria o de preparar as

crianças para elas os conteúdos e os hábitos que se imagina serem necessários para a escola de 1º grau. Neste tipo de pré-escola, são dados exercícios para as crianças fazerem, e as atividades são, em geral, dirigidas pelos adultos.

Outras pessoas, porém, acham que a pré-escola é lugar apenas para as crianças brincarem e se divertirem. De acordo com essa visão, o trabalho da pré-escola seria o de oferecer situações para as crianças, de forma a possibilitar o seu desenvolvimento, sem qualquer preocupação com a escola de 1º grau.

Neste tipo de pré-escola, são propostas atividades de forma a favorecer a espontaneidade e criatividade infantis.

E nós? Que papel atribuímos à pré-escola?

Nós não percebemos a pré-escola apenas como lugar de fazer exercícios e “deveres”, mas também não consideramos a pré-escola apenas como um lugar onde as crianças permanecem de forma totalmente espontânea. Ao contrário, entendemos que a maior contribuição da pré-escola é a de propiciar o desenvolvimento infantil enquanto garante a aquisição de novos conhecimentos.

Isso significa que a criança vai se desenvolvendo e conhecendo o mundo ao mesmo tempo. E as atividades realizadas precisam, assim, propiciar o seu desenvolvimento e, simultaneamente, a ampliação de seus conhecimentos: explorando, perguntando, observando, a criança vai conhecendo mais, e conhecendo mais ela irá experimentar observar, perguntar, duvidar, criticar...

(KRAMER, S. Pré-escola: (re) começando o trabalho. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 20, p. 02-03, 1989).

A resposta dada a questão por Kramer corrobora com o que temos apresentado nesse texto. Esse movimento de produzir uma pré-escola com fins em si mesma é ao mesmo tempo a diferenciação do ensino de primeiro grau, mas também a desconstrução do cenário da forma como esse atendimento vinha ocorrendo no Brasil. Mas porque há essa necessidade de desmontar reconfigurar uma determinada imagem do atendimento que está por sua vez pautada em uma imagem específica de criança.

Segundo Kramer (2003) a década de 70 do século XX no Brasil devido ao alto índice de repetência e evasão nas primeiras séries do primeiro grau gerou políticas públicas aonde a pré-escola era vista como salvadora. Ao mesmo tempo em que a pré-escola ganhou destaque, e teve sua oferta ampliada, seu centro não descolocou-se da saúde/nutrição e da assistência social. A ampliação da oferta ocorreu sem infraestrutura adequada ou pessoas especializadas, “quase 50% dos docentes tem apenas o primeiro grau completo e incompleto, Ferrari (1988, p. 69). Segundo Arce (1987), o trabalho voluntário era incentivado, via inclusive documentos oficiais. Quando a necessidade de um profissional especializado ganha corpo é justamente o caráter de preparação para o primeiro grau que o embasa.

A criação em 1975 da Coordenação de Educação Pré-Escolar (COEPRE) junto ao MEC levou a realização de um diagnóstico desse atendimento no Brasil, que referenda o que afirmamos:

(...) a insuficiência de educadores com preparo adequado é um problema que afeta a educação pré-escolar em quase todos os níveis. Em diversos lugares, além de professores formados a nível de segundo grau, empregam-se pessoas formadas em primeiro grau, mães de família, estagiários de faculdades de educação, enfermagem, serviço social, medicina, etc....
(Brasil 1975, p. 65)

Segundo Arce (1987, p. 75-76), durante o período de 1974 a 1979 a educação pré-escolar foi pauta de vários debates junto ao Conselho Federal de Educação, tanto que em 1979 o MEC reúne todos em uma única publicação: “Legislação e Normas da Educação Pré-Escolar”. Nessa publicação encontramos o parecer número 1600/75 que estabeleceu a habilitação em nível de segundo grau para o magistério pré-escolar. Esse parecer longo justifica a formação de profissionais pautando-se na redenção do ensino de primeiro grau:

Verificando-se o índice permanente e impressionante (apesar de novos programas de leitura, de sofisticados testes de aferição, de programas novos de comunicação e expressão, de projetos de treinamento de percepção) de reprovações na primeira série do atual primeiro grau e de evasão em larga escala, é que se constata a necessidade de um atendimento anterior à escolarização regular, de forma mediata, a fim de que as crianças consigam um grau de desenvolvimento global que lhes possibilite alcançar bons resultados nessa escolarização.
(Brasil 1979, p. 39)

Esse conjunto de discussões que por um lado aponta para a necessidade do atendimento e por outro o faz de forma precarizada tem suas raízes para explicação do fracasso das crianças nas primeiras séries na Teoria da Privação Cultural. Segundo Arce (1987, p. 72 e 73) A Teoria da Privação Cultural da qual se deriva a chamada educação compensatória chega ao Brasil através de estudos realizados por intelectuais e burocratas do governo brasileiro da implementação desse tipo de educação nos Estados Unidos da América. Sucintamente a Teoria parte do princípio de que filhos de pais pertencentes às camadas mais pobres da população iriam naturalmente reprovar ou evadir da escola, pois possuem ‘déficits culturais e cognitivos’ frutos do ambiente em que foram gerados e estão sendo criados. Assim sendo para que eles consigam quebrar esse ciclo de fracasso seria necessária uma educação anterior à entrada no primeiro grau

que viesse a compensar os ‘déficits’ que eles possuem. O mesmo parecer do qual reproduzimos um excerto acima referenda esse papel para a educação pré-escolar ao afirmar:

A rigor podem distinguir-se duas funções principais na educação pré-escolar: uma, que se poderá chamar de alimentadora a se realizar ao longo do processo regular de atendimento do pré-escolar, desde a creche até as classes pré-primárias; outra, que se poderia denominar de compensatória de carências variadas, que, sendo emergencial, se concentraria na criança de seis a sete anos, que, não trazendo maturidade suficiente para a escolarização do primeiro grau, seria para esta preparada em termos de educação para a prontidão.
(Brasil 1979, p. 41)

Vamos reproduzir mais um excerto desse parecer que define em seguida o caráter do trabalho da professora:

A professora precisa conhecer as necessidades do pré-escolar: suas características físicas (como o desenvolvimento muscular, a coordenação auditiva-motora-visual); condições de saúde, sócio-emocionais (como o egocentrismo, o gregarismo, a frustração, a necessidade de expressão) e mentais (a exploração, a comunicação, a dificuldade natural de abstrair e em se localizar no tempo e espaço).
(...) O trabalho da professora pré-escolar assume um caráter preventivo, de detecção, de encaminhamento, de correção – a tempo. Sua formação deve estar voltada para este aspecto e mais, dos meios de que dispor para atingir os objetivos deste tipo de ensino.
(Brasil 1979, p. 44-45)

Trabalhar partindo do princípio que as crianças possuem ‘déficits’ detectá-los preveni-los ou resolve-los por meio de uma educação de caráter compensatório que vise preparar a criança para o processo de escolarização posterior, em especial o processo de alfabetização, nos remetem a um adulto que vê sua criança como incapaz, carente. Quando pensamos que essas crianças atendidas possuíam sim carências do ponto de vista de sua saúde por conta de condições precárias de acesso a saúde, habitação e segurança podem desenhar uma paisagem nada favorável às mesmas se acrescemos que por conta de tudo isso elas ainda possuem ‘déficits de ordem cultural e cognitivo’.

Segundo Arce (1987, p. 85-86), em 1980 o MEC via COEPRE lança as Diretrizes do Pré-Escolar), esse documento aponta que o currículo e a metodologia da educação pré-escolar deveriam ter como objetivo preparar o aluno para a primeira série do primeiro grau, contribuindo para a queda efetiva dos níveis de evasão e repetência. Com o início da constituição nas universidades de grupos de pesquisa alguns autores começam a publicar fazendo a crítica ao cenário construído na década de 70 e início dos

anos 80. A Teoria da Privação Cultural e sua educação compensatória passam a ser vistos como geradores de exclusão a mascarar um atendimento de baixa qualidade, descompromissado com a criança, Abramovay & Kramer (1991). A psicologia impulsiona essa discussão, segundo Arce (1987 p. 87), com a divulgação das teorias do desenvolvimento infantil de Piaget, Wallon, Emilia Ferreiro por exemplo, colocando-se em contraposição aos estudos do desenvolvimento infantil que alicerçavam a Teoria da Privação Cultural. O excerto abaixo de Sonia Kramer nos traz uma pequena conclusão do que estava se debatendo para o atendimento em nível pré-escolar, de certa forma reiterando o que já apresentamos de seu artigo na publicado na Revista:

Nem inútil, nem capaz de resolver todos os problemas futuros, nem tampouco importante em por si mesma, a pré-escola tem sim como papel social o de valorizar os conhecimentos que as crianças possuem e garantir a aquisição de novos conhecimentos, exercendo o que me acostumei chamar de função pedagógica da pré-escola.
(Kramer 2003, p. 79).

Portanto todo o movimento que percebemos nos artigos da Revista de procurar um caminho para a pré-escola com fim em si mesma, pautada em outra relação a ser travada entre o adulto e a criança construindo assim uma imagem distinta de criança procura desconstruir, demolir esse cenário anterior.

Os artigos em análise nesse trabalho congregam outro momento em que os documentos oficiais referendam a imagem de criança em construção oposta as décadas anteriores. O documento, já mencionado anteriormente, publicado 2006: “Política Nacional de Educação Infantil”, define a educação Infantil como um segmento importante do processo educativo e seu currículo deve: “levar em conta, na sua concepção e administração, o grau de desenvolvimento da criança, a diversidade social e cultural das populações infantis e os conhecimentos que se pretendam universalizar”. (BRASIL, Política Nacional de Educação Infantil, p. 14, 1994). A questão central é a criança, seu desenvolvimento, sua especificidade que requer cuidados, mas não a escolarização entendida como precoce, não a preparação para uma escolarização posterior.

Ainda quanto à questão da escolarização precoce na edição 18 o pensamento pontuado era outro, ao abordar a transição da pré-escola para o ensino fundamental no artigo: “Que pré-escola é esta? ” A função da pré-escola e conseqüentemente da educação das crianças era outra:

A pré-escola tem também a função de contribuir com o ensino de 1º grau, que chamamos comumente de “escola”. Daí a constante necessidade de uma integração com esta, buscando uma coerência de atitudes e princípios. É necessário que a pré-escola responda à sede de conhecimentos da criança e que, ao mesmo tempo, procure desenvolvê-la em todos os aspectos. Somente desta maneira ela estará contribuindo para que efetivamente as crianças que chegam até ela possam enfrentar com mais segurança a 1ª série diminuindo assim a marginalização destas crianças.

(FARIA, Y. Que pré-escola é esta? Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 18, p. 05, 1988).

De ‘salvadora’ das primeiras séries do ensino de primeiro grau a pré-escola passa-se a defender sua contribuição para a escolarização posterior através do respeito à função pedagógica que ela encerra e, que não reside no caráter preparatório. As atribuições da pré-escola são vistas e revistas nos artigos da publicação de número 18 com a finalidade de argumentar sobre o processo histórico percorrido e também para incentivar os docentes a analisar seu papel e conseqüentemente aprimorar seu trabalho no desenvolvimento das crianças. Destacamos o excerto de Solange Jobim e Souza (1988):

De um modo geral, a pré-escola visa incentivar o desenvolvimento da criança nos aspectos cognitivos, linguísticos, psicomotores e socioafetivo, ao mesmo tempo em que garante a aquisição de novos conhecimentos. A pré-escola se configura, assim, como uma instância do processo de socialização da criança, mas abarca também a iniciação do processo de escolarização.

(SOUZA, S. A pré-escola hoje: transformações e definições. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 18, p. 09, 1988).

Ainda sobre a passagem da pré-escola para o ensino fundamental Solange Jobim e Souza (1998):

Da mesma forma que a criança se desenvolve e constrói seu conhecimento como um processo contínuo, a passagem da pré-escola para a escola não deve representar uma ruptura e sim a continuidade do processo de adaptação da criança ao mundo do “saber escolarizado”.

(SOUZA, S. A pré-escola hoje: transformações e definições. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 18, p. 10, 1988).

Neste artigo também são colocadas duas questões para o docente refletir sobre a função da pré-escola no desenvolvimento infantil, a saber:

- Para onde caminha a pré-escola?
- Para que serve o currículo?

A autora destaca que a pré-escola apresenta uma visão diferente a cada momento da história da educação e dessa forma o currículo também sofre alterações. Pontua ainda a necessidade de investimento político na modalidade e de consenso de profissionais no que concerne a linha de trabalho educativo.

Na edição número 30, no artigo de autoria de Beatriz Ferraz e Fernanda Flores (1999), as peculiaridades da educação das crianças de três meses a três anos são destacadas, bem como a postura docente de observador, para planejar e replanejar:

Os três primeiros anos da criança são marcados por um grande progresso em relação às suas possibilidades de movimentação e de relação com os objetos. Nessa perspectiva, o professor deve oportunizar dentro da sala de aula espaços que favoreçam as crianças o desenvolvimento dessas ações. Planejar percursos que devem seguir para irem de um canto a outro na sala, objetos no qual possam subir e descer, espaços para correr, pular, saltar e rolar são intervenções que o professor pode realizar para viabilizar este progresso. As ações das crianças é um grande aliado do professor nesses momentos, pois possibilita a ele conhecer o que seu aluno já sabe fazer sozinho e o que ele pode propor como desafio para que a criança conquiste novas habilidades.

(FERRAZ, B e FLORES, F. Espaços Atraentes: Espelho De Valores. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 33, p. 37, 1999).

Em alguns artigos o estímulo à criatividade é reforçado e é elencado que a criatividade e/ou aprendizagem deve partir de um ponto de interesse comum da turma e que o docente deve agir com paciência, pois é um processo lento e que requer constante estímulo pode-se observar na seção Entrevista na edição número 16:

O professor deve aproveitar aquela manifestação espontânea valorizando-a e num próximo planejamento levar em conta a criatividade da criança. É preciso estar atento para os interesses, gostos, e sugestões das crianças. Sempre estamos preocupados com os resultados rápidos, mas a criatividade muitas vezes exige esforço; temos que ser pacientes e esperar que aflore com tempo. Tudo é um processo, não podemos prever o tempo. Devemos sim, estimular e criar situações para que se desenvolva.

(SANTORO, L. Em busca da Criatividade. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 16, p. 15, 1986).

Ainda nesse sentido:

À medida que as crianças crescem, aumentam os desafios de planejamento. Na turma de seis anos o plano já é feito por semana, o que proporciona maior autonomia ao grupo para realizar as atividades e discutir com o professor o programa de trabalho. Tendo optado pela atividade e sabendo o que vai fazer, a criança é capaz de trabalhar sozinha. A classe se subdivide em grupos com várias atividades

diferentes ocorrendo simultaneamente. Depois de escolher a atividade, de acordo com seu interesse, as crianças passam a trabalhar em pequenos grupos, planejando o material de que necessita, dividindo as tarefas e registrando tudo. Em seguida, as crianças farão a exposição aos colegas do que o grupo produziu. Ao concluir a atividade, são escolhidos os melhores trabalhos que irão para o livro da vida classe, ou para o mural, ou para o livro de textos da classe.

(MENDONÇA, L. Criança também faz história. Seção: Artigo. **Revista Criança**, São Paulo, Ed. 22, p. 08, 1990).

A professora é estimulada a travar uma relação de mediação entre a criança, o conhecimento que ela já possui e o que ainda desconhece. Os artigos fecham-se na construção de uma relação entre adulto-criança pautada na mediação alimentada por uma visão da criança como ser capaz, sujeito, protagonista do seu próprio processo de aprendizagem.

4.2 Algumas Conclusões

Neste capítulo quando olhamos para as atividades apresentadas para o professor e para os artigos que procuram debater com o professor temáticas específicas, observamos uma coerência interna grande na proposição da Revista. No conjunto do material percebemos um esforço para se estabelecer uma nova relação entre o professor e suas crianças no interior das salas de Educação Infantil. Ao mesmo tempo em que essa nova relação é desenhada uma nova imagem de criança se constrói. Por fim busca-se dentro desse processo a definição do papel pedagógico da Educação Infantil.

Esse movimento é também um passo para se diferenciar a Educação Infantil do que ela foi no passado e, do ensino fundamental. Por isso a ênfase na relação professor aluno centra-se na arte de mediar, não ensinar. Na busca pela continuidade do trabalho pedagógico encerrada na observação, na escuta das crianças que trazem conteúdos para a sala de aula e, que devem ser priorizados. Por outro lado, essa criança precisa ser liberta de estereótipos, para que se possa então exergá-la como capaz, criativa, protagonista de seu processo de aprendizagem.

Ao mesmo tempo, o material aqui apresentado traz a contradição: tenta-se alterar a visão do professor e seu modo de operar, mas esse professor parece não conseguir libertar-se das 'receitas', ou seja, das atividades, dos modelos de ação. O discurso da prática que se tenta construir acaba por esbarrar nas necessidades da própria prática docente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi proposto dentro dos trabalhos de pesquisa realizados no grupo de pesquisas em História da Educação e Educação Infantil, coordenado por nossa orientadora. A realização desse trabalho vem de encontro a um dos objetivos do grupo que se centra em (re) construir a história da educação infantil no Brasil. A análise realizada procurou compreender, apreender a imagem de criança apresentada e veiculada pela Revista Criança no período de 1986 a 2002. Nossa hipótese inicial era a de que há, no decorrer da publicação da Revista, a partir da constituição do que seria a relação a ser travada entre a professora e seus alunos, a construção de uma determinada imagem de criança. Concluímos descortinando um pouco dessa relação esperada e, da imagem construída da criança. Entretanto, não podemos deixar de salientar que esta pesquisa, não possui a pretensão de apresentar a palavra final. Entendemos assim como Depaepe (2012, p. 123) de que uma das tarefas de quem pesquisa no campo da História da Educação é procurar nos discursos do passado o entendimento de como esse se constituiu. De certa maneira o pesquisador reconstruirá a própria História da Educação e, ao mesmo tempo está condenado a ver seu trabalho pertencer ao passado sendo por vezes também parte desse processo de reconstrução.

Ao perseguir nosso objetivo investigando foi que no capítulo 1 **Materialidade e organização das publicações**, realizamos uma explanação da materialidade das publicações da Revista Criança, respaldados nos estudos de Denice Catani (1994), que pontuam a importância deste tipo de trabalho acadêmico para percebemos como o discurso educacional vigente é propagado nos periódicos educacionais. Assim, passamos a descrever a observação das mudanças gráficas, de conteúdo e distribuição presentes nas publicações no período de 1986 a 2002.

Destacamos no capítulo 1, os aspectos referentes à diagramação, seções apresentadas como permanentes em todas as edições e seções que tratavam de temas variados, número de tiragem, número de revistas publicadas em cada ano do período observado com o órgão responsável pela edição. Fizemos também um levantamento dos artigos apresentados em todas as seções permanentes, com explanação do título e autoria dos mesmos, o que nos propiciou um levantamento dos temas mais recorrentes e dos autores que mais publicaram artigos para o periódico.

Tal levantamento despendeu rigorosa observação que possibilitou notarmos as alterações que o periódico apresentou no transcorrer dos anos e também o dialogo que o mesmo pretendia estabelecer com os leitores no caso docentes de crianças pequenas.

Já no capítulo 2: **Apresentação e organização das capas das publicações da Revista Criança nos valem** da observação das capas do periódico e de histórias em quadrinhos contidas nas publicações. Nesse capítulo a observação foi realizada, portanto, através de imagens, entendendo que as mesmas são expressões direcionadas a alguém, no caso do periódico, direcionadas aos docentes e profissionais da educação. (NÓVOA, 2000)

Com a observação das imagens pudemos inferir e concluir que a imagem de criança disseminada era de uma criança feliz, criativa, ativa, curiosa. E o trabalho docente, portanto, deveria ser o produtor dessa imagem criança. O periódico vai desenhando um discurso sobre a prática docente em consonância com o cenário político educacional. Cenário esse de reconhecimento da criança enquanto um sujeito de direitos, a criança enquanto cidadã. Ao mesmo tempo no discurso sobre a prática construído a criança sujeito de direitos, capaz passava a ocupar o centro do professo de aprendizagem.

Um exemplo dessa conjunção de discursos presentes no cenário político mais amplo e na revista é encontrada na contracapa da publicação número 17 sob a forma da seguinte mensagem:

“Acreditamos na nossa LUTA, por um melhor e maior atendimento à criança na faixa etária de 0 a 6 anos. Ela será consubstanciada pela inclusão dos DIREITOS DA CRIANÇA na Constituição do Brasil expressos nas propostas populares entregues aos Constituintes”.
(Revista Criança, contracapa, Edição 17, 1988.)

No capítulo 3: **A criança nos artigos da Revista Criança**, procuramos por meio da análise dos artigos da revista apreender como esse discurso sobre a prática, ou seja, essa relação que se esperava ver travada entre professor e aluno corroborava com o conteúdo de imagens da revista na construção de uma determinada imagem da criança.

No conjunto do material analisado podemos afirmar que o discurso construído a respeito da prática do professor baseou e se pautou em desconstruir a ideia de que a pré-escola e, pós- LDB 9394/96, a educação infantil teria objetivos pedagógicos similares ao ensino de primeiro grau (ensino fundamental) pós LDB 9394/96. E muito menos seria uma etapa preparatória para essa fase posterior da escolarização. Mas como se

construiu a diferenciação? Justamente na relação a ser travada pelo professor com o aluno. Relação pedagógica centrada no aluno e em sua capacidade de ação. Ação essa fulcral para o sucesso do trabalho em sala de aula. Concomitantemente essa ação do aluno que o professor deveria cultivar incentivar, estimular giraria em torno de conhecimentos que possuíssem caráter significativos para os alunos. Necessariamente a vida cotidiana e seus desafios deveria estar presente nas salas de aula. Construía-se paulatinamente a imagem de uma criança capaz, curiosa, pronta para agir, interessada, que cresce livre de estereótipos, uma criança que tudo pode ser e fazer.

Esse discurso veiculado pela revista aparece em suas páginas como caminho único para a formação de sujeitos que venham a ser cidadãos. Por outro lado, também observamos que a revista procura ancorar na psicologia da educação para justificar a necessidade da alteração na relação de aprendizagem e também para a construção dessa imagem de criança. Porém a revista acaba por não fornecer aos seus leitores discussões ou acesso às teorias que embasam os discursos, utilizando-se apenas de sucintas explicações, muitas vezes sem referências bibliográficas, ou mesmo, sem referenciar claramente autores e teorias. De certa forma a revista não consegue se desvencilhar de seu próprio passado Edit oral. Arce (1987) ao analisar o discurso a respeito da formação de professores presente na revista entre 1982 e 1985 aponta que todo o material produzido pelo MOBREAL, dentro desse material encontra-se a revista Criança, era marcado por um caráter de apresentação de modelos para a prática docente com uma mescla de extratos de discussões teóricas, sem se deixar muito claro sua origem. Como slogans certas palavras chaves eram repetidas nos textos e materiais apontando para um trabalho que seria mais significativo para as crianças.

Quando lemos e analisamos o discurso da revista apreendemos também que esse profissional, ou melhor, essa profissional, porque em alguns momentos a palavra professora é explicitamente usada, aparece como alguém que precisa de certa forma ser tutelado. Curioso observar que até 1984 não chamará esse profissional de professora, mas sim de monitora e a figura da monitora não se separa da mãe, segundo Arce (1987). A revista insere-se no contexto ao qual essa professora/monitora pertence marcado pelo voluntarismo, não profissionalização e própria indefinição de qual seria a função pedagógica e social do atendimento a crianças menores de 06 anos.

Concordamos com Arce (1987) quando afirma que esse cenário explicita o descompromisso com esse tipo de atendimento:

(...) sua proximidade com o doméstico, o privado o tornou algo que não necessita de muita estrutura e nem de profissionais formados para sua realização. Afinal a mãe 'educadora nata', educa e cuida de seus filhos mesmo nas piores condições possíveis e, não precisa aprender a fazê-lo é algo 'natural' a ela, 'natural' ao gênero feminino.
(ARCE 1987, p. 115)

Se voltarmos mais um pouco no tempo histórico perceberemos que a questão da indefinição da função da educação pré-escolar/educação infantil juntamente com a precarização tanto do atendimento, a não profissionalização dos adultos que realizam esse trabalho, bem como a percepção de que é 'natural' que esse profissional seja uma mulher, já estavam presentes.

Machado (2015) ao analisar o trabalho de quatro educadores voltados para o atendimento de crianças menores 06 anos: Heloísa Marinho; Nazira Féres-Abi-Sáber; Celina Airlie Nina e Odilon de Andrade Filho, conclui que apesar do trabalho intenso desses intelectuais para dar corpo e alma ao atendimento em pré-escolas, o contexto sociocultural político e econômico acabou por prevalecer:

A educação dos menores de 06 anos na sociedade republicana e início da militar brasileira entre 1934 e 1971, desta forma, foram delimitadas a uma esfera de indefinição, e quando se reporta a essa premissa de indefinição refere-se ao espaço obscuro que essa formação foi ocupando; seja na imprecisão de que tipo de atuação será destinado a essa criança e os objetivos da mesma, seja no profissional e sua formação para atuar com os pequenos, ou ainda na escassez de políticas públicas que reconheçam e atuem mais diretamente na educação desta criança. E isso pode ser claramente explicado tanto pela falta de políticas públicas, quanto pelos problemas de ordem social, econômica e política que o país enfrentava.
(MACHADO 2015, p. 267)

A revista, embora coloque-se em posição oposta acaba contraditoriamente corroborando com o passado e quando olhamos para a figura do professor de certa forma retratada na revista captamos esses fios sutis que a amarram ao que seu discurso se opõem.

Percebemos no transcorrer das análises que a imagem de criança que se construiu traz certo tom romântico e idealizado, ao passo que procura combater preconceitos e empoderar os direitos da criança. O romantismo, certo toque utópico, esconde-se na propagação da ideia da felicidade, da alegria que seriam frutos do trabalho pedagógico que se centre na criança seus interesses e necessidades. Quase que como uma chave mágica a abrir um ambiente de descobertas, compartilhamento de saberes. Não estaria aqui se mitologizando a imagem da criança? Apenas atividades que

propiciem a criança colocar a ‘mão na massa’ pautadas em seu cotidiano seriam suficientes para se provocar aprendizagens de caráter significativo? Centrar o trabalho pedagógico nas crianças tem sido um conceito chave, um slogan a de certa forma escamotear desacordos e, a justificar reformas e discursos sobre a prática que apontem para o sucesso no processo de aprendizagem. Concordamos com Depaepe (2000, p. 41) quando afirma que escolas trabalham com pessoas para quem os melhores planos e as melhores ideias podem não coincidir. Planos ideais são falíveis e em certo ponto por vezes vagos, imprecisos em sua execução. Além do que carregam objetivos, normativas por vezes não explicitadas. O material que analisamos nessa pesquisa nos revela contradições, ao mesmo tempo em que nos aponta um cotidiano nas salas de pré-escola que não se desvencilhou de seu passado, e um discurso que por vezes não toca o chão.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

ABRAMOVAY, M & Kramer S. “**O Rei esta nu: um debate sobre as funções da Pré-escola**” in Cadernos CEDES: Campinas, n 9, 27-38, 1991

ARCE, Alessandra. **A Pedagogia na Era das Revoluções – uma análise do Pensamento de Pestalozzi e Froebel** – Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

_____. **Jardineira, tia ou professorinha: a realidade dos mitos.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Programa de Pós Graduação em Educação. (1987)

_____. **Pedagogia da Infância ou fetichismo da infância?** IN: DUARTE, Newton (org.) **Crítica ao fetichismo da individualidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

_____. **Constituição (1988).** Emenda constitucional nº 53 Dá nova redação aos arts. 7º, 23, 30, 206, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e ao art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, em 19 de dezembro de 2006.

_____. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988,** Brasília: Senado Federal; Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC, 2006 a. 2.v..

_____. Ministério da educação e do Desporto. “**Diagnóstico Preliminar da Educação Pré Escolar no Brasil.**” Brasília, MEC, 1975.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil:** pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília, DF: 2006b.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC, 1998. 1.v.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC, 1998. 2.v.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC, 1998. 3.v.

- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 15 de 1986.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 16 de 1986.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 17 de 1988
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 18 de 1988
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 19 de 1988
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 20 de 1989
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 21 de 1990.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 22 de 1990.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 23 de 1992.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 24 de 1993.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 25 de 1993.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 26 de 1994.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 27 de 1994.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 28 de 1995.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 29 de 1996.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 30 de 1997.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 31 de 1998.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 32 de 1999.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 33 de 1999.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 34 de 2000.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 35 de 2001.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 36 de 2002.
- _____. **Revista criança do professor de educação infantil**. MEC, nº 37 de 2002.
- _____. Parecer CEB 022/98, de 17 de dezembro de 1998, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

_____. Parecer CEB 002/99, de 29 de janeiro de 1999, que instituiu o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

CATANI, Denice Barbara. **Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos**. São Paulo: USP, 1994. 167f. Tese (livre docência). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

DEPAEPE, Marc. **Vieja e nueva historia de La educación**. Barcelona. Octaedro. 2005.

_____, *Order in Progress- everyday education practice in primary schools, Belgium, 1880-1970*, (Leuven, Leuven University Press, 2000).

_____. (2012) **“Between Educationalization and Appropriation – selected writings on the History of Modern Educational Systems”** - Leuven University Press: Leuven.

DUARTE, Newton. **“Concepções Afirmativas e Negativas Sobre o Ato de Ensinar.”** In: DUARTE (org.) – O Professor e o Ensino – Novos Olhares – Cadernos CEDES nº 44. Campinas: CEDES, 1998, p. 85-106.

HAI, Alessandra Arce, Frank Simon & Marc Depaepe. **“Translating Ovide Decroly’s ideas to Brazilian teachers”** in *Paedagogica Historica*, vol. 51, issue 6, (2015), 744-767

FERRARI, A. **Evolução da Pré-Escola no Brasil no período de 1968-1986**. In Revista Brasileira de Educação – Brasília n 69 (161), 55-74, jan/mar, 1988.

KRAMER, Sônia. A arte do disfarce. 7ª edição. São Paulo. Cortez. 2003

NOVOA, Antonio **“Ways of saying, ways of seeing public images of teachers”**- in *Paedagogica Historica*, vol. 36, n 1, 2000, p. 21 - 52

MACHADO, Michele Varotto (2015). **“A Educação de crianças menores de 6 anos sobre a perspectiva de Heloisa Marinho, Nazira Feres Abi-Saber, Celina A. Nina e Odilon de Andrade Filho – Uma análise de suas ideias pedagógicas – 1934-1971**. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

SAVIANI, D. **A nova lei da Educação: trajetórias, limites e perspectivas**. 4ªed. Campinas, SP: Editores Associados, 1999.

TYACK David & Larry Cuban (1995). *Tinkering toward utopia: a texto é: Vera Valdemarin* (2010). **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Editora Cortez.

VALDEZ, D. **A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio Cesar Borges: o barão de Macahubas (1856-1891).** Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 2006.